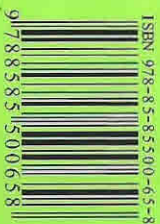
navegador sonâmbulo: [i n s ô n i a]

abrir · salvar · copiar · colar · imprimir · e-mail · procurar

http://www.insônia.com.br · atualizar · parar

Você tem um pai, você tem uma casa pra cuidar, você vai à escola, quer ser cientista, quer saber mais sobre a vida, sobre as pessoas, sobre você. Você tem uma turma que adora você, mas eles estão na internet e você nunca encontrou nenhum deles ao vivo.

Você gosta de aventura, quer saltar de paraquedas,tem as fantasias mais loucas, gosta de ler, gosta de viajar, gosta de zoar. Sua banda predileta é Garbage, você nem sabia que poesia era tão bom, e não sabia que uma certa pessoa gostava tanto de você.

Seja bem-vindo ao Insônia.
Sua viagem começa aqui.

ISBN 978-85-85500-65-8
9 788585 500658

navegador sonâmbulo: [i n s ô n i a]

salvar · copiar · colar · imprimir · e-mail · procurar

http://www.insônia.com.br · atualizar · parar

insônia

marcelo carneiro da cunha

Cláudia é uma garota moderna.

Ela vive com o pai, um cara legal, mas super desligado.

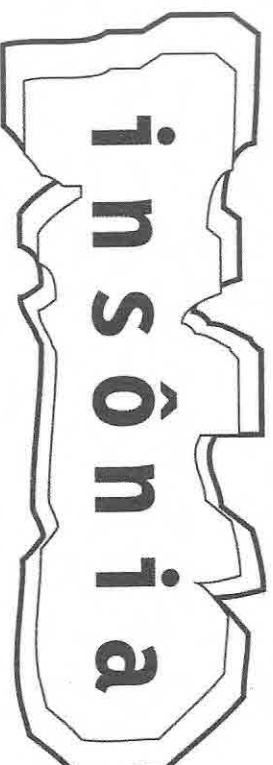
Ela quer ser cientista, entender mais sobre coisas como garotos e a vida em geral.

Ela tem uma turma na internet e ainda não sabe se quer um namorado.

Ela tem um admirador secreto, um garoto fora do comum, que gosta de poesia, de rock e de coisas assim.

Ela conhece uma garota mais velha, Dea, e tudo começa a acelerar.

Venha navegar em Insônia.
Um livro do tempo da internet, escrito de um jeito que não vai deixar você respirar.
Nem dormir.

Depois de ler, deixe o livro em um lugar publico para outra pessoa ler.
Homero.

marcelo carneiro da cunha

Capa e projeto gráfico: Tatiana Sperhacke
Produção gráfica: S2C (a partir da 5ª edição)
Revisão: Renato Deitos (a partir da 5ª edição)
Coordenação editorial: Annete Baldi

C972i Cunha, Marcelo Carneiro da
Insônia / Marcelo Carneiro da Cunha — 7.ed. — Porto Alegre: Editora Projeto, 2012.
168 p.: 14x21 cm

ISBN 978-85-85500-65-8

1.Literatura Juvenil: Novelas I. Título

CDU 087.5-053.5/6
869.0(81)-32

Ficha elaborada pela bibliotecária Mônica Germany — CRB 10/888

Conforme Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Editora Projeto Ltda
Rua Hoffmann 239 - Fone/fax (51) 33461258
90220-170 Porto Alegre RS
www.editoraprojeto.com.br

Impresso no Brasil

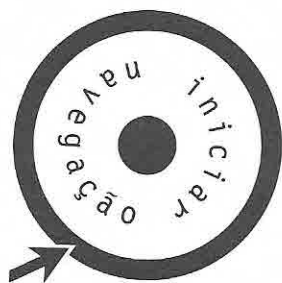
Este livro é baseado em histórias que escutei à beira de uma piscina em Florianópolis, num filme chamado Clueless, *nas muitas conversas que eu tenho tido com gente de todas as idades e jeitos, e nesta coisa incrível que subitamente invadiu a nossa vida nos anos 90 e se chama internet.*

O texto do Insônia *inclui trechos e traduções de poemas de Sylvia Plath de um livro editado pela Iluminuras em 94. Os trechos de poemas de Robert Frost e Carl Sandburg, assim como a tradução, vêm da minha memória.*

Este livro é oferecido a Cristine Zancani, que acompanhou Insônia *desde o começo.*

A um jornalista da Folha de São Paulo *que, em um texto, disse que a coluna que escreve é para "aquele garoto ou garota que lê Sylvia Plath e escuta Sonic Youth", o que me fez sentir vontade de fazer uma história pra essa gente que acredita que vale o tempo não passado na frente da tevê.*

E, de maneira muito especial, a Annete Baldi.

Marcelo Carneiro da Cunha

— Eu vi o jeito que ele olhou pra ela, e acho que rolou clima.
— Você está maluca. Endoidou de vez. Ela é total Chico, um horror.
— Cláudia, ela é total Galisteu. Bem do jeito que homem adora. Ele ficou caidaço.
— Carla, se você disser isso de novo, acerto o seu nariz. Juro que acerto. Vai ficar ainda mais derrubada do que já anda.
— Cláudia, verdades podem ser duras, mas eu sou sua amiga e preciso fazer você ver as coisas como elas são. Ela é total Galisteu. Falsa loira, burra, e homem adora. Vai fazer o quê?

Cortar os pulsos, acho. O que eu ia fazer? Homem é tudo igual mesmo, e eles gostam das mulheres mais erradas. Mesmo sendo meu pai, ele era homem e total panda quando o assunto é mulher loira. Deus meu, o que eu fiz pra merecer isso?
— Carla, só por cima do meu cadáver. Eu prendo ele em casa, faço um escândalo. Mas com aquela coisa o meu pai não namora. Nem pensar.

— Então se apresse, porque ele já deve estar convidando ela pra jantar outro dia. Olha só o jeito dele conversar com ela. Total Orlando Bloom, todo se fazendo. Aposto que já pegou o telefone, e-mail, tudo. Pode começar a chamar a tal de Mamãe.
— Nunca. Esqueça.
— Você é uma ingênua.
— Carla, eu acho que detesto você. Pode até ser a minha melhor amiga, mas você é total naja.
— Amigas são pra essas horas. Vá logo, antes que algum desastre aconteça.

Ela estava certa. O meu pai corria perigo e eu precisava fazer alguma coisa, rápido, antes que ele caísse nas mãos daquela coisa Wellatone que estava atacando ele todinho. Homens são mesmo uns fracos, e ele precisava de proteção. Respirei fundo e fui até lá dar um jeito na situação.
— Papi, não vai me apresentar a sua amiga?
— Cláudia, oi. A gente acaba de se conhecer. Tônia, essa é a minha filha. Cláudia, a Tônia é aluna na pós-graduação.

Bióloga ainda por cima. Devia ser química, pra fazer uma coisa daquelas no cabelo. Achei melhor ser diplomática.
— Papi, adoro suas alunas. Elas são sempre tão inteligentes.
— Elas? (Essa era a Tônia, sentindo o perigo.)
— As alunas do meu pai. Total interessantes. Qual a sua área de especialização, Tônia?

Ela começou a falar e não parou mais. Esse pessoal da pós é sempre assim. Adoram falar das pesquisas deles, dos bichinhos que matam pra descobrir não sei o quê. São o máximo. Logo o meu pai encontrou um conhecido do trabalho e saiu de perto, e eu deixei a Tônia contando tudo que ela sabia sobre bactérias pra um sujeito que passou por ali. Vida de filha é dureza, ainda mais com um pai como o meu, coitado. Um amor, mas tão ingênuo. Sorte que ele me tem por perto, senão ia ser um total desastre. Precisei aguentar mais um tempão naquela festa chatérrima, até o meu pai dar tchau pra uns conhecidos e a gente pegar o carro pra ir de volta pra casa. A gente deixou a Carla em casa e seguiu adiante.
— Papi, adorei a Tônia. Por que não convida ela pra ir nos visitar uma hora dessas?
— Tônia?
Pronto. Ele já nem lembrava daquela mané. Pai é assim mesmo. A gente cuidando direito, eles fazem tudo certinho.
— Aquela garota que estava com você antes, na festa.
— Ah!

Ele falou um ah tão sem interesse que eu logo vi que não morava mais nenhum perigo por ali. Pai é assim. A gente tem que marcar de cima, porque o que tem de mulher total Adams por aí não é normal. Adams, do chiclete Adams mesmo. Do tipo que gruda e não desgruda, a não ser que a gente tome certas providências, que nem a tal de Tônia, com aquele cabelo esquisito. Comigo não tem vez, e pra chegar perto do Papi tem antes que conseguir o Certificado Cláudia de Qualidade. Só que eu nunca acho nenhuma mulher boa o bastante pro meu pai, e não é nada contra mulheres em geral, claro que não. É só que o meu pai é muito panda, não entende as mulheres e, então, eu preciso cuidar dele, coitadinho. E cuido mesmo.

Vou falar logo pra vocês entenderem. A minha mãe morreu quando eu tinha uns 6 anos. Pronto, falei e fim. Já faz um tempão, mas é sempre difícil falar sobre isso. Acho que só quem passou por uma coisa assim pode entender por que as coisas são assim, tão diferentes pra mim, por que eu não faço as mesmas coisas que as minhas colegas, por que o meu pai e eu somos tão próximos.

Eu me lembro dessa coisa que aconteceu logo depois que a minha mãe morreu. Eu estava na escola, e claro que sempre tem um Dia das Mães, com festa e as crianças mostrando as coisas que fizeram pras mães, tipo cartão feito com tinta e cola, todas aquelas bobagens que a gente faz e a mãe chora e diz que é uma maravilha. Só que naquele ano eu era a coitadinha da turma, e o pessoal estava super sem jeito de fazer uma festa, porque a minha mãe tinha morrido.

Só que aí veio alguém mais Einstein e falou que não ia adiantar nada não fazer festa do Dia das Mães, que ia ficar mais estranho do que fazer, e o pessoal resolveu tocar adiante, e eles disseram que todas as mães da escola iam ser um pouco a minha mãe, e eu disse que tudo bem, e a gente montou o cenário pra peça, e fez os presentes e tudo mais. E na hora da festa, quando todo mundo estava se preparando, eu olhei pro pessoal que estava lá fora, e era um monte de mulher, as mães de todo mundo, e no meio delas, estava o meu pai, que tinha vindo pra ser a minha mãe também. E ele ficou lá no meio daquele monte de mães, e recebeu o meu cartão, e viu a peça, e bateu palmas e tudo mais. Depois dessa vez, todos os anos ele apareceu na festa, não importando se ele estivesse cheio de trabalho, ou com um monte de compromissos, ou do outro lado do mundo. Ele sempre estava lá. É por isso que ele é a pessoa total mais importante pra mim, e vai ser sempre, eu acho.

E é por isso que eu não tenho tempo pra ficar fazendo um monte de coisas que as minhas amigas fazem, tipo ir ao shopping e essas coisas de garota, porque eu tenho muita coisa pra fazer. Eu tenho que tomar conta do meu pai, por exemplo, que pode ser um biólogo super competente e cheio de mestrados e doutorados e coisas desse tipo, mas que em assuntos domésticos não serve pra nada. Se não fosse por mim ele só comia Miojo Lamen, se eles tivessem tele-entrega de Miojo. E não que a gente seja pobre, nada disso. O meu pai é biólogo e consultor de empresas pra assuntos de genética molecular e ele ganha super bem. Ele não dá muita bola pra dinheiro, coitado, se veste como se estivesse sempre no meio de uma guerra, ou pronto pra viajar pra uma das pesquisas malucas dele. Ele descobriu que existem umas bactérias que vivem nos lugares mais estranhos, tipo vulcão submarino, ou no fundo de cavernas, e ele vai lá pra pesquisar como elas sobrevivem. Parece que elas podem ser super úteis pra gente ter uns remédios novos e pros clientes dele ganharem milhões de dólares.

Ele nunca sabe quanto tem no banco, e eu tenho dinheiro na minha conta pra comprar as coisas pra gente, senão nem sei como ia ser. Além disso, eu tenho a herança da minha mãe, porque o meu pai nunca quis tocar num centavo das coisas que eram dela e colocou tudo no meu nome. As minhas amigas acham o máximo, porque elas acham que eu posso comprar tudo que quiser, mas não é nada disso, porque eu sei que se a gente gastar muito pode ter problemas no futuro, e eu me preocupo muito com o futuro, porque eu quero fazer o meu mestrado fora do Brasil, não sei ainda onde, mas isso custa um monte de dinheiro, por isso eu não compro um monte de coisa que seria muito legal ter. Eu acho que existem outras coisas muito importantes, e eu acho que penso isso por causa do meu pai, que sempre diz que a gente tem que cuidar da nossa cultura, da nossa inteligência, porque isso é o mais importante, e eu concordo com ele. As minhas amigas acham que eu sou maluca, mas eu tenho responsabilidades que elas não têm, e isso faz muita diferença nessa idade em que a gente está.

Outra coisa: é muito importante ele nunca ficar sozinho em casa, porque ele odeia e fica super mal. Ele sabe se virar, pode pedir pizza pelo telefone e sabe fazer funcionar tudo quanto é tipo de máquina, máquina de lavar louça, roupa, máquina de fazer café, forno de micro-ondas, qualquer negócio. Se ele quer, ele até faz umas comidas super exóticas, super finas, com peixes, carnes e um monte de coisa difícil de pronunciar, mas isso só em ocasiões especiais. No dia em que ele me falou que a gente ia morar dois anos na Inglaterra, pra ele fazer o pós-doutorado, ele fez linguado com caviar, colocou toda a nossa louça inglesa, candelabros, toalha de linho especial, pra me perguntar se eu queria ir junto com ele ou preferia ficar no Brasil com a minha avó. Nessas horas ele sempre me chama de princesa, e eu me sinto uma princesa mesmo. Claro que eu quis ir junto, e foi super bom, porque eu aprendi um monte de coisa, aprendi inglês com o maior sotaque de lorde, nas férias o meu pai alugou carro e a gente viajou pela Itália, pela Alemanha, pela Áustria, por tudo.

Eu lembro sempre da minha mãe porque a casa é cheia de fotografias dela, que o meu pai nunca deixa ninguém tocar, nem a faxineira. Até hoje ele ainda chora um monte; ele não é nada como as pessoas pensam que os homens são, nada disso. Ele é um cara super sensível e nunca se esquece da minha mãe. Ela era muito linda, é o que todo mundo diz, e não acho que é só porque ela morreu. Nas fotos ela é muito bonita e era super moça e tudo mais, só que teve um super azar, porque veio esse cara imbecil que tinha bebido um monte e estava dirigindo e bateu no carro dela. Quando eu vejo que tem gente que faz isso ainda,

quero dizer, que bebe e sai dirigindo, a minha vontade é ir lá e dizer horrores. E às vezes eu vou lá e digo, falo mesmo, digo, "idiota, por que você está dirigindo desse jeito? Você não pensa nos seus filhos, ou nos filhos dos outros?" Eles ficam putos comigo e me mandam longe às vezes, mas eu sei que no fundo eles ficam pensando no que eu falei. Eu sei que sim.

Mas eu não quero ficar falando nisso, quero dizer, nessa história da minha mãe, pra ninguém ficar pensando que eu quero parecer uma coitadinha. Até porque não é verdade, e todo mundo que me conhece sabe muito bem disso. Eu tenho uma vida muito legal, é o que eu acho. Só contei isso sobre a minha mãe pra vocês entenderem toda essa coisa, porque tem tudo a ver com o meu pai, quero dizer, com ele ser sozinho e nunca ter casado de novo.

Ele nunca teve nem uma namorada de verdade, que eu lembre. Aí vocês já podem estar pensando que é por minha causa, porque eu não deixo ou não quero outra mulher no lugar da minha mãe, mas não é nada disso, nada dessas histórias de filme de sessão da tarde. Eu sempre achei que ia ser ótimo ter uma namorada pra ele, coitadinho, porque assim ele não ficava tão sozinho, assistindo televisão ou só saindo pra jogar tênis com os amigos e me levando junto, ainda por cima.

Claro que eu não quero que ele arranje uma namorada total nada a ver. Nada de Galisteu, nada de Miss Silicone, nada disso. Eu acho que ia ser ótimo pra ele encontrar uma pessoa legal, que gostasse dele de verdade e cuidasse dele. Eu sempre achei que isso ia ser super, porque aí eu ia poder ficar sossegada e tomar conta das minhas coisas, sem me preocupar tanto com ele.

As minhas coisas são muitas. Eu sou super ocupada, total sem tempo pra besteira, como a maioria das minhas colegas. Elas vão à escola, depois vão pra casa, aí se telefonam, e depois vão pro shopping, ou vão pra casa umas das outras pra falar sobre as mesmas coisas que falaram no telefone quinze minutos antes, e falam dos namorados que têm, dos que já tiveram, dos que querem ter, ou ficam falando dos garotos total Pitt, lindos e que elas nunca vão chegar nem perto. Depois falam um pouco do pessoal da aula, falam da roupa da festa do fim de semana passado, das roupas pra festa do fim de semana que vem, vão pra academia malhar um tempo, pra não ficarem total caidaças antes de chegarem aos dezesseis, que é o que elas mais têm medo, e então vão pra casa, fazem alguma coisa pra escola e ligam pras amigas pra botar os assuntos em dia, e aí vão dormir, porque o dia foi mesmo muito duro.

Aqui estou eu, total naja falando delas assim, mas é mais ou menos isso mesmo, e eu nem estou exagerando. Por isso que eu gosto da Carla, da minha amiga. Porque a gente é diferente, e é duro a gente ser diferente sozinha. Com uma amiga dá pra levar.

Nós duas não somos bem iguais, iguais. A Carla é mais festeira. Tá sempre enrolada com homem, e ela é gostosa mesmo, então a rapaziada vive no pé dela. Só que ela é muito legal, quero dizer, não é só um rostinho bonito, e uma bunda bonita, e peito bonito, como um monte de colega minha. Ela não é nada trouxa não, ela pensa, é uma garota inteligente. Ela não gosta de estudar tanto como eu, quero dizer, ela não é total Einstein nem nada, mas dá pro gasto. A Carla diz que vai ser publicitária e por isso passa um tempão lendo revista e vendo tevê. Ela diz que não está só olhando bobagem, que está analisando a linguagem publicitária dos anúncios. Ela até analisa os anúncios, e, se tiver homem bom, analisa mesmo. Até acho que ela vai mesmo ser publicitária, porque ela é super rápida e escreve super bem.

Eu já sou diferente. Acho que eu quero ser uma cientista em alguma coisa, que nem o meu pai. Como eu ainda não consegui resolver em que ciência eu vou ser cientista, eu experimento um pouco de tudo. E por isso eu nunca tenho muito tempo livre, porque eu tenho muita coisa pra pesquisar e passo um super tempo na internet, estudando um monte de coisa que tem lá e navegando direto, porque a internet é a coisa mais total que eu conheço. Claro que não dá pra explicar isso pras minhas colegas, porque elas fazem uma cara de quem nem entende do que eu estou falando. Os garotos entendem, mas quando me convidam pra ir até a casa deles pra navegar, o que eles estão a fim é de acessar outra coisa, não a web. Nada contra, eu não sou total anjo nem nada, só que eu não acho nenhum deles tão demais assim, então prefiro ficar mais solta. A vida já é complicada, com homem grudado no pé fica uma coisa total Carandiru, é o que eu acho. A Carla é o exemplo. A

agenda dela parece páginas amarelas, tem homem pra todo o tipo de serviço, e sempre tem um apaixonado telefonando pra ela nas horas mais nada a ver, e chorando, e enviando flores, todas essas coisas. Eu não quero nada disso, nada de confusão, por isso sempre fico mais com as minhas coisas.

Eu saio com a Carla no fim de semana, o meu pai leva e às vezes busca. A gente vai a uma festa, ou vai ao cinema e depois vê alguma coisa na tevê; isso se ela estiver sem namorado, o que é meio raro. Quando ela está com namorado a coisa fica mais difícil, porque ela sempre quer arranjar um cara pra ir junto e eu não ficar sobrando, total coitadinha. Aí o cara sempre pega na minha perna no cinema, total mané, nem tenta antes entender a coisa toda, quero dizer, se a gente vai ao cinema, é pra ver o filme, não pra ficar comendo pipoca e se amassando. A Carla fica uma fera comigo, diz que eu sou uma boba e que vou morrer virgem e freira.
— Um coisa não tem nada a ver com a outra.
— Virgem, então. Uma trouxa.
— Carla, você parece uma total vadia. Até parece que já transou com todo o oitavo regimento de cavalaria.
— Oitavo quem?
— Nada, só quis dizer um monte de caras. Ao que me conste, a sua lista não vai tão longe.
— Só porque eu não fico contando tudo pra você, não quer dizer que não aconteça.
— Carla, cresça.
— Cláudia, você é uma pessoa triste, patética e deprimente.

Eu acho que a gente é diferente, só isso, e tudo bem. Eu faço que não ligo quando vejo que ela está com um namorado novo, mas no fundo, no fundo, sempre bate uma coisa estranha, tipo vendo ela ali tão contente, trocando mil carinhos e segredos. Não que eu queira isso, porque eu acho que a gente tem tempo de sobra pra pensar nessas coisas mais tarde, quando a gente é menos garota, menos criança, que agora é melhor eu fazer as minhas coisas e pronto. Mas tem horas difíceis, em que eu olho a Carla e o garoto que estiver com ela, os dois ali, e me dá essa coisa no estômago, que acho que nem sei explicar. Acho que me sinto sozinha, e aí penso de tudo, na minha mãe, me sinto total coitada, um horror. O truque é não deixar esse negócio tomar conta, pra não ficar chorando pelos cantos. Eu arranjo uma coisa pra fazer, saio pra comprar alguma coisa pra casa ou então entro na internet, pra conversar com pessoas diferentes, de tudo quanto é parte do mundo. Isso é mesmo super, e eu começo a conversar e o tempo passa e, quando vejo, passou a sensação também.

Eu estou pensando tudo isso e olho pra fora do quarto nesse instante. São seis horas e já está escurecendo. Olhando pela janela, vejo o meu pai chegando e aceno pra ele. Hoje a gente combinou de fazer um jantar especial e ficar em casa, só a gente, vendo tevê, conversando e navegando um pouco. Ele me pediu pra achar uns sites de pesquisa e eu quero mostrar pra ele o que encontrei. A gente é assim, total próximos, por isso que eu falei que a minha vida é muito boa, mesmo que às vezes falte uma coisa ou outra.

Quando eu desço pra falar com ele, ele já tirou o casaco e está sentado com um jornal. Dou um beijo.
— Papi, você gostaria de um drinque antes do jantar?
— Uísque com gelo, que tal?
— O mesmo pra mim, se o senhor não se importa.
— O senhor se importa. Você é muito novinha pra beber.
— Na minha idade a minha avó já era casada e quase com filhos.
— A sua avó era doida. Todas as nossas avós e bisavós e tataravós eram doidas. Elas não tinham nada melhor pra fazer mesmo.

O meu pai sempre fala de como as pessoas eram doidas antigamente. Ele acha o progresso o máximo e acha que a humanidade melhorou muito. Eu falo de bomba atômica, e ele fala de penicilina. Eu digo AIDS, ele responde vacina contra paralisia infantil.
— Camada de ozônio.
— Mp3 player.
— Galinhas cheias de hormônios.
— Carne de frango boa e barata.

— Poluição do ar.
— Automóvel, avião, trem. Ou você gostaria de andar a cavalo?

E assim vai. Eu acho ele total otimista, nem vê a bagunça em que o mundo anda. Ele diz que nunca foi melhor, que a gente esquece que o passado também tinha problemas. E o pior é que ele acaba ganhando as discussões porque sempre tem uma informação a mais. Esses dias a gente estava comentando uma revista que falava da escravidão, e eu disse que escravidão era um horror. Ele disse que a escravidão era um horror, mas que era um avanço pra humanidade.
— Dessa vez você exagerou. Como pode ser um avanço? Era um horror e ponto.
— Horror é relativo. Antes de inventar a escravidão, eles matavam todos os prisioneiros. Aí um dia pensaram que podia ser melhor escravizar o cara e ganhar um dinheiro do que simplesmente matar todo mundo. Pergunte pra um cara se ele prefere ser escravo ou morto.

O meu pai parece meio fora do mundo mas é super informado e me ganha quase sempre. Mas não deixa de ser divertido a gente conversar, porque pelo menos eu aprendo um monte de coisas. Quando ele chega em casa é mais ou menos assim. A gente conversa um pouco de coisas em geral, fala das coisas mais importantes que estão acontecendo, e depois vê televisão, lê um pouco, navega na internet, essas coisas. Depois ele sempre tem algum amigo com quem ele precisa falar de trabalho, e eu encontro a minha turma da internet e a gente conversa por um tempo. Depois eu ligo pra Carla e a gente se dá tchau e boa noite.
Com a minha turma da internet eu converso com o mundo e coisas assim, porque quando a gente está on-line todo mundo é virtual, quero dizer, a gente conversa, mas não está em lugar nenhum. Por isso eu acho que a gente fica meio filosófico. Com a Carla a coisa é diferente, e a gente fala das coisas mais bobas e das coisas mais legais, porque amiga é pra essas coisas. Com o meu pai eu falo sobre o dia, sobre o que o encanador disse que a gente precisa fazer, sobre o pagamento do cartão de crédito, sobre um programa shareware que eu descobri, sobre uns sites. Parece meio sem graça, mas eu adoro, porque eu sinto que a gente é super amigo, mesmo que não dê pra falar sobre uma série de coisas. Eu não converso com ele de homens, de sexo, essas coisas, porque fico sem jeito, e acho que ele também. E ele não me fala de mulheres, das histórias que ele tem de vez em quando, porque acha que eu vou ficar achando que ele está traindo a memória da minha mãe, ou algo assim. Só que ele não precisa me dizer nada, porque eu fico sabendo igual. Ele esquece que sou eu quem paga o cartão de crédito dele, então fico sabendo que ele esteve em Campos do Jordão, hospedado no Hotel da Serra, bem no mesmo fim de semana em que me disse que ia estar num congresso de biologia no Rio de Janeiro.

O meu pai é mesmo muito tolo se pensa que me engana. Claro que ele não pensa em outras mulheres pra casar, pro lugar da minha mãe. Mas ele precisa namorar de vez em quando, coitado, e eu iria dar a maior força, se ele ao menos me perguntasse.
— Cláudia, você falou alguma coisa sobre a imobiliária?
— Ligaram hoje. Acho que querem que a gente pague alguma coisa extra.
— Você fala com eles e resolve?
— Claro.

O meu pai detesta esse tipo de coisa. Eu não me importo, e ele me paga pra isso. Eu tenho um salário mensal pra administrar a casa. A maior parte eu guardo numa poupança. Acho que daqui a pouco eu vou ser uma mulher rica.
— Que tal o jantar?
— Uma delícia. O que era?
— Você nem sabe o que comeu? Como pode achar uma delícia?
— Eu posso gostar de uma coisa que eu não sei ao certo o que é. Peixe é peixe.
— Era linguado ao molho de mostarda. E o molho eu mesma inventei.
— Estava mesmo uma delícia.
— Se eu desistir de ser uma cientista, acho que vou abrir um restaurante.
Ele me olhou preocupado. O meu pai nunca sabe se eu estou brincando ou falando sério.
— Brincadeira. Eu vou ser cientista, pode deixar.
— Eu nunca disse que você tinha que ser cientista.

— Mas ia adorar.
— É normal. Eu ia me sentir orgulhoso. Mas acho que eu vou sentir orgulho de você de qualquer maneira. E abrir um restaurante pode ser um bom negócio.
— Falando em negócio, havia um recado na secretária eletrônica. Era o seu amigo da Genética, pedindo pra você ligar e confirmar o negócio.
— Que negócio?
— Não sei. Ele só falou isso. Pra você confirmar o negócio.

O meu pai ficou pensando, quieto, e eu logo vi que ele queria lembrar que negócio era esse. Ele é meio cientista maluco e esquece tudo que combina, e se eu não cuidasse da agenda dele ele nunca ia chegar no lugar certo, na hora certa, nem no mês certo. O meu pai é dos mais confusos, coitado.
— Ah!
— Que ah! foi esse?
— Lembrei qual era o negócio.
— Que negócio?
— O negócio que o Carlos quer confirmar. É um encontro de pesquisadores que a gente está organizando lá no departamento. Pra reunir pessoas de diversas áreas da universidade e trocar ideias.
— Uau! Total excitante.
— Claro que é excitante. Vai ser num hotel em Florianópolis; tipo resort, na beira do mar. As pessoas ficam mais à vontade.

Eu ri.
— Vocês num hotel à beira-mar?
— O que é tão engraçado?
— Vocês não combinam com resort. Vocês ficam melhor num laboratório. Com um monte de tubo de ensaio e uns Frankenstein pra deixar a festa animada.
— Você é mesmo muito engraçada. Muito senso de humor.
— Não é sua culpa. Você simplesmente não nasceu pra playboy. Sorry.
— Eu pensei em levar você junto.
— What? Eu junto com seus amigos cientistas? Sinto muito, mas acho que eu tenho prova na escola bem nessa hora.

— Cláudia, o lugar é fora da cidade, tem piscina, quadras de tênis, cavalos, tudo. E eu não queria que você ficasse sozinha no fim de semana.
— Não vai ser o primeiro.
— Mas eu gostaria que você viesse.

Eu já estava entendendo. O meu pai estava era com medo de estar com um monte de gente em um lugar como esse. Ele odeia piscina, cavalos, vida no campo, todas essas coisas. E comigo por perto ele sempre podia dizer que precisava cuidar de mim e escapar de alguma situação mais complicada. Na verdade, eu estava achando o máximo ganhar um fim de semana de graça em Florianópolis em um resort na frente do mar. Só que eu não queria que ele ficasse sabendo, pra parecer que eu estava fazendo um favor pra ele. Essas coisas sempre acabam rendendo, no futuro.
— Você fica me devendo uma.
— Fico.
— Fica me devendo uma grande.
— Fico.
— Viagem a Porto Seguro no verão.

Ele ficou vermelho. Um dos maiores medos dele é que eu fosse para Porto Seguro, porque uma amiga dele acabou de passar o verão lá e disse que aquilo é uma festa incrível. Eu não sei por que, mas às vezes eu penso que eu precisava disso mesmo, de uma festa incrível pra eu ser um pouco menos séria, sei lá. A Carla adorou a ideia e disse que se eu conseguisse convencer o meu pai a me deixar ir, ela convenceria os pais dela e a gente ia passar o verão das nossas vidas.
— Viagem a Porto Seguro ou nada.

Ele ficou um tempo pensando. Acho que ficou em dúvida, mas deve ter pensado no fim de semana e então deve ter se convencido de que precisava negociar.

— Mas alguém adulto vai junto.
— Não sendo você, tudo bem.
Ele ficou preocupado de vez. Mas trato é trato.
— Certo.
— Me fale mais desse lugar em Florianópolis.
Parecia tudo ok. Eles iriam passar três dias nesse hotel. Eu ia ter um quarto só pra mim, com telefone e tudo mais, pra eu poder falar com a Carla e poder me ligar na internet, era só eu levar o meu notebook. Por mim tudo bem. Eu não precisava mais ir com a Carla a uma festa chata, e ainda ganhava a viagem a Porto Seguro. Total bom negócio.
— Certo. Você liga para o seu amigo e eu vou começar a preparar as coisas pra gente levar.
— Que coisas?
— Esqueça. Você nem pense nisso. Deixe comigo.

Liguei pra Carla pra contar as novidades. Ela adorou a parte de Porto Seguro, e ficou triste com a parte de eu não ir mais à festa.
— Que pena. Eu conheci um garoto fantástico pra apresentar pra você.
— No thanks, eu lembro do último.
— O Tom era uma gracinha.
— QI de um pinguim. Só falava de onda.
— Como você é enjoada. O garoto era querido, podia não ser Einstein, mas era querido.
— Carla, não precisa ser Einstein. Mas aquele cara não conseguia nem usar talher.
— Você simplesmente não tem jeito. Total megera.
— Então você tem mais é que ficar feliz por estar livre da megera.
— Estou mesmo. Super feliz. O que eu vou dizer pro garoto agora?
— Acho que estou entendendo agora. Este garoto por acaso não tem um amigo que é simplesmente uma gracinha?
— Bom, até que sim. Ele tem mesmo um amigo que é até bem interessante. Não que eu estivesse sendo interesseira. Eu estava só pensando em você.
— Me casando por interesse, sua vaca?
— Vaca é você, que não pensa nas amigas.
— Com amiga assim, quem precisa de inimigas?
— Por hoje chega. Vá dormir e sonhe com anjos, sua frígida.
— Vadia.
— Freira.
— Galinha.

É sempre divertido dar boa noite pra Carla. Já estava ficando tarde e eu ia ter um dia cheio. Resolvi entrar na web só um pouquinho. Eu queria encontrar a minha turma, mas ainda era um pouco cedo. Só pra jogar conversa fora e conhecer umas pessoas diferentes, eu entrei em uma sala de debates. Inventei um nome só pra hoje. Patrícia, bibliotecária em Sorocaba, SP. Ninguém pensa que uma bibliotecária em Sorocaba pode ser muito excitante, e assim as outras pessoas só conversam, não tentam mais nada, e hoje eu não queria saber de mais emoção. Na sala já estavam outras cinco pessoas. Um advogado de Brasília, uma arquiteta de São Paulo. Uma garota de quinze anos, de Belo Horizonte, que só queria falar de banda tipo islandesa, e um garoto do Rio que pareceu ser super querido. Fiquei ali um pouco só olhando a conversa dos outros até às dez horas, que é quando a minha turma se reúne em dias de semana.

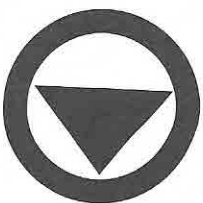
A minha turma surgiu assim, de muitas conversas que a gente teve e foi se conhecendo melhor, e convidando umas pessoas e quando viu era uma turma. Não como a minha turma de aula, mas pior e melhor ao mesmo tempo. Pior porque a gente nunca se encontra ao vivo. Melhor porque são pessoas legais, e as conversas são sempre total assunto, nada como o monte de besteira da turma de aula, que quer mais é zoar mesmo.
A minha turma da internet é muito legal. Um dos caras é de Santos e se chama Pelé. Ele não gosta de futebol e escolheu o nome porque diz que é o que todo mundo pensa quando pensa em Santos. Eu não. Quando eu penso em Santos eu penso em praia poluída e cheia de gente, tipo Guarujá. Mas eu não digo isso pro Pelé porque ele é um sujeito muito legal. Ele é sociólogo e trabalha em programas de meninos de rua, com AIDS. Além dele, na minha turma tem a Ida, que é psicóloga em Curitiba, e é muito engraçada; o Cado, que estuda astrofísica em Campinas

e vive falando da massa das galáxias; o Zé, que tem uma banda de rock em BH e diz que quer me conhecer melhor; a Luli, que é uma gracinha e tem uma loja de bicicletas importadas em Fortaleza; a Maria, que estuda em um colégio no Rio e deve ter a minha idade; e o Bam, que estuda cinema em Nova York. Um pessoal muito legal.

A gente entra na sala e aparece uma mensagem assim: `Mima entra na sala`, e eles veem e começam a falar comigo e eu com eles.
Mima era o apelido da minha mãe. O nome dela era Marina. Não sei por que eu comecei a dizer pra minha turma que o meu nome era Mima, mas é assim que eles me conhecem agora.

Mima entra na sala: Oi, pessoal.
Zé: Ei, Mima. Estava morrendo de saudades. Quando você vai dar pra mim?
Mima: Zé!
Zé: O seu e-mail, fofa. Quando você vai dar o seu e-mail pra mim?
O Zé vivia pedindo o meu e-mail. Eu acho que a gente não pode distribuir o nosso e-mail assim, sem mais, porque é uma coisa muito pessoal.
Mima: Zé, cresça.
Ida: Eu vivo dizendo isso pra ele.
Maria: Eu também, Mima. Como está você?
Luli: Gente, aí também está chovendo?

Pronto. Começa a conversa e não para mais, e é super bom, e eu nem sempre consigo estar nas reuniões, mas é muito bom mesmo. Eu às vezes penso como seria conhecer todos eles ao vivo, mas me dá um pouco de medo, porque a gente se gosta e se acha o máximo. Como ia ser se a gente se encontrasse? Não sei. Hoje eu troquei uma receita com a Ida e falei pro Pelé que tinha lido sobre o trabalho deles com crianças aidéticas em um site americano, e ele ficou todo orgulhoso. A Luli deu uma sugestão pra minha bike, e o Bam falou que tinha um filme novo do Paul Anderson passando em Nova York que era o máximo, e disse que a gente precisa ver quando passar aqui. Eu fiquei conhecendo esse

e outros caras muito bons de cinema com a minha turma da internet, e eu adoro eles todos, até o Zé.
O nosso tempo acabou e a gente se deu tchau, com um pouco de pena porque a conversa estava tão boa. Desliguei e fui dormir, e eu estava total exausta mesmo, porque não sonhei com nada, ou pelo menos não lembrei no outro dia, o que é praticamente a mesma coisa que não sonhar nada.

Vejo você passando e a mesma coisa acontece, o mesmo tremor nas minhas mãos. Me coloco logo atrás de uma vitrine pra poder ver você caminhando pro colégio.
Não sei mais quantas vezes eu fiquei aqui nessa esquina, esperando você passar. Às vezes seu pai dá carona, e tudo que eu consigo é ver você por um instante, ou um pouco mais se o sinal estiver fechado.
Cada dia eu prometo que vai ser diferente, que eu vou juntar a coragem toda que eu nem tenho e falar com você. Penso em todos os jeitos de começar uma conversa, desde os mais idiotas até coisas que nem eu acredito que fui eu mesmo quem pensou. Penso em coisas como dar flores a você e dizer que elas passam vergonha ao seu lado, mas você poderia rir e me achar antigo ou tolo. Penso que eu poderia fazer alguma coisa dramática, ser atropelado na sua frente, sei lá, e talvez assim a gente ficasse se conhecendo. Penso em lhe dizer que hoje está uma manhã linda e que eu adoraria caminhar com você até o seu colégio, que talvez a gente pudesse só conversar, sei lá, falar do tempo, falar do último disco da sua banda preferida, que eu também comprei só pra poder imaginar você ouvindo.
Mas eu sei que não vou conseguir, porque eu sou tímido demais, porque eu vejo você saindo com alguns garotos depois da aula, e eles sempre são do tipo que faz esportes, que surfa em Maresias, em Saquarema, em Garopaba. Daqui a pouco vão ao Peru, ou pro Hawaii, e vão ganhar um Vitara e você vai passear com eles.
Eu sou muito diferente deles e acho que não ia fazer nenhum sucesso com você ou suas amigas. Será que algum deles já escutou Sonic Youth? Algum deles já leu os poemas do Fernando Pessoa? Você já leu os poemas da Sylvia Plath? Será que eu poderia ler um deles pra você, ou você ia achar isso tolo?

Você é uma rainha pra mim, e eu fui me apaixonar logo por você. Eu devia ter olhado para o outro lado, pra alguém que me olhasse, mas alguma coisa aconteceu e eu fiquei assim.
Lá em casa, minha mãe me olha e fica preocupada. Pensa em por que eu ando perdendo peso, pensa que eu posso estar usando drogas pesadas, sei lá o que mais pensa, só não pensa o óbvio. Que eu vi esta garota e, desde que isto aconteceu, só consigo pensar nela, olhar para ela e mais nada.
Acho que isso não é coisa pro nosso tempo, é coisa para aqueles poetas antigos, que ficavam sofrendo e pegavam tuberculose e morriam de amor. Hoje a gente sofre um pouco, entra no primeiro McDonald's e, quando sai, já não sente nada. Só que eu não sou assim.

Você passa e segue com o seu jeito de caminhar. Você não olha para o lado, não vê ninguém. Mesmo que eu seguisse você de perto, você não veria. Fiz fotos de você, pra poder olhar em casa. Coloquei todas na parede, e fico sonhando.
Essa roupa de hoje é nova. Você ficou muito bem nela, mas você fica sempre bem, até mesmo nas quintas-feiras, quando tem aula de ginástica no primeiro período e vem de agasalho e tênis. Nunca cheguei perto pra ver se os seus olhos são verdes, azuis, ou pretos. Pra mim tanto faz. Só queria poder olhar pra eles, e só queria que eles me vissem de um certo jeito.
Acho que vou aceitar o convite e ir morar um ano nos Estados Unidos. Ou vou entrar pra Legião Estrangeira, fazer qualquer coisa pra sair daqui. Ou vou arranjar um emprego nesta esquina e passar os dias esperando você passar.
Agora você já se foi, e eu não tenho mais o que fazer aqui. Ir pra casa, pra guerra, ir até o porto e ir embora num daqueles navios, tanto faz

agora. Pelo menos eu ontem ganhei um livro novo, com poemas do Fernando Pessoa. Posso ler, e talvez ele tenha alguma coisa pra me dizer, que me faça sentir melhor. Alguém disse que era bom a gente estar apaixonado. Esse cara nunca esteve apaixonado, nunca. Eu também não sabia o que era isso, mas eu era muito garoto, e agora é diferente. Quem disse que isso era bom não entendeu nada do assunto. Eu era um garoto normal, com uma vida normal. E aí aconteceu isso. Tive que dizer pra garota que eu estava namorando que não podia mais sair com ela. Bebi Jack Daniels pela primeira vez e acordei no pátio da minha casa, com uma dor de cabeça horrível, achando o mundo um péssimo lugar. Tudo isso por você, que nem sabe que eu existo.

Hoje passou na minha casa a minha avó, mãe do meu pai, que adora mandar em todo mundo. Ela veio dizer que eu precisava dar um jeito na pintura da casa, mandar consertar a cerca e mais umas coisas. Uma vez perguntei pro meu pai se a gente precisava fazer as coisas que ela mandava, e ele me respondeu que ela já tinha a casa dela pra mandar, que aqui quem mandava era a gente, e, por ele, eu podia fazer o que bem entendesse, desde que não me machucasse nem colocasse fogo na casa. Ele é assim mesmo, total um amor, e a gente vive meio longe da família, e eu não sinto muito falta. A gente já é uma família de dois, e às vezes eu penso no que aconteceria se ele casasse de novo, ou quando eu crescer e for estudar fora, ou sei lá, for para a minha casa, como vai ser. Acho que ele também pensa nisso, mas não fala, e acho que ele também não sabe o que fazer. A vida pode ser uma coisa muito complicada.

Eu quero que ele arranje uma pessoa legal, porque um dia eu não vou estar aqui e não quero que ele fique sozinho. Mas as mulheres que aparecem são total mocreia, ou total mulher-aranha, só querem enlear ele todinho. Pras poucas que eu até achei passáveis ele nunca deu muita atenção. Eu vejo um monte de filmes e, em muitos deles, o cara tem uma filha e casa com uma mulher total bruxa que odeia a filha do marido e faz da vida dela um inferno. Claro que isso é no cinema, mas todo mundo sabe que a vida não é muito diferente, então acho que eu preciso mais é me preocupar mesmo.

Preocupação é o que não me falta. Tudo o que eu quero é que me deixem em paz pra fazer as minhas coisas, mas acham que isso é possível? Se a gente vai nas festas e tal, e não gosta, acha tudo muito trouxa, então é porque a gente é superior. Se diz que prefere não ir, então a gente é metida ou está se fazendo. Tempos atrás eu ainda me incomodava e tentava ser querida, fazer coisas com o pessoal, mesmo achando que um monte de coisa era total disney. O pessoal, tipo da minha aula, pode ser super mickey, total cabeça vazia. E eu não tenho paciência, muitas vezes. A Carla já é diferente, tem muito mais disposição pra festa, pra ficar, pra levar o pessoal numa boa. Eu é que sou a chata. Ok, mas não precisava ser assim. Era só o pessoal entender que a minha vida é diferente, que eu preciso fazer um monte de coisas e que isso deixa a gente assim, meio séria. Nas festas é sempre problema. Os garotos são um problema. As garotas são um problema. Os garotos porque não entendem que eu tenho outras coisas pra pensar, que não estou a fim de envolvimentos. Uma ficada de vez em quando até tudo bem, mas é só isso. As garotas não gostam que os garotos queiram ficar comigo e não com elas, que passaram a semana inteira se preparando. Eu nunca faço nada, prendo o cabelo, coloco qualquer coisa e mando ver. Eu quero mais é dançar mesmo. Quando eu reclamo pra Carla ela diz que sou total burra.

— Burra é a sua avó.

— Então você conhece a vó Carmela? Ela é mesmo uma anta. Parece você.

— Eu não sou uma anta. Só não entendo por que as garotas estão sempre de marcação comigo.

— Você rouba o coração dos garotos que elas querem. Você deixa eles louquinhos e depois nem liga. Você é a garota mais gostosa da aula, sabe tudo de física, de biologia, de português. Faz um bruta sucesso com a rapaziada e não entende por que elas querem você morta e seca?

— Você está maluca?

— Cláudia, a sua casa tem espelho? Se liga, garota.

— Nada a ver. Você é que faz o maior sucesso com a homarada. Elas tinham mais é que odiar você e me deixar na boa.

— O meu sucesso é fruto de muito esforço, sabia? Carla é gente que faz. E como eu faço. Senão já era titia. Você não precisa fazer nada e eles já querem ir logo agarrando. Talento é isso. Só que Deus dá essas coxas pra quem não merece. Candidata a freira, que vergonha.

— Você não para com isso!

— Lembra do último sábado? Do vexame que você deu? Se eu não fosse sua amiga nunca mais falava com você em público.

Eu não tinha feito nada de errado. Só fui numa festa junto com a Carla, com um garoto que está saindo com ela e com um amigo dele, que estuda fora daqui. O garoto era até bonitinho.

— Bonitinho? Cláudia, isso aí é deus grego, e você fica achando ele bonitinho?

— É que ele não faz muito o meu estilo.

— É mesmo. Ele tem duas pernas, dois braços, cabeça e tronco. Normal demais pra você.

— Nada disso, mas ele até agora só falou do automóvel que ele ganhou, da corrida que viu no fim de semana.

— Cláudia, homem é assim mesmo, eles gostam dessas coisas. A gente tem que compreender os coitados e tentar ajudar. Aliás, podia me ajudar ajustando melhor a tira do meu vestido atrás. Acho que tá dobrando.

A gente estava no banheiro conversando um pouco, enquanto os garotos pegavam uma água pra gente. Quando nós voltamos eles perguntaram se a gente queria dançar. A gente foi dançar. Então eles perguntaram se a gente não estava achando muito quente ali dentro, que tal ir até o lado de fora. Eu não tive tempo de dizer que ali dentro estava ótimo, porque a Carla foi logo aceitando, dizendo que estava morrendo de calor mesmo.

Lá fora havia um jardim enorme e, num instante, eu não via mais a Carla e o outro garoto, e o garoto que estava comigo me convidava pra sentar um pouco por ali. Tudo bem sentar, o problema é que o banco que ele escolheu parecia que ficava no meio da selva amazônica, total isolado.

— Deve existir ainda alguma tribo de índios por aqui.

— Hã? — ele perguntou.

— Aqui tem tanto mato que deve ter ainda alguma tribo morando no meio.

— Ah! — ele falou, e deu pra ver que ele não dava a mínima pros índios.

— Você acha — foi tudo que eu consegui começar a dizer. Eu ia perguntar alguma coisa pra fazer a conversa andar, e o sujeito não deu tempo. Foi logo agarrando a minha perna, e dizendo que eu era o máximo, e tentando beijar o meu pescoço, ou coisa assim.
Isso me deixa maluca. Se um cara está a fim de alguma coisa comigo, por que ele não pode perguntar primeiro o que eu acho? Parece que mulher é total incapaz de resolver as coisas, eles vão logo metendo a mão. Isso me irrita, irrita demais. Empurrei o cara.
— Ei — ele perguntou. — Qual é o problema?
— O problema, seu troglodita, é que você não devia ficar me tocando assim, sem nem perguntar se eu quero.
— Como assim, se você quer? Lá dentro você ficou dando a maior bandeira, agora fica se fazendo.
— Eu o quê? Você é total maluco? Eu não dei bandeira coisa nenhuma. Eu só estava tentando ser gentil e escutar a sua conversa trouxa de automóvel. Foi só isso.
— Você é maluca.
— E você é um idiota se pensa que toda e qualquer garota fica maluca por você e desmaia de paixão.
— Você estava dando lance mesmo. É bem coisa de mulher mesmo. Dá a maior em cima e depois se faz de inocente.
— Cara, eu vou dizer uma coisa pra você, e vou dizer uma vez só. Eu não estou a fim de ficar com você, eu nunca estive a fim de ficar com você e nunca vou estar a fim de ficar com você. Ali dentro está assim de mulher a fim de qualquer negócio. Boa festa.
— Onde você vai?
— Pra casa.
— Espere. A gente precisa avisar os outros. Eu levo você.
— Já inventaram o táxi, sabia? E não precisa avisar ninguém. Eu ligo de casa e aviso a Carla. Só não ligo agora pra não estragar nada. Eu pelo menos respeito os outros.
— Você é muito estranha, sabia? Mas eu acho você super interessante. Será que a gente podia se falar outro dia?
— Só se for com meu advogado junto. Você não merece confiança.
— Eu não sou sempre assim.
— Mas eu sou. Tchau.

Deixei ele ali parado e fui pra casa. Quase chorei quando cheguei no meu quarto. Fiquei lá deitada, olhando pro teto. Por que tem que ser assim? Eu gostaria de sair, conversar e pronto. Eu não acho nada de mal a gente ficar, mas tem que sentir alguma coisa pelo cara, senão não tem a menor graça. Mas os garotos são total diferentes. Eles não gostam de conversar muito e querem mesmo é agarrar a gente. Isso parece meio errado de dizer, e deve haver outro tipo de garoto, só que eu não encontro, não na minha escola, pelo menos. Quero dizer, os que parecem ser melhorzinhos já estão todos casados e o resto não tem nada na cabeça. E as garotas também não são assim como eu, elas também querem mais é ficar com os caras e fim de assunto, só que eu não sou assim, o que eu posso fazer? Pode ser que eu seja mesmo meio freira, como a Carla diz, sei lá. Eu gosto de olhar um garoto bonito, fico imaginando coisas, claro. Mas quando chego perto, eu quero encontrar um cara legal, que tenha coisas pra me dizer, que saiba um monte de coisas que eu não sei, pra gente ficar se falando. Sei lá se eu tenho um problema, mas parece que eu tenho um problema e que existe alguma coisa de errado comigo. A Carla diz que eu faço coisas como se eu fosse uma velha, e pode ser, mas a gente tem que ser como a gente é, não se pode fazer nada. Eu acho que não tenho nada contra ela ser assim meio vadia. O meu jeito é outro, e eu prefiro cuidar da minha vida, fazer as minhas coisas e não ficar pensando nisso, porque senão eu fico achando que tem alguma coisa errada comigo.
— Claro que tem — diz a Carla — Você pensa demais.
— É pra isso que a gente tem um cérebro, sabia?
— Não. Eu sempre achei que a cabeça servisse pra separar as orelhas. Pra colocar chapéu. Pra gente poder ter cabelo lindo e sedoso.
— Vaca.
— Irmã Dulce.
— Cicarelli.
— Ave-Maria, cheia de nenhuma graça.
— Vira-lata.
— Careta, chata, patética.
Câmbio, desligo.

Pedi pro Hack uma coisa e ele disse que antes precisava saber por quê. Ele se chama Hack porque é um hacker, um daqueles garotos que conseguem entrar em qualquer programa, em qualquer computador que esteja em uma rede. O Hack adora isso, mas ele tem princípios.

— Se for por grana eu sinto muito mas não posso. Hacking tem que ser puro, não pode ser comércio.

Ele invade computadores porque gosta, porque acha que o mundo seria um lugar muito melhor sem segredos militares e tal. Ele é um hacker idealista pra caramba e ainda por cima pode ser preso por causa disso. Hacking parece um pouco com poesia, eu acho.

— Hack, não é por grana não. É outra coisa. É amor mesmo. Eu preciso saber alguma coisa sobre ela, antes que eu me desespere de vez.
— Está brincando, cara.
— Não, Hack. É isso mesmo. Me ajuda?
— Bom, parece que vou ter que ajudar um coração apaixonado.
— Hack, obrigado, cara.
— Como é mesmo o nome?

Digo pra ele o nome do pai dela, da universidade em que ele trabalha. Dou o número do telefone deles, e o Hack liga pro Farias e começa a trabalhar. Ele é um bruxo com aquele teclado na frente. Eu já vi o Hack entrando em computadores nos Estados Unidos, em Brasília, deixando mensagens pra eles, dizendo que os hackers vão libertar o mundo um dia. Ele sabe tudo e mais um pouco, e nem liga. Só quer mesmo é viajar pelas redes, uma coisa tipo Matrix. O mais incrível é que ele encontrou uma namorada hacker e os dois ficam juntos o tempo todo, conversando na linguagem que é só deles.

— Fácil demais, cara. A garota usa esta senha aqui. Esta é a caixa postal dela, pra você poder mandar mensagens. Você quer ler o que ela escreve?
— Não, Hack. Isso ia ser invasão.
— E o que é que a gente tá fazendo agora?
— É diferente.
— Certo, é diferente.
— Hack, que mais?
— Este é o endereço que ela acessa pra reuniões. É um chat com acesso por senha. Aqui está uma lista dos horários em que ela acessa a web, e aqui vai a senha. Que mais você quer saber?
— Hack, muito obrigado, cara.
— Tudo bem. Conseguiu aquele livro que a Luce andava querendo? Luce é a garota dele. Ela também gosta de poesia. Ela tem uma voz muito legal, e eu já convidei ela pra cantar na minha banda. Ela sempre diz que vai aparecer, mas acho que ela prefere passar todo o tempo com o Hack.
— Consegui. Eu trago hoje mesmo pra ela.
— Boa sorte.
— Obrigado, Hack. Valeu mesmo.

Ele me dá tchau e eu saio, me sentindo super sem jeito. Claro que eu sinto vergonha de estar invadindo desse jeito a sua vida. Mas é uma chance de saber mais sobre você, de conversar um pouco, de tentar alguma coisa, pelo menos.

Chego em casa e olho pro meu computador. Dez da noite é a hora em que você entra na rede, todos os dias, quase, e imagina a gente se encontrando. Você entra e diz que o seu nome é Mima. Por que Mima, se Cláudia é tão bonito?

— Eu entro e digo que. Puxa, não sei o que eu digo. Vou estar tão nervoso, que não sei o que vou dizer. Você vai estar lá, e é isso que importa. O que fazer eu invento depois. Até depois, Cláudia. Mima. Qualquer que seja o nome que você prefira usar. Vai ser você, e isso é o que importa.

Se vocês nunca viram Florianópolis de um avião, precisam fazer isso. A cidade é linda. A cidade em si é mais ou menos normal, mas a ilha é linda demais. Eu já estive aqui umas vezes e acho demais. Acho que eu gostaria de morar aqui um dia. A gente vê casinhas dos pescadores, os morros e as praias, e vai descendo e descendo até que pousa num aeroporto total barbie, tipo de boneca, todo bonitinho e pequeno.

A ilha é super grande, e a gente levou uns cinquenta minutos pra chegar no hotel, que fica quase no outro lado da ilha.
— Pai, o que vocês vão fazer aqui afinal?
— Nós vamos visitar uns locais interessantes. E conversar com uns pesquisadores daqui mesmo, pra trocar umas ideias com eles. Eu quero ir até umas ilhas pra mergulhar um pouco e ver umas espécies de peixes e coisas assim. Por quê?
— Porque eu acho que a gente vai se ver pouco. Eu não tenho nenhuma intenção de ir até ilhas ou subir morro atrás de plantas. Isso é coisa de biólogo.
— Você ainda pode resolver ser bióloga um dia.
— Nem pensar. Se é pra subir morro e enjoar em barco, eu vou estudar física. Vou pesquisar partículas subatômicas. Num laboratório com ar-condicionado.

— Você é uma comodista.
— Sabe que este hotel é um dos melhores? Eu li numa revista que ele tem umas cinco estrelas. Sauna, hidroginástica, piscinas, blah, blah, blah. Quer ver o folheto?
— Não precisa.
— Quem está pagando esse luxo todo?
— Nós mesmos. Nós compramos um pacote, eu acho, ficou mais barato. Mas essa reunião é por nossa conta. A gente não quer ser acusado de estar se aproveitando do dinheiro público.
— Ótimo. Porque eu mesma ia denunciar pra um jornal. Pai e amigos torram dinheiro do governo em extravagâncias.
— Nada disso. O nosso grupo quer independência total. Nós queremos nos reunir pra trocar ideias. Sem burocracia, sem nada pra atrapalhar. É só isso.
— Vocês devem estar aprontando alguma, é o que eu acho.
— E você, vai aprontar o quê?
— Vou ser total anjo, pro seu governo. Trouxe meu notebook pra estudar um pouco. Trouxe livros, umas revistas e esse estojinho de cosméticos que eu comprei ontem. Não é uma gracinha?
— É bom você trazer isso. Parece uma garota mais normal.
— Machista. Garotas não podem ter interesses intelectuais?
— Podem. Devem. Mas garotas gostam de cosméticos, de vestidos, coisas assim. A sua mãe, por exemplo.

Ele para. É só lembrar da minha mãe e ele fica assim. Acho que ele ia dizer que a minha mãe era uma mulher super inteligente, e profissional, e que adorava se cuidar e se arrumar. Ele ficou quieto, olhando pela janela do táxi. Eu apertei a mão dele, e ele fez que estava tudo bem.

Chegamos ao hotel e deu pra ver que era muito melhor do que no folheto. A gente sempre tem medo que a realidade seja pior do que a propaganda, mas esse hotel era demais. Bem na frente de uma praia total linda, com morros ao redor e tudo mais. E eles tinham tudo. Vocês precisavam ver as piscinas, a sala de ginástica, e o tamanho do apartamento.

— Este quarto é maior do que o meu em casa.
— Gostou?
— Yes.

Fui logo testando a cama. Cama muito macia faz mal pra coluna. Muito dura deixa a gente toda doída. Tava no ponto.
O quarto tinha som, uma tevê a cabo e um monte de botão pra gente poder desligar a luz até dentro do chuveiro. E ainda por cima havia uma banheira enorme!
— Vou me jogar aí dentro. Vou tomar banho de espuma, feito estrela de Hollywood. Eles têm espuma aí do lado.
Tinha mesmo!
— Pai, isso é demais.
— Que bom que você gostou.
— Gostei? Eu não gostei, eu estou amando. Acho que vou arranjar um emprego aqui e não volto mais pra casa.
— Certo. E eu vou ver se descubro os meus amigos. Quer vir junto?
— Nem pensar. Preciso ligar pra Carla e contar como é isso aqui.
— Não fique horas no telefone. Já chega o custo da diária.
— Que é de quanto?

Eu sabia que ele não fazia a menor ideia, então ele só ficou me olhando e tentando lembrar quanto estava pagando por este maravilhoso apartamento de luxo com vista para o mar. Falei pra ele esquecer isso e ir embora logo, e liguei correndo pra Carla, pra deixar ela morrendo de inveja.
— Que tal o homaredo?
— Sei lá, Carla. Eu nem cheguei aqui direito.
— Mas já viu a sala de ginástica, e a piscina, e a sauna, e a banheira jacuzzi. Não dá pra acreditar. Você aí nesse paraíso, com um apartamento desses e nem conferiu a rapaziada.
— Carla, o meu pai está aqui junto comigo, lembra?
— Pai é pra gente dar volta. Eles nunca veem nada mesmo.
— Carla, você é uma devassa.
— Angélica.
— Vadia.
— Barbie.
— Ninfomaníaca.
— Cláudia, você vai ser uma mulher velha e solitária.
— Você vai ficar caidaça loguinho, por excesso de uso.
— Veja se não tem uma bíblia na mesinha de cabeceira. Vai ajudar você a chegar ao céu.
— Pro seu governo, eu já estou no céu. Lá fora está fazendo o maior sol, e eu acho que vou trocar de roupa e ir pra piscina, ou até a praia. Nem sei, são tantas escolhas.
— Sempre existe a chance de você se afogar, não é mesmo?
— Bruxa.
— Anta.

A gente se deu tchau e eu fui pra piscina mesmo. Coloquei um dos meus biquínis, que a Carla sempre acha comportado demais, e fui. O hotel dava tudo, guarda-sol, toalha, cadeira, sei lá o que mais. Eu olhei a praia e achei meio vazia, então fui dar uma volta ao redor da piscina, e aí me dei conta que não sabia onde estava o meu pai. Fui até a recepção pra ver se eles tinham alguma informação.
— Qual o seu quarto, senhora?

Adoro quando me chamam de senhora. Me faz sentir importante.
Disse o quarto. Ele olhou e havia um recado pra mim. Era do meu pai, me dizendo que tinha encontrado o pessoal, que eles já estavam saindo pra uma visita a uma ilha e que deveriam voltar tarde. Que talvez ele não voltasse em tempo pra jantar comigo. Que a gente se falava amanhã de manhã, se ele voltasse tarde demais.
Típico do meu pai. Ele devia ter esquecido de tudo que tinha combinado com os amigos e agora precisava sair correndo desse jeito. Melhor que eu já estava acostumada mesmo. Ia passar o dia sozinha, mas tudo bem. O jeito era aproveitar o lugar. Primeiro a piscina. Depois eu ia ter que escolher, vejamos, hidroginástica, passeio a cavalo pelos morros, aulas de tênis, paddle, passeio ecológico — não, obrigada –, ou sala de games. Uau, quanta coisa. Difícil ia ser escolher.

— Como assim, não tem nenhuma livraria? Biblioteca? Nada?
Eu escutei uma voz zangada e dei uma olhadinha disfarçada, pra ver o

que estava acontecendo. Era uma mulher conversando com o cara da recepção, e ela não parecia muito feliz.

— Eu não acredito. Esse é um super resort. Vocês têm tudo quanto é aparelho de aeróbica, anaeróbica, sei lá. Quadras de esportes, piscina térmica, três restaurantes, tevê a cabo. E eu não tenho onde conseguir um livro?

— Sinto muito, senhora.

— É o fim.

Eu vi que ela estava super incomodada, e achei que talvez pudesse ajudar.

— Desculpe, eu não quero me intrometer, mas eu tenho uns livros que eu posso emprestar.

Ela olhou pra mim e pareceu que ela não tinha entendido bem o que eu queria dizer.

— Livros. Eu tenho livros.

Ela me olhou de novo.

— Desculpe, eu não quero incomodar.

— Não está incomodando.

— O meu problema é com esse hotel cinco estrelas e nenhuma cultura.

— Você me desculpe, mas eu nunca vi nenhum hotel ter livraria. Nem biblioteca.

— É mesmo? Acho que o problema é que eu nunca...

— Deixe pra lá, não faz mal. É só que eu não esperava precisar de distração, eu achava que ia ter de sobra.

— Não quer ver os meus livros?

Deu pra entender que ela achava que uma garota não ia ter nada que ela gostasse. Devia achar que eu só lia bobagem de amor e autoajuda.

— Eu tenho Rubem Fonseca, *Contos reunidos*. Dois livros do Dashiell Hammett. Mais umas coisas assim. Eu não leio coisa trouxa, se é isso que você está pensando.

— Desculpe, eu não estava pensando isso. Na verdade eu acho que eu só estava desabafando no coitado do recepcionista. Desculpe, eu não quis dar a entender que não ia gostar dos seus livros. Você lê Rubem Fonseca?

— Leio, claro. Qual é o problema?

— Nenhum problema. É só que a garotada não parece muito ligada nisso.

— Eu não sou tão criança assim.

— Claro que não. Desculpe. O meu nome é Andrea. E eu acho que estava de mau humor mesmo. Desculpe. Como você disse que era o seu nome?

— Eu não disse. Me chamo Cláudia.

— Prazer, Cláudia.

Ela estendeu a mão pra mim, toda formal. Aquilo pareceu engraçado e a gente riu.

— Bom, Cláudia. Parece que o meu humor melhorou um pouco. Você está indo pra piscina? Nós podíamos ir juntas, que você acha?

— Claro. Eu ia mesmo.

— Você lê mesmo Rubem Fonseca?

Ela parecia surpresa, e eu acho que isso acontece porque a garotada parece ser total out, mas não é bem assim. Eu tenho amigos, colegas, que gostam de ler e sabem um monte.

Escolhemos um canto mais calmo da piscina, porque estavam fazendo hidroginástica no outro lado. Ela estava vestindo uma camiseta por cima e, quando tirou, eu nem acreditei. Ela estava com um biquíni muito menor do que o meu, e tinha um corpo com tudo em cima. Me senti total sem graça do lado dela.

— O que foi?

— Nada, só achei o seu biquíni bem legal.

— Ah!

Ela se ajeitou na cadeira, passou um pouco de protetor no rosto, e eu só ficava olhando meio disfarçado, porque ela era total Alba, uma gata. Me senti um saco de batatas do lado dela. E ela devia ser bem mais velha do que eu.

— Posso perguntar uma coisa?

— Mande.

— Que idade você tem? Quero dizer, não precisa responder se não quiser.

Ela riu.

— Tudo bem. Vinte e oito. Por quê? Me achou muito velha?

— Não, nada disso. É que você está super, ah, super bem, é o que eu acho.

— Cláudia, você me faz parecer uma velha. Mas obrigada, de qualquer jeito. E você, que idade tem?

Falei pra ela, meio sem jeito, porque ela podia me achar meio criança e não querer mais conversa, e eu estava achando ótimo ter uma pessoa pra conversar. Ela me escutou e não respondeu nada.

— Não me achou criança demais?

— Não achei. Devia achar?

— Acho que não. Mas adulto sempre acha.

— Existem adultos e adultos. Que tal assim?

— Parece bom pra mim.

— Que tal uma coisa pra beber?

Ela era assim, total boss, decidindo as coisas com a maior facilidade. E depois era só ela levantar a mão e já vinha um garçom correndo pra ver o que ela queria.

— Andrea, você trabalha no exército ou coisa parecida?

— Por quê? Ah, você está me achando mandona? É que eu sou gerente-geral do meu departamento e mando pra caramba. A gente fica assim, autoritária. Mas fica mais fácil conseguir as coisas, não acha?

Ela pediu uma água e eu pedi um suco de laranja.

— Cláudia, faz um belo sol, nós estamos nesta bela piscina, na frente deste belo mar, e eu não tenho relatórios para preencher nem outro tipo de trabalho. Você tem alguma obrigação a cumprir?

— Eu não, claro que não.

— Então dá pra se soltar um pouco e aproveitar o dia, não lhe parece?

— Acho que sim. O que você quer dizer com isso?

— Garçom, por favor: cancele a água e me traga uma marguerita? Acho que quero me sentir mais festiva.

— Ok, Dea. Agora você podia me contar o que aconteceu, quero dizer, como você acabou vindo pra cá sozinha. Desculpe, mas sabe como é mulher, não é? Você me deixou curiosa.

— Certo. Bom, havia esse cara. O imbecil que devia estar aqui comigo. A gente tinha combinado há um tempão que viria pra cá neste feriado. Eu mudei toda a minha agenda, cancelei todos os meus compromissos. Porque dessa vez eu achava que ele era o cara, entende?

Eu não sei se estava entendendo, mas não queria que ela parasse de falar. Aquilo tudo era super interessante. Fiz que sim, que entendia.

— É uma merda isso tudo. A gente acha que dessa vez é pra valer, e o cara decide entrar em crise, e volta pra ex-namorada menos de vinte e quatro horas antes de vir pra cá.

— Total mané.

O garçom chegou com as bebidas. Ela esperou ele colocar os copos em cima de mesa e disse que nós precisávamos fazer um brinde. Por mim tudo bem.

— Aos homens — ela falou. — Que se danem.

Eu brindei com ela e a gente riu.

— Esse cara, que vinha com você. Por que você achou que ele era o cara da sua vida?

— Sei lá. Acho que porque ele é um super profissional, e eu adoro competência. Ele é muito bonito e ainda por cima bom na cama, sabe?

Fiz que sim, que sabia, mas não sabia muito não.

— Mulheres aos montes desejam colocar as mãozinhas em cima dele. Eu achava ótimo estar junto com ele, porque eu também tinha passado um bom tempo sem nenhuma relação mais próxima. Aí me deu essa vontade de ficar com ele, sabe, tipo ficar junto, acordar junto, essas coisas.

Por mim ela podia falar assim pra sempre. Eu nunca tinha conversado assim com ninguém. As minhas amigas, a Carla, elas são todas garotas, total teen, nenhuma como a Dea.

— Acho que esse é um problema, sabe? Me parece que as mulheres têm mais facilidade pra se entregar. E eu nunca tive assim tanta facilidade, nunca quis me atirar de cara em uma história. E eu achei que ele também queria, e acho que ele partiu o meu coração. Agora vou entrar pra um convento. Fim.

— A Carla também diz que eu vou ser freira.

— Carla?

— A minha amiga, tipo amiga, sabe? Ela adora ficar com caras, e eu fico dizendo que tenho outras coisas pra pensar, e aí ela diz que eu vou virar freira.

— Que outras coisas?

— Sei lá. No meu futuro. No meu pai.
— Seu pai?
— É, eu moro com ele.
— Seus pais são separados?
— Não, a minha mãe morreu quando eu era pequena.
— Desculpe. Sinto muito.
— Não faz mal. Eu nem lembro direito, faz tanto tempo, sabe? Mas então é assim, eu moro com meu pai e tenho que cuidar da casa, e eu quero estudar, ser cientista, sabe? Então eu não fico só pensando em homem e em festa. E ela diz que eu sou séria demais, que eu quero ser a Irmã Tereza.

Ela riu. Ela tem um sorriso incrível. Acho que é porque ela tem uns dentes lindos.
— A sua amiga parece estar exagerando. Você não tem cara de freira. E uma menina como você não vai ter problemas com isso.
— Como eu? O que você quer dizer?
— Uma menina tão linda, que lê Rubem Fonseca, tem tudo pra dar certo.
— Os garotos não ligam muito pra parte do Rubem Fonseca.
— Eles estão mais a fim é de bundinha e peitinho mesmo, não é?
— Acho que sim. Será que é sempre assim, quero dizer, que todos os caras são total a fim de transar com a gente e mais nada? Eu queria um cara mais legal.
— E como é o cara dos seus sonhos?
— O cara dos meus sonhos?
— É. Você não imagina assim, um garoto ideal?
— Acho que sim.
— Diga aí.

Pensei um pouco.
— Em primeiro lugar ele é simplesmente o máximo. Não é bonito assim, de um jeito comum, e é super tímido, não sabe como se expressar. Na verdade, é super a fim de mim mas não consegue me dizer isso, porque ele não é muito bom com as palavras, sabe?
— Ele é bom com o que então?
— Não sei direito.
— Imagino. Ah, a adolescência.

Ela pede ao garçom pra trazer outra marguerita. Eu provei e achei muito azeda, ela diz que um dia eu vou entender a marguerita.
— Vou de suco mesmo.

Ela pediu e foi bem querida com o garçom dessa vez.
— Esse é o truque com os homens. A gente precisa ser bem má, e depois queridinha. Eles ficam uns doces. Homem é assim, eles não podem sentir que estão muito no controle. São umas crianças, no fundo.
— Você entende bastante sobre homens?
— Nunca o suficiente, acho. Senão eu deveria estar me dando bem, não acha?
— E em vez de estar se dando bem, você está aqui conversando comigo, não é mesmo?
— Nada disso, está sendo ótimo conversar com você. Mas eu não tenho me dado tão bem. Não sei bem qual é o problema. Às vezes eu acho que é porque eu sou uma mulher muito ativa. Eu sou muito independente, e isso assusta muitos caras.
— Se você fosse mais mulherzinha a coisa ia ser melhor?
— Mais ou menos. Mas eu acho que não deve ser assim. Acho que um cara legal precisa saber lidar com uma mulher que seja inteligente, e profissional, e tão maravilhosa quanto eu. Que você acha?
— Parece bom.
— Aos caras legais, onde quer que eles estejam!

Ela ergueu o copo, e eu também, e a gente brindou e ficou ali, rindo um pouco. Eu estava achando tudo ótimo. Eu nunca tinha conhecido ninguém como ela, e era total ótimo ficar ali naquela piscina, pegando sol e conversando todas essas coisas. Era como conversar com a Carla, só que com ela sabendo um monte sobre todas as coisas, e isso a Carla não sabia, nem eu, claro.
— Não olhe agora, mas nós estamos sendo seguidas.
— Como assim?
— Dois caras nos olhando, logo ali, perto do bar.

Eu já tinha visto. Mas os dois estavam olhando era pra Andrea, e não pra mim. Aliás, todo o tempo eu tinha percebido como os caras olhavam pra ela. Isso era esquisito, porque na escola, quero dizer, se eu estava com as garotas, os caras olhavam pra todas, mas pra mim tam-

bém. Aqui eu era total fantasma, parecia que nem existia.
— Eles estão olhando pra você, Dea. Eu já tinha visto.
— Modéstia encantadora, a sua. Mas agora eu acho que eles estão se animando mais. O que você quer fazer?
— Sei lá. Você decide.
— Bom, vamos fazer um teste antes. Se forem legais, a gente deixa eles sentarem um pouco e conversar. Se forem do tipo lasanha, a gente manda passear. Que tal?

Pra mim tudo parecia ótimo. Eu nunca tinha experimentado esse tipo de coisa, e a Dea, super calma. Nada como as meninas da escola, que podiam querer dar a impressão que estavam super calmas com os garotos por perto, mas na real ficavam na maior histeria.

— Oi. O meu nome é Alex. Esse aqui é o Pedro.
— Alô!
— Nós estamos aqui a trabalho e não conhecemos ninguém. Será que dava pra sentar um pouco com vocês duas?
— Depende. Se começarem a perguntar se a gente trabalha ou estuda, se vem sempre aqui e esse tipo de coisa, aí teremos problemas.
Ele riu. Até agora o Pedro não tinha falado nada. Só estava olhando e sorrindo. Eles eram umas graças, na minha opinião, e eu não me importava nem um pouco que eles sentassem. Mas a Dea estava sendo durona, então o jeito era eu ser também. Eu estava tentando dar um olhar de durona pra eles, ou pelo menos estava tentando. Durona é assim: você olha, mas não deixa passar nada do que está pensando. Nada de ruim, nada de bom. Não sei se funciona, mas eu estava tentando.

— Nada disso. A gente quer mesmo é conversa, e vocês duas parecem ser bem diferentes do resto do pessoal daqui. A gente sentiu vontade de conversar, só isso.
— Alex, acho que as duas estão querendo ficar em paz e nós estamos atrapalhando.
Esse era o Pedro, e eu gostei muito da voz dele, gostei mesmo. É difícil continuar sendo durona, sob certas circunstâncias. Continuei tentando.
— Desculpem rapazes, e sentem. A gente só estava conversando sobre coisas sem importância. Como vocês podem estar aqui a trabalho?
— Um cliente nosso escolheu este hotel pra fazer a convenção anual. Nós somos da agência de propaganda dele e viemos junto para apresentar a campanha do ano que vem.
— Vocês são publicitários?

Isso fui eu quem perguntou. Eu nunca tinha conhecido publicitários de verdade antes. Eles disseram o nome da agência em que trabalhavam, e é uma agência super conhecida. Eles começaram a conversar de propaganda, e eu achei super interessante o jeito que eles falavam das campanhas, de coisas que se vê na televisão, e que eu nunca tinha pensado antes. A Dea já conhecia mais dessas coisas, por causa da empresa dela, mas pra mim era tudo novidade.
A única coisa que me incomodou foi que eles não me davam a mínima. Eu era a irmãzinha mais nova, ou a prima, sei lá, e eles não me davam a menor atenção, não davam mesmo. Esta é uma coisa muito má dos adultos. Eles não nos dão espaço, nunca acham que se pode ter coisas pra dizer, acham que a gente é total mickey. Mas eu não podia fazer nada, então o jeito era tentar me divertir. Eles eram mesmo queridos e logo nos convidaram pra jogar paddle, e depois a gente fez um lanche juntos, e combinamos jantar todo mundo às nove e meia da noite. Pra mim era tudo muito estranho, e eu estava achando tudo ótimo.
Os garotos saíram de perto e a Andrea me olhou.
— Bom, nos vemos no restaurante, então.
— Se você acha que eu não vou atrapalhar.
— Atrapalhar no quê?
— Eles estavam a fim de jantar com você. Eu não faço diferença.
— Cláudia, por que você diz isso?
— Porque é verdade. Mas eu não me importo, vocês têm muitas coisas em comum. E eu tive um dia ótimo, verdade. Não me importo de não ir hoje à noite.
— Cláudia, como você é boba. Eu também tive um ótimo dia. Eu nunca imaginei que poderia estar tão bem, levando em conta que eu tinha planejado vir pra cá e sofrer. Nada disso. Eu gostaria muito que você viesse. Vem?

Será que ela estava falando sério? Eu esperava que sim, porque pra mim tudo era muito especial.

— Você quer mesmo?

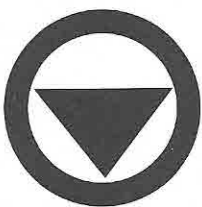
— Claro.

— Então a gente se encontra no restaurante. Nove e meia. Certo.

— Me lembrei de uma coisa. E o seu pai? Ele não vai aparecer?

— Eu acho que ele não vai aparecer. Ele disse que ia pra uma ilha com amigos, que podia voltar tarde.

— Certo, então. Até depois.

— Até.

Eu vi você pela primeira vez em um dia com muito sol, poucas nuvens. Eu lembro bem porque eu tinha tirado o capacete pra olhar melhor, porque o dia estava tão bonito. Eu estava andando bem devagar por causa disso, por estar sem capacete e porque o dia estava tão bonito, quando de repente, não mais que de repente, pronto. Ali estava você, atravessando a rua bem na minha frente, e eu perdi alguma coisa e não encontrei mais. Acho que foi a minha paz que foi pro espaço.

Não sei direito o que foi e eu nunca acreditei muito em todos esses poetas que eu sempre gostei tanto de ler, que falavam de amores absolutos, de se morrer de amor e coisa assim. Eu sempre dizia, "Tudo bem, mas isso aqui são os anos 90, e as pessoas são muito mais racionais, a gente é materialista e quer saber mesmo é de comprar um carro importado, não ficar por aí fazendo serenata pra pessoa amada e morrendo de dores e amores. Nada disso".

E ali estava eu, de boca escancarada, porque você estava passando. Quase caí da moto, acho, com o susto, e você chegou até a olhar pra mim, meio preocupada, e seguiu andando.

Você estava com uma blusa branca, uma calça jeans, e linda. Você estava com mais duas amigas, da sua idade. A diferença é que elas

estavam com sacolas de lojas e você estava carregando duas sacolas grandes de supermercado, e elas pareciam pesadas, e quando eu comecei a pensar de novo, eu fiz a volta e fui atrás, mas as suas amigas já tinham ido pra outro lado, e você já estava entrando em uma casa ali perto. Você equilibrava os pacotes enquanto tentava pegar a chave e entrar na casa ao mesmo tempo. Eu ainda pensei em ajudar, qualquer coisa para chegar mais perto, mas você foi mais rápida e logo estava do lado de dentro, e eu fora, pra sempre.

Não fiquei ali por muito tempo, porque você podia achar que era assalto, chamar a polícia, e tudo o que eu queria não era roubar o seu som, a sua televisão. Eu queria poder olhar mais um pouco pra você, pra tentar me convencer de que tudo não passava de bobagem. Tinha sido um momento de loucura e agora já estava tudo normal. Tudo sob controle, bem como todos gostam.
Mas não está mais sob controle, e eu só sei que um dia, em uma tarde com muito sol, eu vinha na minha moto e vi você passar com as suas compras de supermercado e aconteceu essa coisa comigo.
Eu fico pensando se é assim com todo mundo. Eu podia perguntar, mas ia ser mais ou menos como sempre, sempre que eu pergunto coisas desse tipo. O meu pai me olha e pergunta, "Meu Deus, quando esse menino vai criar juízo?" O meu pai é juiz, e só pensa em coisas sérias. E foi ele quem me ensinou a ler poesia, desde pequeno, quando ele lia pra mim em voz alta os poemas de que ele mais gostava.

E eu fiquei parado ali um instante e fui embora, sem saber o que fazer. Cheguei em casa e a minha mãe perguntou se eu queria tomar um chá com ela. Fiz que não e fui para o quarto. Deitei olhando para o teto, pensando no que fazer. Li um pouco de Sylvia Plath e escutei um disco novo do Sonic Youth. Você estava lá fora em algum lugar, e eu precisava saber mais sobre você. Isso era tudo, e foi o que eu fiz. O meu pai ia chamar de invasão de privacidade e me botar na cadeia, provavelmente. Mas não é isso que a gente chama de amor? Não é invadir a privacidade do outro, tentar ser parte do outro, desvendar os segredos, saber tudo? Não é morrer de ciúmes, de dores, de paixão, de querer ver o outro nas horas mais impróprias, ser inconveniente? Será que todo mundo que se apaixonasse deveria ser preso?

Se eu perguntasse ao meu pai, ele ia dizer que sim, e voltar a ler o jornal dele, na frente da lareira. Se eu perguntasse pra minha mãe, ela ia dizer que eu era um garoto muito intenso, e passar a mão no meu cabelo, como sempre faz. Se eu perguntar ao pessoal da banda, eles vão me dizer que a gente precisa de um novo Fender, que o retorno está uma merda, que o microfone precisa de uma limpeza.
Não sei o que as pessoas andam fazendo, mas não estão perdendo tempo com as mesmas coisas que eu.

Eu leio Sylvia Plath, leio Pessoa, escrevo letras que o pessoal acha o máximo e canto pra você, enquanto o pessoal acha que é pra eles que eu olho. Você está por aí, em algum lugar, conversando com aquela sua amiga de cabelos compridos com quem eu vejo você sempre, quando sai da escola, quando vai até o clube.
Eu fico por aqui, pensando no que eu lhe diria se eu pudesse falar com você. Penso tanto que, se eu escrevesse, dava um livro, um filme ou uma peça de teatro, com todas as coisas que eu já imaginei que a gente podia fazer, com todas as conversas que a gente já teve, sem você ficar sabendo.

Hoje eu vou parar de pensar tanto, e fazer alguma coisa. Esperar as dez da noite, pegar a senha que o Hack me garantiu que funciona e ficar esperando você entrar na sala da internet que você visita sempre. Eu vou estar esperando, quem sabe a gente se vê. Espero não ficar nervoso demais e dizer alguma besteira. Falam tanto da primeira impressão, que essa é a que vale. Eu nem sei que impressão eu gostaria de lhe causar. Acho que uma impressão que fizesse você querer falar comigo de novo, muitas vezes. Acho que é isso, e seria perfeito. Se eu ao menos soubesse como é que se faz.
Será que você iria gostar de mim se eu lhe dissesse como eu sou de verdade? Ou será que eu devo melhorar um pouco, aproveitar que na internet você só pode me imaginar, mas não pode saber como eu sou? Sei lá, eu acho que queria ser sincero, mas a tentação é muito grande. Eu poderia ser um herói, um cara alto, loiro e sensual. Eu poderia ter um um pai muito rico que sustenta as minhas extravagâncias. Eu poderia ser qualquer coisa e acho que eu diria qualquer coisa pra você, se isso ajudar.

Agora são seis horas, e eu ainda preciso passar no bar onde a banda está ensaiando. Disse pra eles que não podia ensaiar hoje, que tinha uma coisa que eu precisava muito fazer. Me olharam esquisito, se perguntando o que é que está acontecendo comigo. Se eles soubessem, arranjavam outro vocalista. Um cara menos trouxa e mais profissional, acho. Uma cara bem diferente de mim.

Eu fiquei olhando pro guarda-roupa e me deu pânico. Eu não sabia o que eu devia vestir pra jantar com a Andrea e os dois, Pedro e Alex. Quero dizer, eu sei como eu me visto pra sair com o meu pai e os amigos deles. Jeans e uma camisa, quanto mais bagunça melhor, só pra deixar bem claro que eu estou achando tudo total Chico. E quando eu saio com o pessoal, aí me visto normal, como garota. Só que aqui eu estou num hotel super metido e vou jantar com esse pessoal, e eles têm um jeito total fashion, e eu ia ficar total jeca se eu saísse do jeito errado. Me deu pavor, resolvi que eu ia ficar doente e não ir mais a lugar nenhum. Liguei a televisão pra ver o que estava passando, mas só tinha novela, e, nos canais a cabo, só dava pra ver filme chato, canal em espanhol, com aquele monte de perua e documentário sobre tubarão. Eu tinha duas escolhas: ir pro jantar e morrer de vergonha, ou ficar no quarto e morrer de tédio. Tocou o telefone e eu pensei, pronto, alguma coisa aconteceu com meu pai e eu sou órfã, ou alguma coisa maluca assim, porque eu sempre fico meio histérica nessas horas. A Carla diz que eu preciso é de homem, mas não é isso, é que eu tenho esse medo de acontecer alguma coisa com o meu pai e eu ficar sozinha, que é um medo muito sério pra mim.

— Cláudia?

— Pai, onde você anda?
— A gente chegou há pouco e eu acho que o pessoal quer fazer um churrasco na casa de um dos professores daqui. Você quer vir?
— Não posso. Já marquei um jantar aqui mesmo.
— Jantar com quem?
— Você esquece que eu sou uma menina muito sociável e faço amigos e encanto pessoas com enorme facilidade?
— Você o quê?
— Tudo bem, Papi, eu conheci umas pessoas ótimas e vou jantar com elas, ok?
— Vejo você amanhã, então, porque acho que vou chegar tarde.
— Beijos.

Bom, então era isso. Meu pai ia ficar em algum lugar distante, e eu tinha que escolher entre meu quarto ou o restaurante e aquelas pessoas chiquérrimas. Resolvi pedir ajuda, que é o que toda moça inteligente faz quando não sabe o que fazer. Liguei pra Recepção, pedi o telefone da Dea.
— Andrea?
— Uma moça que está sozinha. Nós ficamos de jantar juntas e eu precisava falar com ela.

O sujeito não pareceu muito certo de que devia me dar o número do quarto dela. Acho que o hotel é super reservado e não gosta muito de dar informações sobre os hóspedes, mas eu usei a minha melhor voz de coitadinha e ele achou que não podia me deixar ali tão triste.
— Dea?
— Sim.
— Socorro.
— O que foi?
— Eu não sei o que vestir. Você vai se arrumar toda e eu vou ficar com cara de Emília e vai ser o fim.
— Cláudia, como você é tola.
— O que você está vestindo?
— Pretinho básico. Perfume Paloma Picasso. Bijuteria em prata. Que mais você quer saber?
— Onde se compra isso tudo? Quero ir igual a você.

— Como você é tola. Coloque qualquer coisa, você vai ficar ótima.
— Coloque você também qualquer coisa. O Pedro e o Alex vão de havaianas e short Adidas. Todo mundo bem casual, só pra combinar comigo.
Ela ficou em silêncio por um tempo.
— Tudo bem. Faça o seguinte. Você tem o número do meu apartamento?
— Eu liguei pra aí, não liguei?
— Ok. Então venha pra cá.
— Agora?
— Se a gente quer estar pronta às nove e meia, é melhor vir logo.
Cheguei ao apartamento, e ela abriu a porta com um roupão atoalhado que fazia ela parecer a minha avó.
— Obrigada, Dea. Deus lhe pague.
— Não agradeça ainda, vamos ver o que a gente pode fazer. Que tamanho você veste?
Falei.
— Venha até aqui.
Ela me levou pra frente do guarda-roupa, e eu quase caí dura.
— Nossa, quanta coisa. Você trouxe isso tudo como?
— Avião de carga. Lembra que o homem da minha vida vinha junto? Eu queria causar uma boa impressão. Deixe eu ver. Você é alta, e eu tenho um vestido que em mim fica um pouco justo. Vamos tentar.
Ela pegou um vestido branco, fez eu vestir. Ficou sobrando um pouco em locais onde eu bem que gostaria de ser mais bem construída, mas ela pegou um xale de seda escura, juntou tudo e deu um jeito que me fez caber direitinho dentro do vestido. Ela me chamou pra perto de uma cadeira e me disse pra sentar. Aí pegou um gel, fez umas coisas com o meu cabelo que eu não entendi direito, escolheu um colar de prata e pedras azuis, e uns brincos combinandinhos, e aí me colocou na frente do espelho.
— Nossa, essa aí sou eu mesma?
— Cláudia em versão top model. Que tal?
— O pessoal nunca ia acreditar se me visse assim.
Eu não estava acreditando. Eu não sei o que ela havia feito, mas eu estava total outra.
— Gostou?

— Acho que não sei. Não ficou meio over?
— Você está uma graça.
— Eu não fiquei com cara de garota tentando parecer mais velha?
— Você ficou com cara de garota muito charmosa vestida para jantar. E agora o toque final.

Ela escolheu um perfume com um vidro muito bonito, e mandou ver. Aí me pediu pra ajudar com o vestido dela, que precisava amarrar nas costas. Eu amarrei errado umas duas vezes, e a gente começou a rir e não parava mais, e eu pensei que ela era total querida, por fazer tudo isso por mim sem nem me conhecer direito.
— Dea, obrigada.
— Por quê?
— Por tudo isso. Por gastar esse tempo comigo, e a gente nem se conhece.
— A gente não se conhecia. Agora somos grandes amigas, certo? E acho que precisamos ir logo, ou eles vão começar a achar que nós fugimos com outros.
— Você acha que eles vão estar lá? Quero dizer, se eles não forem, acho que ia ficar super chato pra nós, quero dizer, a gente aparecer toda arrumada e eles nos deixarem lá esperando.
— Cláudia, se eles forem capazes de fazer uma coisa dessas, vão se ver comigo. Mas acho que dá pra confiar naqueles dois. Me pareceram legais, você não achou?
— Eu achei sim. Mas eu não entendo tanto do assunto.
— Qual assunto?
— Homens.
— Cláudia, querida. Quem entende, quem?
Ela riu e a gente apagou a luz e saiu. Lá fora estava uma noite linda, e a luz estava refletindo na água do mar, e na água da piscina.
— Romântico, não é mesmo?
Ela não respondeu, continuou olhando para a água.
— Ei, Dea? Câmbio?
— Desculpe, fiquei pensando um pouco, foi só isso.
— Pensando em quem?

— Pensando no vinho que eu vou beber hoje. Acho que eu mereço simplesmente o melhor, você não acha?

Eu achava, e a gente foi até o restaurante, que ficava bem sobre a praia. Ele estava todo iluminado e parecia feito de luz prateada. Eu estava achando tudo ótimo, e nunca tinha me sentido assim antes, quero dizer, tão sei lá, total contente.
Os dois estavam sentados nos esperando e fizeram uma coisa engraçada: eles se levantaram quando a gente chegou. Os garotos que eu conheço nunca fazem isso, essas coisas de cavalheiros dos filmes. Eles sentam antes e ainda pegam o pedaço maior de pizza e comem enquanto falam. Uns monstros.
O Alex e o Pedro eram total charme, super educados e tudo mais. Eles disseram que nós estávamos ótimas, e até acho que ficaram um pouco surpresos quando me viram, porque eu estava total diferente mesmo.
Eu me diverti muito, porque eles todos, Dea, Alex, Pedro, eram gente interessante demais. Eles falavam de coisas que tinham feito, e dos lugares que conheciam, e era simplesmente o máximo. Eu falei que tinha morado em Cambridge. Acho que eles gostaram de saber disso, porque começaram a me perguntar coisas e isso foi bom, porque não é muito comum poder encontrar pessoas legais e adultas e que não tratam a gente como total Caras, sem nada na cabeça. E eles se divertiam comigo, às vezes não entendiam direito o jeito que eu falo. Eu disse que tinha achado Cambridge total Chico, e eles perguntaram o que eu queria dizer.
— Como assim?
— O que quer dizer, "total Chico"? A gente não entendeu.
— Total Chico, de Chico Anysio, sem graça.
Eles riram.
— Você é muito original.
— Na verdade não é tão original. É por causa de um filme que eu e uma amiga vimos. A garota do filme falava meio desse jeito e a gente achou muito legal e, então, nós começamos a falar meio parecido. Porque dá pra se dizer as coisas bem como elas são mesmo. Nem todo mundo entende, então a gente pode falar mais à vontade.
— Parece um bom método.
Os dois, os garotos, eles até que eram bem gracinha, em especial o

Pedro, que me pareceu mais calmo. O Alex era mais louquinho, queria fazer de tudo. Eu perguntei se ele era sempre assim.

— É que eu sou diretor de arte, e o Pedro é o redator. Redatores são gente sem imaginação, e por isso eles parecem calmos. É porque não pensam em nada. Diretores de arte são mais criativos. Muito mais intensos, entende?

— Malucos, é o que vocês são. Se não fosse pelo redator, vocês estavam passando fome. A gente é que bota ordem na casa.

Eu não sabia que nas agências de propaganda eles trabalham em dupla, um redator e um diretor de arte, que é o cara que trabalha com as imagens. O redator cria o texto, o título dos anúncios, e o diretor de arte cria o resto. Me pareceu interessante, e devia ser mais interessante pra Carla, que quer trabalhar com isso. Aliás, eu só queria ver a cara dela quando eu contasse que tinha jantado com esses publicitários super importantes. Ela ia morrer de dor, ia mesmo.

A gente pediu o jantar, e eu falei que eles tinham sido muito legais comigo, todos, e que eu gostaria de oferecer o vinho.

— Isso mesmo. Eu gostaria de oferecer o vinho a vocês, porque eu tive mesmo um dia incrível. Eu vi que eles têm um chardonnay chileno fantástico, que o meu pai adora. Que tal?

Eles, Alex, Pedro e Andrea, ficaram me olhando, como se eu fosse de outro planeta. Isso é muito bom, ensina que eles precisam respeitar a gente, mesmo que a gente seja mais nova. Eu aprendi muito sobre vinhos quando eu e o meu pai moramos fora do Brasil, porque lá isso é coisa super séria e todo mundo sabe, até a garotada. E também tem o meu pai, porque pode ele ser meio fora das coisas, mas ele sempre disse que a minha mãe era uma anfitriã perfeita, que sempre recebia as pessoas como uma hostess de verdade, e ele me fez aprender como receber as pessoas, como oferecer um jantar, e todas essas coisas. Nunca uma pessoa chegou à nossa casa sem encontrar o meu pai e eu prontos e à espera no saguão de entrada. Nunca um convidado nosso é mal recebido, nunca. Eu faço tudo isso porque sei que a minha mãe gostava muito da nossa casa e tinha muito orgulho de receber bem as pessoas, e eu sempre quis que ela tivesse orgulho de mim e que o meu pai sentisse orgulho da nossa casa. Talvez isso pareça bobagem, mas a gente precisa escolher as coisas que são importantes, não é mesmo? O meu pai e eu podemos ser total sem frescura em um monte de coisa, mas nessa área nós somos super exigentes.

Quando o vinho chegou, a Dea disse que queria fazer um brinde.

— Aos novos amigos, aos bons amigos. À coisa mais importante que existe.

Achamos aquele brinde muito bom, e brindamos. Eu brindei com água, porque não bebo, e a gente não deve brindar assim, mas eles não se importaram. Todo mundo tinha algum brinde para propor, e a garrafa de vinho acabou num instante.

Os garotos perguntaram o que eu sugeria agora, mas eles é que iriam pagar. Eu mandei vir outra, dessa vez um Sylvaner alemão. Acho que eles estavam me respeitando um monte, quando o jantar terminou. Ou estavam meio bebadozinhos, mas não me importei muito, porque o importante era que todo mundo agora estava entendendo que eu posso ser teen mas não sou total trouxa.

Quando o jantar terminou, os garotos disseram que agora eles queriam dançar, porque o hotel tinha um bar com música na beira da praia. Eu estava total a fim de experimentar um pouco de tudo, porque coisas assim não acontecem todos os dias, não pra mim pelo menos, e disse que, por mim, achava ótimo.

A gente chegou na praia, e já havia mais pessoas dançando por lá. Não era bem o jeito das coisas que eu danço, mas foi o Pedro quem me convidou pra dançar, e então eu achei o máximo, porque, dos dois, ele era o que tinha me agradado mais, porque ele tinha esse jeitinho meio panda que eu adoro. Depois de um tempo, ele perguntou que tal a gente dançar na areia.

— Pedro, eu estou com salto alto.

— É só tirar o sapato. Vai ser muito mais legal do que aqui no bar.

Eu achei esquisito, mas estava me divertindo mesmo, então não fazia mal. Olhei para a Dea e o Alex, e eles estavam sentados na maior conversa, e fui pra areia dançar com o Pedro, que era mesmo uma gracinha. Ele disse que eu era muito bonita.

— Aposto que você diz isso pra todas.
— Digo.
— Diz mesmo?
Agora eu tinha ficado um pouco triste.
— Eu não digo isso pra todas.
— Agora eu não sei no que acreditar.
— Você não acha que é bonita?
— Eu não sou um horror.
— Adoro modéstia.
— Eu não estou sendo modesta, você é que precisa ver as garotas da minha turma.
— Qual é o seu curso?

Pronto. Agora ia ser aquilo. Ele achava que eu estava na faculdade. Também, eu vestida desse jeito, parecia muito mais velha.
— Alex, eu tenho uma coisa pra contar pra você.
— Você na verdade é homem.
— Não!
— Você não passa de uma miragem.
— Não. É só que eu acho que sou um pouco mais moça do que você pensa. Sabe?
— Mais moça?
— É.
— Quanto?
Falei.
Ele me olhou e disse que a gente podia passear um pouco na praia, se eu estivesse com vontade. Eu falei que sim, porque estava uma noite muito bonita mesmo, e eu já tinha cansado de dançar.
— Olhe, eu não quero dizer que me importa a sua idade. Eu não acho que isso é o mais importante.
— Mas você não quer ir preso, não é mesmo?
— Não, eu não quero ir preso, mas não é nisso que eu penso.
— No que você pensa?
— Bom, eu tenho vinte e sete anos, sou um cara super experiente e muito velho, e acho que já sei reconhecer uma garota legal quando eu vejo uma garota legal, e você definitivamente é muito legal, então não faz mal você ter uma idade a mais ou a menos. O que importa é você ser legal ou não.
— E como é uma garota legal, pra você?
— Uma garota que seja inteligente, sensível, que não faça jogos comigo.
— Jogo? Total out!!! Quem joga são os garotos.
— Você deve ter encontrado o tipo errado de cara, é só isso.
— Ei, então eu conheço milhares de caras errados, porque não me apareceu nenhum legal ainda. Só me aparece cara que não gosta muito de banho, ou que só quer falar de automóvel e de surfe.
— Más companhias, é só isso.
— E você?
— Eu conheço todo tipo de gente. Algumas pessoas muito legais, outras que não dá pra levar muito a sério. Em publicidade se conhece todo tipo de gente. Mas quando eu falei que você era bonita eu estava falando sério.
— Acho que vou ficar sem jeito.
— E eu nem estava fazendo clima nem nada. Foi só um elogio mesmo. Porque a gente se conheceu e eu achei você ótima.
— Ok, é bom ouvir isso.
— Você tem namorado?
— Não, mas eu não ando querendo nenhum envolvimento agora. Eu tenho outras coisas pra pensar, sabe? E você?
— Eu? Agora não. Tinha, até uns dois meses atrás.
— O que aconteceu?
— O normal. Ela conheceu um outro cara. Diretor de arte, como o Alex, e se apaixonou. Aí ela me disse que precisava de um tempo, e uma semana depois estava com ele.
— Que horror. Total mal, isso.
— Acontece.

Pode ser, mas eu fiquei com peninha dele, porque ele parecia ser um total panda, bem querido mesmo. A gente estava voltando pro bar, e aí eu fiz essa coisa, meio sem pensar, mas não sei, eu simplesmente dei um beijo nele. Nada de beijo, beijo, só um beijo, e eu nunca tinha beijado um cara assim, quero dizer, mais velho e tudo, e foi muito legal,

porque ele me beijou de volta, bem de leve, e nem me agarrou nem nada, e a gente só ficou ali um pouco e depois continuou caminhando de volta, e deu pra ver que ele era um cara muito querido mesmo, e que talvez eu precisasse saber mais sobre os homens, porque eles podiam ser bem queridos quando queriam, ou talvez isso acontecesse com eles quando ficavam mais velhos, e isso era uma coisa que eu podia perguntar pra Dea, porque ela devia saber, só que agora eu já estava bem próxima do bar, e dava pra ver que não ia dar pra perguntar nada pra Dea, porque ela e o Alex tinham ficado muito amigos, muito mesmo. Comparado com o beijo que ela e o Alex estavam beijando, o que eu tinha dado no Pedro parecia beijo de irmãzinha. Fiquei ali, sem saber o que fazer, e o Pedro me disse que a gente podia sentar um pouco e beber alguma coisa.

— Acho que eles não precisam da gente por perto.

Esse era o Pedro, olhando para os dois e rindo pra mim. Eu vi que ele estava achando divertido aquilo tudo, mas eu pensei que ele podia estar pensando que tinha dado azar, porque o Alex ia ter uma noite das mais animadas, e ele estava aqui, conversando com uma garota como eu, e a coisa pra ele não ia render tanto.

— Acho que o Alex deu mais sorte.

— Por que você diz isso? Cláudia, acho que você não entende que eu estou super aproveitando estar aqui com você. Nem tudo tem que ser desse jeito, quero dizer, como eles estão. Dá pra ser feliz conversando com uma garota interessante, caminhando na praia, sabe? Parece que você só pensa em sexo.

Achei que ele estava se divertindo comigo. Mas eu não sabia mesmo o que fazer. Eu acho que garotos querem sempre transar, e que as garotas às vezes querem, mas não sempre, não assim, do mesmo jeito que eles. Isso é complicado.

— Você está sendo sincero? Quero dizer, está tudo ok?

— Cláudia, está tudo ok. Olha, eu tive uma ideia. Por que a gente não entra na piscina térmica? A água tá linda, e o teto é de vidro e dá pra gente ver a lua. Que tal?

— A essa hora?

— Qual é o seu compromisso importante amanhã?

— Eu não tenho nenhum compromisso importante amanhã.

— Eu tenho. E estou convidando você a encerrar a noite com um toque de classe, entrando na piscina. Classe mesmo ia ser entrar de roupa, mas com esse vestido branco você ia ter problemas de transparência. Que tal?

Eu achava aquilo um pouco maluco, mas pareceu uma ideia legal, tipo coisa que a gente vê nos filmes e nunca faz igual.

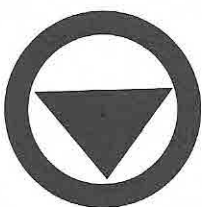
— Tudo bem. Vou trocar de roupa e a gente se encontra na piscina em 15 minutos.

— Combinado.

Eu fui até o apartamento, pensando se aquilo tudo não era maluquice demais. Mas eu acho que, às vezes, a gente precisa fazer umas coisas fora do comum, senão a gente precisa mais é ficar na frente da tevê assistindo ao Faustão, total Ruffles. Resolvi parar de pensar bobagem e aproveitar a noite. Só na hora em que eu tava trocando de roupa que me veio essa ideia engraçada, e que eu só conto porque isso aqui é uma história super sincera e eu estou mesmo falando tudo, direto, total Freud, mas eu pensei essa coisa, que me fez pensar se eu não tava mudando, ficando total Carla, meio vadia, sei lá, porque a coisa que eu pensei, foi mais uma sensação do que uma coisa pensada, mas foi uma sensação de pena, tipo, senti que era uma pena que todos os meus biquínis fossem tão comportados, porque o Pedro era uma gracinha e ia ser legal causar uma boa impressão nele, sei lá, uma coisa maluca que eu pensei. Aí eu achei melhor desligar a luz, desligar esse tipo de ideia, e fui pra piscina. Antes de sair eu olhei no espelho, pra ver se era eu mesma. Era, e foi bom eu ter olhado, porque uma parte do biquíni tinha ficado mal colocada, e ele não tava nem um pouco bem comportado, não tava mesmo. Coloquei de volta no lugar e corri até a piscina, porque já estava ficando atrasada.

O Pedro já estava lá, com uma cerveja pra ele e uma Coca pra mim. Eu até que acharia mais interessante se ele tivesse pedido champanhe, uma coisa mais fora do comum, mas Coca estava ok. A gente nadou por ali, e se divertiu um monte, porque ele era muito engraçado mesmo, acho que porque ele trabalha com publicidade e precisa ficar pensando em coisas inteligentes pra dizer o tempo todo. Ele me falou

da última namorada e disse que me achava um pouco nova, mas que ele poderia esperar uns anos por mim. Ou uns seis meses. Eu não sabia se ele estava falando sério ou não, porque ele brincava demais mesmo, com tudo. Mas eu falei que por mim tudo bem, que assim que eu tirasse meu título de eleitor, aprendesse a dirigir, soubesse beber até cair dura e lesse todos os livros do Shakespeare eu ligava pra ele. A gente disse que era um pacto de sangue, como nos filmes, e ele me falou que a lua estava mesmo linda, toda cheia e tal, e eu achei melhor ficar com sono e ir pro apartamento antes de fazer alguma grande besteira, mas que foi uma noite incrível, foi mesmo.

No quarto, eu fiquei deitada olhando para o teto. Um tempão. Primeiro eu queria ligar pra Carla no meio da noite. Não ia ser nada demais, a gente já fez isso um monte de vezes, porque eu queria contar pra ela sobre essa noite fantástica que eu tinha tido e sobre tudo que estava acontecendo. Depois, sei lá, pensei que a Carla podia não ser a melhor pessoa pra conversar, e eu pensei que seria bom mesmo conversar com a Dea, mas me lembrei do que a Dea devia estar fazendo agora, e aí me deu vontade de conversar mesmo, e eu fiquei tão curiosa que eu podia ter telefonado pra ela naquele instante, mas eu pensei melhor e achei que eu podia estar interrompendo alguma coisa mais romântica, e o jeito foi controlar a vontade, mas foi total difícil, porque mulher é muito curiosa. Nisso os homens têm razão, pelo menos.
No final, eu dormi direto, antes de poder ligar pra Carla, pra Dea, fazer alguma bobagem dessas. Mas antes de dormir, eu pensei numa coisa meio diferente, que me deixou triste, sei lá por quê. Eu pensei, meio com sono, assim, pensei que eu não queria ligar pra Carla porque não era com ela que eu queria conversar, e isso que ela era a minha maior amiga. Era com a Dea. Isso era muito estranho, e eu dormi assim, meio triste, meio sem entender. Depois ainda tive uns sonhos esquisitos e precisei acordar no meio da noite pra tomar toda a água do frigobar, acho que eu tinha mesmo ficado meio angustiada.

Stars open among the lilies
Estrelas se abrem entre lírios
Are you not blinded by such expressionless sirens?
Estas sereias sem expressão não deixam você cega?
This is the silence of astounded souls
Esse é o silêncio das almas atormentadas

Li este poema da Sylvia Plath e pensei em você. Pensei em enviar o poema pra você pelo correio, sem remetente, apenas pra você pensar um pouco sobre ele. O silêncio das almas atormentadas é a frase de que eu mais gosto. Eu estou atormentado porque você está em silêncio. Há dias espero, navegando em um mar tão parado, na internet, esperando que você faça alguma coisa. Mas só existe o silêncio, e eu navego em um lago parado, de águas escuras e sereias que não dizem nada, nem cantam.

Escrevi uma letra pra uma música acústica que o pessoal da banda fez há uns dias, e eles acharam o máximo, sem saber de onde a coisa toda vem, do silêncio que vem da sua casa. Eu passo na frente e não tem luz acesa.

Será que vocês não sabem que existem ladrões por aí? Que é sempre bom deixar uma luz acesa, pra eles acreditarem que tem gente, que não vale a pena arrombar a porta? Ou pelo menos pra me dar a ilusão de que você está aí, mas apenas está em silêncio, guardando o que tem para dizer, por falta de quem escute? Eu escuto, eu escuto. Apenas por isso, você bem que podia dizer alguma coisa.

Acordei tarde e até pensei em dormir mais um pouco, mas:
a) estava um dia total Sundown lá fora;
b) eu não aguentava mais de vontade de falar com a Dea;
c) dormir eu posso dormir quanto quiser quando estiver em casa. Aqui eu tinha mais é que aproveitar tudo que esse hotel tinha pra oferecer, e isso era coisa pra se fazer acordada.

Eu fui olhar o telefone e vi que havia mensagem. Eles tinham um serviço de secretária eletrônica pra gente, nos quartos. A mensagem era do Pedro. Total querido. Ele dizia que era super cedo e ele não queria me acordar, mas que tinha sido muito legal a noite ontem e eles hoje iam passar o dia todo trabalhando e depois seguir direto pro aeroporto. Ele deixou o endereço dele, disse pra eu ligar quando quisesse, e deixou um beijo pra Dea também. Achei super querido, e acho que a ex-namorada dele tem que ser uma total anta pra deixar um cara tão legal assim por um outro qualquer. Tem mulher muito burra nesse mundo, é o que eu acho. Eu achei o máximo ele deixar um recado pra mim, assim. Nenhum garoto da minha aula ia pensar numa coisa dessas.

Na sala eu encontrei um bilhete do meu pai, dizendo que me encontrava mais tarde, na praia ou na piscina, porque ele ia trabalhar um pouco com os amigos e só ia ficar livre no meio da tarde.
Fui tomar café, porque o estômago não aguentava mais, e fiquei total melancólica, porque não consegui ver a Dea em lugar nenhum. Perguntei na recepção, mas eles disseram que ela devia estar no quarto, porque a chave não tinha sido deixada com eles.
No quarto! Já era quase uma hora da tarde, o que essa mulher estava fazendo no quarto com um dia desses lá fora?
Fiquei a fim de bater na porta dela, ver se ela queria fazer ginástica, alguma coisa, mas pensei que ela podia achar que eu estava me intrometendo muito, então o jeito foi colocar a viola total no saco e ir pro apartamento.
Aí eu pensei que já fazia quase uma semana que eu não navegava um pouco, e não ia ser uma ideia ruim dar uma olhada no que o pessoal da minha turma andava falando. Hoje era sábado, e a hora de reunião era uma da tarde.
A turma já estava reunida. Uma parte dela, pelo menos, que nem sempre dá pra juntar todo o povo. Entrei e fui logo dando oi pra todo mundo.

Bam: Olhem quem chegou. Onde andava?
Maria: Deve estar apaixonada e sem tempo pra falar com a gente.
Zé: Como assim, apaixonada? Sem falar comigo primeiro?
Cado: Você ficou sabendo que eu vou dar nome pra uma galáxia? Bom, pra uma parte dela, pelo menos.
Mima: Cado, isso é D+. Como é o nome da sua parte da galáxia?
Cado: KZ900321. Fica pro lado de Nebula.
Mima: Parece um bom nome.
Ida: Mima! Como vão as coisas?
Mima: Pessoal, calma. Eu só andei ocupada uns dias. E agora estou nesse hotel fantástico em Florianópolis, na beira da praia, maior sol. Alguém aí quer vir pra cá?
Bam: Inveja, inveja. Beba uma batida de coco por mim.
Maria: Que tal os garotos por aí?
Zé: Não fiquem incentivando a Mima. A gente está praticamente noivando, sabiam?

Mima: Maria, acho que você ia gostar.
Zé: Eu sabia!
Maria: Ei, Mima, temos uma novidade.
Mima: Qual?
Maria: Olhe a lista de nomes.

Olhei a lista. Estavam lá todos eles. Um momento: havia um nome novo. Homero. Quem era esse Homero?

Mima: A gente tem um sócio novo? Ninguém me disse nada.
Zé: Esse cara apareceu aí há uns dias. Ninguém sabe quem é. Ele não diz nada, só fica parado. Eu fico nervoso, mas ele não responde quando a gente pergunta.
Bam: Isso não está de acordo com a netiquette.

O Bam já está começando a falar tudo em inglês. Netiquette quer dizer etiqueta na net, na internet. Quer dizer que existe um jeito certo para as pessoas se comportarem na rede, e esse Homero não estava agindo direito. E não estava mesmo, porque a gente não deve entrar em uma sala especial sem ser convidado, e não deve ficar quieto quando outras pessoas perguntam alguma coisa. Se é pra ficar quieto, então pra que entrar na sala?

Homero: Eu não estou querendo incomodar vocês. É só que eu entrei por acidente e achei a turma de vocês muito legal.
Luli: Ele está falando.
Maria: Por que você não dizia nada antes?
Homero: Porque eu sou tímido, e porque as pessoas nunca gostam muito de falar do assunto que mais me interessa.
Maria: Que assunto é esse?
Homero: Poesia, música, coisas assim.
Ida: Eu gosto de poesia. Todo mundo gosta. De música então, todo mundo gosta.
Homero: Gostam de escutar música, ou de falar das bandas. Mas não de falar das músicas, do que tem dentro delas.
Cado: Astrofísica é a coisa mais poética que existe.

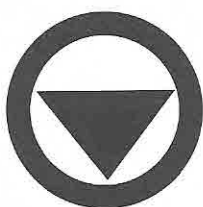
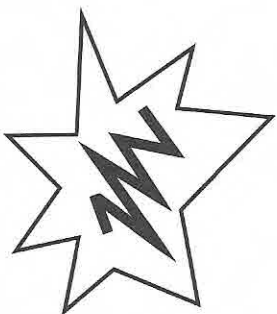
Zé: Ninguém quer mais falar comigo?
Luli: Zé, a gente tem um visitante, podia dar atenção pra ele um pouco. Homero, por que você escolheu esse nome? Quero dizer, Homero não é o seu nome de verdade, certo?
Homero: É o nome do maior poeta de todos os tempos. Ele escreveu a *Odisseia*, a maior história de navegação. A gente está navegando na internet. Achei que o nome ia ser adequado.
Maria: Por que você não diz um poema pra gente?
Homero: Porque não é educado. Porque vocês estão encontrando a amiga de vocês e estão com saudades. Eu posso ficar aqui, quieto.
Mima: Homero. Não faz mal, a gente se fala todos os dias. Acho que a Maria está certa, e você podia dizer um poema pra gente. Está um belo dia de sol lá fora. Acho que a gente podia melhorar o dia com um pouco de poesia, que vocês acham?
Bam: Yes.
Maria: Yes.
Cado: Homero escrevia uns negócios enormes.
Zé: Eu não quero ficar ouvindo poesia.
Ida: Acho uma ótima ideia. E o Zé não precisa ficar com ciúmes de um poema.
Homero: Ao contrário. Acho que ele tem todos os motivos pra sentir ciúmes. Poemas são escritos pra roubar a atenção e o coração das pessoas.
Luli: Qual o coração que você quer roubar, Homero? O meu anda disponível.

Qual o coração que eu quero roubar? Não pergunte isso, ou pergunte, mas não espere que eu responda on-line. O coração que eu quero está aí mesmo, nesta sala. Ela está quieta. Pode estar me odiando, em silêncio, por ter estragado a reunião com os amigos. Mas eu não aguentava mais esta espera. Dias e dias. Quando vi seu nome entrando, fiquei tão feliz que não resisti.

Mima: Homero? Ei, Homero? Você ainda está aí?
Homero: Sim.
Mima: Acho que um poema ia ser bom. Eu não leio muita poesia, mas gosto. O meu pai gosta de ler, de vez em quando.
Luli: Eu também. Mande ver, rapaz, que eu preciso voltar pra loja.
Ida: Não sendo nada muito romântico, por favor.
Maria: Eu gosto de coisas românticas.
Zé: Ninguém mais quer conversar de coisas normais? Acho que vou cair fora. Vocês estão muito sérios pra um sábado. Tchau.
Ida: Não ligue, Homero. O Zé quer toda a atenção pra ele. Coisa de garoto. Mande ver, então.
Homero: Um poema meteorológico, de Carl Sandburgh, já que o dia está tão lindo.
Bam: Aqui está um gelo.
Ida: Um poema meteorológico, então.
Homero: "A neblina se move sobre a cidade, com as
pequenas patas de um gatinho.
Ela para um pouco, como se estivesse
pensando,
E então se vai."
Ida: Que lindo.
Maria: Não entendi.
Cado: Tem a ver com a umidade relativa.
Luli: Cado, não tem a ver com a umidade relativa. Você tem um cérebro muito úmido.
Mima: Achei tão suave.
Ida: Muito suave, você falou bem.
Bam: Hey man, great job.
Luli: Ei, Homero, você está aí?
Bam: Saiu e não se despediu. Será que ninguém respeita a netiquette por aí?
Ida: Acho que isso também é uma mensagem. Bom, Mima, nos fale de Florianópolis.

A gente começou a conversar normal depois que o tal de Homero saiu da sala. Cara estranho. Até o Zé voltou, depois de dar um tempo pra gente dizer que sentiu falta dele, que não deve sair assim, que a gente é amigo e tal. A gente conversou e conversou, cada um contando as

coisas da sua cidade, como sempre. A gente fala com todos, e às vezes usa o serviço de mensagem discreta. Isso é quando alguém do grupo tem uma coisa pra dizer que não quer que todos escutem. Na hora de sair, sempre se dá uma olhada, pra ver se tem uma mensagem discreta. Às duas horas nós encerramos a conversa. A Ida falou um pouco sobre o que ela achou do poema, nós concordamos que era mesmo um poema muito interessante. Até a Maria disse que achou interessante, mas eu tenho as minhas dúvidas, não sei se ela achou mesmo ou falou aquilo só pra parecer menos criança.
Na hora que eu saí, dei uma olhada, e havia mesmo uma mensagem discreta pra mim. Não era o Zé, pedindo pra eu dar o meu e-mail pra ele, como sempre, e eu sempre digo que não, porque não quero ele pegando no meu pé.
A mensagem era assim:
"Mima: queria deixar um poema só pra você. Na próxima vez que a gente se encontrar, você podia dizer o que achou?"
Ele tinha deixado um arquivo atachado. Era um arquivo grande. Isso queria dizer que era um arquivo com texto e imagem, e eu fiquei pensando no que podia ser. Eu não tenho Corel Draw no meu notebook, então precisava esperar até chegar em casa. Eu fiquei curiosa. Quem era esse Homero e por que ele tinha deixado isso pra mim?

Definitivamente as coisas andavam total diferentes nos últimos dias. Eu não estava conseguindo dar conta de tanto assunto, e eu ainda tinha todo o resto do fim de semana, e queria encontrar a Dea. Era muita coisa, e é engraçado como as coisas são, porque por um tempo enorme tudo anda total Chico e, de repente, tudo acelera e fica desse jeito, de tirar o fôlego. Achei melhor pensar nisso mais tarde e aproveitar o sol. Troquei de roupa, passei protetor até ficar total fator trinta e fui embora.

Falei com você. Posso ter falado bobagem, precisei dizer coisas que eu nem tinha pensado, mas falei com você, e nem acredito que isso aconteceu.
Na Odisseia, *aqueles heróis todos navegam anos sem fim, em busca de glória, de amor, de conquistas. Me sinto um pouco um herói, porque consegui falar com você. Será que você percebeu que era com você que eu queria falar? Ida pareceu atenta, o tipo de pessoa que olha o tempo todo, pra ver o que está acontecendo.*
Será que você viu a minha mensagem? Será que vai gostar?
Meu pai vem dizer que a gente vai sair pra almoçar, que vamos no meu restaurante favorito, tailandês. Eu gosto de comida tailandesa porque ela é simples e poderosa, com cores e muito quente, sem ser pesada. A decoração é muito bonita, e a música faz a gente flutuar. Hoje eu vou flutuar, de qualquer jeito. O meu pai é um cara engraçado. Ele pode parecer frio, sem emoção. Mas às vezes me parece que ele sabe bem quando eu estou feliz, e sempre sabe como se pode comemorar alguma coisa especial. A gente vai no tailandês pra um almoço que deve durar um tempo enorme. À tarde eu tenho ensaio, e ainda preciso lavar a moto. Isto é bom, porque assim eu não penso.
Vamos comer camarão e peixe e macarrão transparente. Depois eu vou pro ensaio, tentar escrever alguma coisa nova, porque a banda está falando em um CD. E em todo o tempo, em todo esse tempo, eu vou estar mesmo é pensando em você.

Cheguei até a beira da piscina, e nada de Dea. Coisa! Fui até a praia, mas lá a coisa não ia muito bem, porque no bar que o hotel tem na beira do mar eles tinham colocado um som total Chico e o clima andava meio farofa. Achei que a Dea nunca iria ficar num lugar assim e resolvi voltar para a piscina. Escolhi um canto mais distante da turma de hidroginástica, disse não pra uns dois animadores — aquele pessoal que eles sempre contratam no hotel, que tem a obrigação de divertir a gente até a morte — que queriam me convencer a fazer uma brincadeira na piscina com o resto dos hóspedes, coloquei o meu iPod e resolvi ficar ali até torrar.

Quando eu já estava me acostumando com a solidão, e até que estava legal, porque o pessoal da aeróbica ficava pulando na piscina e eu só escutando música e lendo um pouco, finalmente a Dea apareceu. Fiquei contente e triste ao mesmo tempo. Contente porque eu queria mesmo que a gente se encontrasse. Triste porque ela hoje estava com um biquíni preto, mais arraso do que o de ontem. O que aquela mulher fazia contra a celulite eu não sabia, mas devia ser bruxaria. Raiva! Ela estava lendo um jornal, e falando alto:

— Veja só estes números: se a gente for considerar apenas os homens com mais ou menos trinta anos de idade, curso superior, renda mensal de vinte ou mais salários mínimos, você sabe quantos existem em todo este país? 703.768. Sabe quantos desses devem ser sensíveis, gostar de ir ao cinema, saber cozinhar e ainda por cima gostar de mulher? É o fim. Estatisticamente é o fim. Eu vou morrer solteira. Garçom, preciso de um drinque.

— Acho muito difícil você morrer solteira.

— Cláudia! Bom ver você.

— Eu moro aqui, sabia?

— Está aqui faz tempo?

— Nem tanto. Mas acordei já faz décadas. Você parece muito, ah, animada.

— Com um dia desses, não dá pra não estar, não acha?

Ela deitou e ficou ali um tempo, olhando pra cima, pro céu, que estava um azul demais mesmo. Florianópolis tem um céu lindo, isso tem.

— Você se importa se eu ficar assim paradinha um tempo? Está tão bom não fazer nada.

Se eu me importava? Claro que eu me importava. A gente tinha tido aquela noite de emoções ontem e ela, hoje, na maior calma. Eu não tinha dormido direito, tinha tido os sonhos mais estranhos, tinha acordado super cedo por puro nervosismo hoje, e ela ficava ali, total calma. Nunca. Eu ia ficar louca se a gente não conversasse logo, só isso.

— Dea!

— Sim?

— Você está fazendo isso só pra me deixar maluca, não é? Pode ser sincera comigo.

— Como assim?

— Como assim? Você estava ontem no maior clima com o Alex. Eu não aguento de vontade de saber o que aconteceu e você fica aí nessa calma?

— Cláudia! Exagero seu. Foi tudo normal, não aconteceu nada de mais.

— Tudo normal? Você acha que isso é normal pra mim? Sair com dois caras como eles, ir dançar na praia e depois ainda cair na piscina às duas da manhã. Acha que isso me acontece todo dia?

— Você caiu na piscina?
— É. Foi ideia do Pedro. Mas foi só isso.
— Parece que você queria mais.
— Eu não queria nada. Só achei tudo total diferente. E eu vi você com o Alex. Parece que vocês se entenderam muito bem. Nem precisavam conversar.

Eu falei isso de um jeito que parece que eu estava meio de mal com a coisa toda, e estava mesmo. Acho que eu estava com um pouco de inveja dela, porque tinha ficado com um garoto e tudo, e eu só conseguia dar uns beijos total freira e nada mais.
— A gente ficou ali mais um pouco e depois foi dormir.
Claro que foram, foi o que eu pensei.
— E em qual apartamento? No seu ou no dele?
— Cláudia! A gente foi dormir. Fazer naninha. Cada um no seu. Foi só isso, sério. Eu não ia mentir pra você, ia?
— Não ia?
— Nós somos amigas ou não somos?
— Amigas mentem de vez em quando.
— Não mentem, não.
— A Carla mentiu que tinha feito horrores com o Lucas, um garoto da vizinhança. E depois eu fui saber que eles só tinham ido ao cinema e tomado um sorvete.
— Tudo bem, amigas mentem um pouquinho de vez em quando. Mas eu não estou mentindo pra você porque não teria motivo. Não rolou nada mesmo.
— Mas vocês pareciam tão animados lá na praia. Nada mesmo?
— Só o que você viu, uns beijos e só. Porque eu achei ele uma gracinha, e nunca faz mal a gente agarrar um garoto tão bonitinho. Mas foi só.
— Por quê?
— Cláudia! Você acha que eu saio dando pra todo mundo assim?
— Acho que você faz o maior sucesso com o homaredo. Eu sei disso porque é só ver o jeito que olham pra você na piscina.
Falei isso com um pouco de inveja, porque era verdade. Claro que eu sou uma cientista, e cientistas têm outras coisas pra pensar, mas eu bem que queria um corpo como o dela.
— Cláudia, lembra que eu vinha pra cá com este cara e que tudo deu errado, e eu estava acreditando que eu ia ficar pensando na vida, afundada em melancolia e tudo mais? Pois veja só. Estou me divertindo, jantei com pessoas ótimas ontem, nem lembro mais do tal sujeito, e ainda por cima conheci uma garota muito especial como você e nós ficamos amigas. Isso não é ótimo? E por isso eu quero fazer um brinde com champanhe. Você topa?
Claro que eu topava. Eu estava achando aquilo tudo incrível. Por que ela dizia tudo aquilo? Eu achava ótimo que ela achasse ótimo ser minha amiga.
— Yes!
O garçom trouxe duas taças e encheu com champanhe, e a gente brindou, e eu senti aquela coisa borbulhante descendo pela garganta, e tinha esse sol incrível, e o mar logo ali, e me sentia total lady Di, a máxima. Acho que é por isso que eu não bebo, quero dizer, normalmente.
— Sabe, Cláudia.
— Sim, minha boa amiga Dea.
Ela riu, e eu aproveitei e ri também, porque tinha sido mesmo engraçado. Mas podia ser por causa do champanhe. É difícil dizer, porque eu não estou acostumada com bebida mesmo.
— Sabe, Cláudia, por que eu não fiz nada com a gracinha do Alex?
— Diga.
— Porque ele é um garoto muito querido e muito novinho, e eu não quero nada com garotos.
— Garoto? Ele tem uns vinte e tantos.
— Garoto pra mim, sua anta. Não pra você.
— Mas o que você tem contra gente moça? Você acha que é tudo mané?
— Nada disso. Eu não tenho nada contra garotos e garotas mais novos. Eu só não quero ter nada com eles. Podem ser uns amores e, certamente, eles têm muito, muito amor pra dar, e quando começam não param mais, o que pode ser muito interessante, se é que você entende o que eu quero dizer.
Eu achei que ela estava falando de sexo, mas tem horas que eu acho que tudo tem a ver com sexo. Eu acho que estou me transformando em uma total tarada, só a Carla é que não percebe.
— Entendo.

— Que bom que você entende. Bom, então entenda que eu não tenho nada contra. Só que eu quero outra coisa pra mim.

— O que, por exemplo?

— Em homens? Quero caras mais maduros, que saibam o que eles querem e que queiram ficar comigo. Eu quero um cara legal, calmo, que não fique tentando agarrar todas as mulheres o tempo todo, que saiba apreciar uma pessoa maravilhosa como eu. Se possível um homem com um toque de cabelo grisalho, do lado, sabe? Pra impor respeito, entende? Um cara que me escute, que goste de cinema, que leia bons livros, que goste de ficar em casa lendo e tomando vinho. Mas que goste de dançar, de fazer coisas diferentes. De viajar comigo. Coisas assim, entendeu?

— E que idade tem esse cara perfeito que você quer?

— Mais de trinta.

— Mais de trinta? Mas isso é muita coisa.

— Querida, muito pra quem? Na hora que você experimentar um cara de mais de trinta, nunca vai querer outra coisa. Quero dizer, não faz o menor sentido eu dizer isso pra você. Você tem mais é que sair com os seus garotos e se divertir um monte.

— Eu também acho que caras mais maduros são melhores.

— Que bom que a gente concorda.

Deu pra ver que ela estava brincando comigo. Mas era verdade. O Pedro, por exemplo. Ele era muito mais interessante do que os garotos da minha idade. Ele não era nenhum coroa e tal, mas era um cara mais velho, e eu acho que ele até tinha gostado de ficar comigo. Eu bem que gostaria de conhecer mais gente como ele. Era muito mais interessante do que ficar falando de bobagem com os garotos da aula, ou ficar falando de bobagem com os garotos que eu conhecia nas festas. Claro que também havia garotos legais na minha idade, mas todos eles já tinham namorada, e eu não sou o tipo destruidora de lares nem nada.

— Mas como você vai encontrar esse cara?

— Cláudia, essa pergunta vale um milhão de dólares. Não sei qual é a resposta. Esta é exatamente a questão, e todo mundo passa o tempo todo tentando descobrir isso. Sei lá. Mas a primeira coisa é a gente saber o que a gente quer. Até muito pouco tempo atrás, eu achava que queria outra coisa. Esse cara, com quem eu vinha pra cá, não é nada do que eu falei pra você agora. Ele é um garoto, lindo, irresponsável, maluco, um tesão, e eu estava achando que era isso que eu queria. Acabei de descobrir que não era nada disso. Acho que é porque eu vim para cá e pude pensar. E um pouco por ontem à noite, também. Ficou claro pra mim o que eu quero. Encontrar é outro problema e depois eu penso nisso.

— Quer dizer que você ficou sabendo disso aqui?

— Mais ou menos. Eu acho que no fundo já sabia. Mas foi aqui que eu me dei conta, ou me convenci, algo assim.

— E agora?

— Agora eu vou pedir outra taça de champanhe e brindar a todos os caras muito legais, com mais de trinta, levemente grisalhos, inteligentes, sensíveis e muito másculos, que eu vou ter a chance de conhecer.

— A eles!

— A eles.

A gente brindou e riu bastante. Eu não acreditava muito no que estava acontecendo, no que a gente estava falando. Eu só sabia que eu estava ali com a minha amiga Dea, e a gente estava falando das coisas mais sérias, e sendo super amigas. Eu estava achando tudo ótimo e até comecei a pensar que ela devia saber um monte sobre homens, e tinha todas essas coisas que eu queria muito saber, e não tinha direito pra quem perguntar, e que ia ser ótimo poder conversar com ela, quero dizer, se ela aceitasse falar comigo sobre essas coisas, e eu estava pensando em tudo isso quando ela quase deu um salto na cadeira e disse pra mim, perto da orelha:

— Disfarce, não olhe direto, mas eu acabo de ver um cara maaaraaavilhooso, do outro lado da piscina.

— Onde?

Ela mudou de voz, como se a gente estivesse em um navio:

— Capitão, capitão! Homem bom a estimbordo! Lançar boia, lançar âncora, lançar tudo!

— Dea, parece doida.

Eu estava rindo, porque ela era mesmo muito engraçada falando daquele jeito. E o mais engraçado é que ela disfarçava super bem. Quem estivesse olhando ia achar que a gente estava falando do mar, do clima,

ou qualquer bobagem. Eu só não conseguia saber quem era o sujeito.
— Dea, onde ele está?
— Bombordo, capitão!
— Que lado é bombordo?
— Mão do relógio, capitão. Homem bom à vista! Atenção, tripulação! À abordagem!
— Onde, Dea, me mostre!
Ela fez um sinal com o queixo, apontado pro tal cara. Eu olhei e foi o meu queixo que caiu. O cara era mesmo um gato, só que eu conhecia ele muito bem.
— Meu Deus, Cláudia. Ele está vindo na nossa direção. Olha só o jeito que ele caminha! É o máximo! E está vindo pra cá. Acho que eu vou ter um troço.

Claro que ele estava vindo pra cá. Era a coisa mais natural que ele estivesse vindo pra cá, porque o cara que a Dea tinha achado o máximo, ou homem com mais de trinta e cabelos levemente grisalhos, não era nem mais nem menos do que o meu pai. E agora, o que eu fazia com isso? Não tinha jeito, porque ele vinha mesmo pra cá, então eu achei melhor dizer pra ela que eu sabia quem ele era.
— Ele é meu conhecido, Dea.
— Não acredito! Ai, meu Santo Antônio. Você tem que apresentar ele pra mim. Apresenta, promete? Diga que sim, ou eu me jogo na piscina e não saio mais. Promete?

Prometi.
— Oi, Cláudia.
— Quanto tempo!
— Acho que eu fiquei muito ocupado. Você já almoçou?
— Mais ou menos, mas não estou com fome.
— Um pessoal veio comigo e acho que vou almoçar com eles. Não quer vir junto?
— Não, obrigada.
A Dea me deu um beliscão tão forte que eu quase dei um grito.
— Esta é a Andrea, a gente se conheceu aqui mesmo.
— Me chame de Dea.

Vocês precisavam ouvir a voz dela. Total veludo, total aveia com mel, a coisa mais suave e sedutora. Quando o assunto é homem, mulher é capaz de tudo.
— Cláudia, nós poderíamos jantar juntos hoje. Você gostaria?
Beliscão, mais forte ainda, dessa vez.
— Gostaria. Mas eu já tinha combinado com a Dea de jantar com ela.
— Nós poderíamos jantar todos juntos, claro, se você não se importar, Andrea.
— Dea, me chame de Dea.
— Dea.

Eu já nem sabia o que fazer, estava ali total tonta, total mané, sem ter a menor ideia do que eu devia dizer pra explicar pra ele, pra ela, sei lá pra quem. Parecia que eu tinha entrado no ônibus errado e não tinha como descer, que só podia ir pra frente, sem parar nunca.
— Por mim tudo bem, podemos jantar todos juntos. O restaurante aqui do hotel é muito bom.
O meu pai nem escutou, porque ele já tinha escolhido o restaurante.
— Eu tinha pensado nesse lugar, na beira da lagoa. Dizem que é ótimo, que o dono mergulha todas as manhãs pra pescar. Dizem que é muito bom.
— Eu já ouvi falar e adoraria conhecer.
Esta era a Andrea. Nossa, ela adoraria mesmo conhecer, e não era só o Martim Pescador. Até aquela hora eu estava só confusa, tudo tinha acontecido rápido demais, e eu logo ia explicar a confusão pra eles e tudo ia ficar claro. Mas aí eu comecei a achar a coisa toda tão maluca que era até divertido, e me deu essa vontade ainda mais maluca de levar a coisa adiante, de brincar um pouco com a situação. Acho que eu pensei que a Andrea merecia que eu me divertisse um pouco, porque ela tinha sido tão assanhada com o meu pai. Tudo que eu precisei falar foi só isso:
— Tudo bem, vamos todos jantar no Martim Pescador. Que tal nove e meia? A gente se encontra aqui mesmo, na piscina.
— Aqui?
— Claro, assim não existe jeito de a gente se perder.
— Pra mim tudo bem.

Esse era o meu pai. Pra ele tudo bem mesmo. Em especial porque a piscina era um lugar fácil de encontrar, e o meu pai é péssimo em orientação.

— Tchau, então. Até depois. Prazer em conhecer você, Andrea.

— Prazer em conhecer você.

Voz de veludo, de novo. Suave como um pêssego. Pêssego com chantilly. Nossa!

— Meu Deus, ele é um sonho!

— Por que você achou isso?

— Não viu o jeito que ele olha pra gente? Parece que vê tudo que se passa, é incrível.

Ela não tava entendendo nada. O meu pai olha desse jeito porque é meio míope sem óculos. Ele não está olhando pro interior da nossa alma. Ele só está tentando descobrir onde a gente está, só isso.

— Ele parece super meigo, e gentil. Deve ser um sujeito muito educado.

— Ele tem um doutorado em biotecnologia na Inglaterra. É um especialista em bactérias e coisas assim.

— E eu aqui, cheia de vida e de micróbios pra ele estudar.

— Andrea, você nem conhece ele, nem conversou direito. Como pode sentir tudo isso pelo sujeito?

— Intuição feminina. Já ouviu falar?

— Isso é um mito.

— Mitos às vezes funcionam. Nossa, como você é pessimista. Eu acabo de encontrar o homem dos meus sonhos e você acha que o sonho está com defeito?

— Nada disso. Que bom que você gostou dele. Você vai poder conversar mais com ele no jantar.

— Ai, meu Deus. O jantar. Eu preciso pensar no que eu vou vestir. Como você acha que ele prefere as mulheres?

O meu pai? Acho que ele não prefere. Ele nem sabe o que é perfume ou vestido, pelo menos ele nunca mostrou o menor interesse nesses detalhes. O meu pai é um cientista, ele nunca presta atenção em coisas de gente normal.

Eu falei pra ela que ela era uma gata e que não precisava se preocupar. Ela falou que precisava se preocupar sim, que homens são super sensíveis e medrosos. Que ela queria causar o maior impacto, sem deixar ele assustado. O meu pai assustado? Nem com terremoto. Até porque ele nem se dá conta do que está acontecendo.

A gente combinou de se encontrar bem antes do horário do jantar, pra eu ajudar ela a se aprontar. Eu achei muito engraçado porque, na noite passada, era eu quem tinha procurado ajuda. Mas hoje era ela quem parecia a garota assustada. A vida pode ser muito estranha, eu acho.

Ela não parou mais. Primeiro quis participar da hidroginástica. Em dez minutos já tinha cansado daquilo tudo. Depois ficou sabendo que eles tinham ecopasseios até o morro e quis ir. Olhou melhor para o morro e desistiu. Me convidou para uma partida de paddle, ganhou dois sets em meia hora e disse que estava exausta, que tal a gente ir até a praia. Pediu um frescobol emprestado, a gente bateu um tempo e ela disse que queria caminhar até a ponta da praia. No caminho ela comprou uma rede de algodão e um coco gelado, depois lembrou que já tinha uma rede igual e que não gostava de coco. Aquela mulher estava enlouquecida. Eu cheguei a ficar aliviada quando a gente viu que já eram seis horas, tempo de descansar um pouco antes de se arrumar para a janta.

A gente se despediu e eu fui para o apartamento, sem saber direito o que eu devia fazer. No começo eu estava me divertindo, achando engraçado tudo aquilo. Depois eu comecei a achar difícil contar pra ela, sem saber direito como. E eu também comecei a achar toda a situação muito estranha. Quero dizer, a Andrea era minha amiga, a gente mal se conheceu e eu já comecei a gostar dela. A gente nunca tinha se encontrado antes e mora no mesmo bairro, quero dizer, na volta a gente ia poder se ver direto, pelo menos era o que eu gostaria. Agora ela estava total a fim do meu pai, sem saber que era o meu pai. O que eu ia fazer? Como eu ia me explicar, e como será que ele iria reagir quando soubesse? O meu pai nunca deu muita atenção para as minhas amigas, acho que porque elas são muito garotas. E as outras mulheres que jogam charme pra cima dele, essas eu nunca conheci direito, e nunca me importei se ele gostava ou não delas, só não queria que ele ficasse com uma Demi ou uma Galisteu, ou uma total perua in concert, cheia de coisas douradas. O resto eu até encarava. Agora eu não sabia o que ia acontecer, nem sabia o que eu preferia que acontecesse, mas um monte

de coisas podia dar errado. O meu pai podia não gostar dela, e ela podia ficar arrasada e não querer mais falar comigo. O meu pai podia tratar ela mal, e isso ia ser um problema. Ela podia ficar injuriada por eu não ter falado que ele era o meu pai, achar que eu estava brincando com ela e nunca mais querer falar comigo. Nossa, eu estava total in trouble e nem sabia direito como esse negócio tinha começado. Não ia ser fácil, e eu resolvi tomar um banho de espuma, pra ver se as ideias melhoravam, se eu me acalmava, ou se eu pelo menos me afogava, pra dar um fim a toda essa angústia.

Às oito horas eu disse pro meu pai que ia encontrar a Andrea. Ele não entendeu muito por que eu estava saindo mais cedo, eu disse que era coisa de mulher e ele que não se metesse. Ele falou que tudo bem, que queria mesmo trabalhar numas ideias que ele e os amigos estavam debatendo e ficou lá na sala, com o meu notebook. Eu olhei pra ele ali e me deu o maior carinho. Vocês não podem imaginar como o meu pai parece um garotão meio perdido. Ele estava com uma camisa bem folgada, uma calça também meio folgada, que dá um jeito total desajeitado. Ele tem esse olho azul meio cinza, e sempre olha pra gente como se estivesse com uma nuvem nos olhos, e é a coisa mais gracinha que eu conheço. Ele é mesmo um amor, e foi isso que eu disse pra ele, depois de dar um beijão apertado na bochecha dele, de deixar marcada. Ele só disse que eu sou meio maluca, e voltou pro computador.

Antes de emprestar o computador pra ele, eu dei uma olhada rápida no meu e-mail e havia uma mensagem pra mim. Eu não tinha muito tempo pra ler direito, mas mulher é mesmo total curiosa e eu não resisti a dar uma olhadinha. Era um mail daquele garoto estranho que havia aparecido na minha turma hoje, que disse que queria ser chamado de Homero. Eu fiquei surpresa de novo com ele. A mensagem era bem curta. Dizia assim:

Li isso e pensei em você. É de um americano chamado Robert Frost e se chama "A estrada que eu não escolhi", ou um nome assim. Você poderia ler e depois me contar o que acha? O meu mail é esse aí embaixo. Espero não estar incomodando você. Mas eu acho que existem pessoas especiais, e você me pareceu ser uma. Até depois.

O que ele tinha deixado junto era uma coisa que parecia uma poesia, e que dizia mais ou menos assim:

Encontrei diante de mim dois caminhos
Eu só podia seguir um deles, e precisava fazer a escolha
Um era mais gasto, e parecia ser o que as pessoas de bom senso
escolheriam
O outro era mais bonito, coberto de folhas
Mas o primeiro parecia mais seguro, levando ao futuro.
Cheguei a este ponto do caminho onde precisava escolher entre
duas estradas
E entre as duas, escolhi a menos viajada
E isto fez toda a diferença.

Não sei por que, mas aquilo mexeu comigo, mexeu muito mesmo. Porque eu acho que sentia que estava em um momento muito especial da minha vida, fazendo escolhas o tempo todo. Hoje eu precisava escolher o que ia dizer pra Andrea, e de que jeito. Sem saber como ela iria reagir, pra onde as minhas escolhas iriam me levar, a ganhar uma amiga ou uma super confusão. Achei incrível como o garoto podia saber que aquela poesia poderia ter tanto a ver com esse meu momento. Deixei uma mensagem curta pra ele, dizendo que agradecia e que depois a gente conversava melhor, e fui correndo até o apartamento da Andrea, pra ver o que ela andava aprontando. Ia ser uma noite nem um pouco Chico, isso eu sabia, tinha certeza mesmo.

A Andrea estava sentada na cama, toda desarrumada.
— Andrea! Você nem começou a se arrumar, mulher.
— Não vou mais. Vai dar errado.
— Deixe de ser tola.
— Eu tenho azar com homens. Isso nunca funciona pra mim. Eu tenho mais é que aprender tricô, crochê, todas essas coisas. Comprar um gato e ficar em casa assistindo Namoro na Tevê.
O quarto estava uma bagunça. Ela tinha colocado uma dúzia de roupas em cima da cama, e agora estava deitada de camiseta, sem maquiagem nem nada.

— Andrea, eu não acredito. Vamos logo com isso, vamos procurar alguma coisa pra você.

— Não adianta. Eu vou fazer alguma besteira. Ele não vai gostar do meu estilo. Vai ser um desastre. Me deixe aqui, eu fico bem. Vão vocês e se divirtam.

— Deixe de ser idiota. Agora vamos ver o que fica bem em você.

Tudo ficava bem nela. Maior inveja. Eu fiz ela experimentar uns vestidos, umas combinações de calça com blusa, saia com blusa, e eu juro pra vocês que até em roupa de bombeiro aquela garota fica bem. No final convenci a Dea a colocar um vestido bem simples, mas com um perfume legal e um sapato com salto. Ela ficou um arraso, na minha opinião. Homem nenhum ia resistir, eu garanti pra ela. Homem normal, foi o que eu pensei. O meu pai, coitadinho, é um caso à parte e nem ia saber que o perfume era Chanel, que o vestido podia ser simples, mas custava uma fortuna e era elegantérrimo. Mas eu disse isso pra Andrea e ela ficou mais animada, e eu acho que no final é isso que conta.
Às nove e meia a gente foi para a piscina. Nove e meia em ponto não, porque a Andrea disse que mulher não pode ser muito pontual, senão parece ansiosa. Eu achei aquilo uma tolice, porque mulher é mesmo ansiosa, mas ela fez questão e a gente esperou uns dez minutos fazendo tempo na frente da lojinha do hotel. Quando chegamos na piscina o meu pai já estava lá, olhando o relógio. Eu sei que ele odeia esperar e tentei dar uma explicação, mas quando eu olhei, ele estava dizendo que não fazia mal, que não havia problema, que tudo estava certo. Eu não entendi bem por que ele estava fazendo tanta questão de deixar claro que tudo estava bem. Olhei bem pra ele e percebi essa coisa que eu achei um pouco estranha no jeito que ele olhava para a Dea, mas eu já disse que o meu pai é meio míope e olha pra gente meio esquisito mesmo, então deixei pra lá. A Andrea estava total muda, e eu achei melhor a gente ir logo para o restaurante, pra ver o que acontecia.

O restaurante era uma gracinha, perto da Lagoa da Conceição, que é um lugar muito lindo, e eu acho que todo mundo que for a Florianópolis devia aproveitar para conhecer. A lagoa e o restaurante, quero dizer.

O meu pai me pareceu total animado. Fez questão de escolher o vinho, foi até a cozinha conversar com o pessoal e olhar as anchovas. Voltou dizendo que tinha pedido um molho especial e que ele esperava que a Andrea gostasse.
Ela não dizia quase nada, e eu não conseguia entender o que estava acontecendo. Quando o meu pai foi até a cozinha, eu perguntei pra ela se alguma coisa estava errada.

— Você não gostou do vinho?

Ela fez que não era isso.

— Não queria anchova.

— Não é nada disso, Cláudia. Nada disso.

— Então o que é? Eu nunca vi você assim.

— A gente não se conhece há tanto tempo.

— Mas eu aposto que esse não é o seu jeito.

— Cláudia, parece que você não entende nada mesmo.

— Não estou entendendo mesmo. Por que você está tão estranha?

Ela não respondeu. Só apontou na direção da cozinha, e eu olhei e era o meu pai voltando. Eu não entendi mesmo. Se ela queria sair com ele, então devia estar contente e não com essa cara de enterro.
O meu pai voltou todo animado da cozinha e começou a contar que, se não fosse biólogo, ele gostaria de ser cozinheiro. Pra mim isso era novidade. A Andrea disse que adorava cozinhar, também, que comida era uma coisa super importante, uma arte, e tal. Então eles começaram a falar de pratos, e de temperos que achavam o máximo, e de todas essas coisas com nome esquisito, e começaram a ficar total animados. Eu achei engraçado ver o meu pai daquele jeito, porque ele costuma ser tímido com garotas, e com a Andrea ele parecia estar super à vontade, acho que porque ele sabia que ela era minha amiga e assim ele não se sentia inibido como sempre, sei lá. E a Andrea também, agora parecia menos tímida e sem jeito, e eu comecei a ver que ela já estava com cor no rosto, em vez de total cadavérica como antes, mas podia ser por causa do vinho. Ela começou a jogar charme feminino, sabem, bem do jeito que mulher faz quando está de olho em um cara, dizendo pra ele que sim, que era absolutamente importante ter manjericão fresco pra fazer um molho de tomate decente, e que ele precisava provar o molho

de tomate dela uma hora dessas, e fazendo esses jeitos, assim mesmo, total se lançando, até parecia a Carla a fim de um cara novo. Até que ela fazia super bem e nem dava pra perceber, quero dizer, acho que um homem não ia se dar conta, porque homem não percebe nada mesmo, mas ela total se fazendo, e tudo bem, porque dava pra ver que o meu pai estava achando aquilo ótimo, tão ótimo que ele falou o que eu tinha mais medo que ele falasse, e que eu sabia que ia estragar a nossa noite. Ele disse que ela precisava visitar a gente uma hora dessas.

— A gente?
— Sim, claro. Você não mora super perto da nossa casa? Foi o que a Cláudia disse, não foi? Então, podia mostrar esse seu molho maravilhoso lá em casa.
— Lá em casa? — falou a Dea, e deu pra ver que ela não estava entendendo nada.
Essa noite ia acabar em choro, foi o que eu pensei.
— Sim, claro — disse o meu pai. — Lá na nossa casa.
— Vocês moram juntos? — a Dea estava fazendo uma cara de escândalo. O meu pai ria, achando que ela estava brincando.
— Claro que sim — disse o meu pai, pra fechar a noite com chave de ouro. — Não é normal pai e filha morarem na mesma casa?
A Dea não disse nada. Olhou pra ele e ficou total sem cor no rosto. Olhou pra mim e disse que precisava ir ao banheiro, pediu licença e se levantou.
O meu pai não entendia nada.
— Cláudia, será que aconteceu alguma coisa? Ela ficou tão pálida. Será que foi o vinho?
Eu disse pra ele que achava que sim e que iria atrás dela, pra ver se estava tudo bem.
Ela estava parada diante da pia, e lavava os olhos, e dava pra ver que ela tinha chorado um pouco. Achei melhor não dizer nada, só fiquei ali na frente. Achei que ela ia querer me matar mesmo.
— Cláudia, que vergonha.
— Não é nada disso, e você não precisa ficar assim.
— Não preciso? Eu me comportei como uma enlouquecida, e era o seu pai? Eu quero morrer.
— Dea, não é nada disso.
— Não é nada disso? Me comportei desse jeito com o seu pai, e você diz que não é nada disso? Que vergonha, meu Deus!

Eu não sabia o que dizer.
— Ele é meu pai. A gente veio pra cá passar o fim de semana, e eu te conheci e quis ficar sua amiga. Isso está errado?
— Não dizer nada pra uma amiga e deixar ela passar por palhaça? Não sei se não há nada de errado com isso. O que você acha?
— Não foi nada disso.
— Não foi? O que foi então?
Eu não sabia o que devia dizer. Eu sabia que tinha feito uma coisa um pouco errada, e não sabia como consertar.
— Ele gostou de você. Gostou mesmo.
— Ele deve ter me achado uma imbecil.
— Dea, eu não sei de um monte de coisa, mas eu conheço ele. Ele gostou de você.
— Isso não importa muito agora. Não é mesmo?

Eu queria dizer a ela que estava tudo bem, que nada tinha acontecido, mas ela não parecia muito interessada. Ficou em silêncio, só encostada na pia, como se estivesse pensando sozinha. Eu disse que ia voltar pra mesa, que ela viesse logo porque a sobremesa era musse de maracujá. Ela quase riu pra mim, mas ficou séria de novo e disse que já voltava, mas que agora queria ficar sozinha um pouco.
Quando eu voltei pra mesa ele me olhou assim, como se perguntando o que havia com a Dea. Falei que ela já vinha, que era coisa de mulher, e ele ficou quieto. A Dea voltou e disse que estava tudo bem, mas no resto do tempo ela quase não falou, só respondia com uma palavra ou coisa assim. Até o meu pai percebeu que ela não estava bem, e ela logo disse que era uma pena, mas que precisava ir porque amanhã ia pegar este voo super cedo, e que tudo tinha sido ótimo e ela agradecia muito pelo convite para ter jantado conosco.

Quando a gente chegou ao hotel, o meu pai fez questão de dar um cartão pra Dea e dizer pra ela nos ligar, que ele adoraria conversar

mais com ela. Ela agradeceu e disse que claro, qualquer dia desses, mas não me pareceu que isso fosse mesmo o que ela estava dizendo, de verdade.

Ela se despediu de mim dizendo que tinha sido ótimo me conhecer, que esperava que a gente se visse sempre, mas não foi bem isso que eu senti, e me parecia mais que ela queria me ver morta, ou pelo menos longe dali. Acho que ela não estava nem um pouco feliz comigo. Eu queria morrer, mas não podia fazer nada.

O meu pai não quis dormir logo, disse que queria ficar um pouco na sala, quieto. Achei que ele precisava ficar sozinho, então fui deitar, me sentindo um tanto imbecil e total triste, porque achava que tinha feito uma coisa sem pensar e agora isso ia fazer a Andrea não querer mais ser minha amiga. Eu pensei muito naquilo e resolvi fazer essa coisa e fiz mesmo, e acho certo, porque, quando a gente tem amigos, eles têm que ser super importantes pra gente.

Eu resolvi escrever um bilhete e deixar debaixo da porta dela, dizendo que eu sentia muito se ela tinha ficado magoada, que a minha intenção não era má, nem nada, que aconteceu meio por acaso e que eu agora estava super triste, porque eu tinha adorado conhecer uma pessoa como ela e que, agora, meio por bobagem, a gente não ia mais se ver porque ela estava muito total puta demais comigo, que isso era mesmo uma merda e que eu sentia muito. Eu não disse isso exatamente assim, com essas palavras, mas essa era a ideia.

Deixei o bilhete debaixo da porta dela e quase bati pra me desculpar ao vivo. Mas já era tarde, e ela tinha falado que precisava voar bem cedo amanhã, então o que eu fiz foi isso, deixei o bilhete e fui dormir, pensando na poesia que o Homero tinha deixado pra mim, falando das estradas que a gente tem para pegar e das escolhas que precisa fazer, o tempo todo. Eu tinha a impressão de que agora mesmo, nessa época, eu estava fazendo escolhas super importantes, que iam afetar o resto da minha vida, e eu fiquei super dramática e depois tive uns sonhos muito estranhos. Não pesadelos, nada disso. Sonhos estranhos mesmo. Só isso.

Nos primeiros dias, depois que a gente voltou pra casa, eu nem tive tempo pra pensar direito no que tinha acontecido. Eu estava cheia de provas no colégio e queria liquidar logo com elas, e as coisas todas que tinham acontecido por lá, elas tinham mexido comigo, tinham mesmo. E, pra complicar as coisas, a minha querida amiga Carla tinha arranjado um novo namorado, estava apaixonadíssima e achava que o cara era O Cara, e eu me vi total solitária e passando um tempão em casa, ainda mais que o meu pai tinha saído em viagem logo depois da nossa volta.

Não sei se vocês moram sozinhos, mas é uma coisa que só quem conhece pode saber. Eu conheço um monte de gente que me diz que queria viver sozinha, que o maior sonho era arranjar um apartamento e sair fora, nada mais de mãe, pai, irmãos, família enchendo. Poder zoar a qualquer hora, ficar com quem quiser. Parece bom no papel, mas na real é outra história. Na real o que acontece é que a gente sai da escola e tem um dia inteiro pela frente. Faz um tempo, mas acaba indo pra casa. Lá dentro não tem ninguém pra dar um oi, pra perguntar como foi a aula, qualquer bobagem dessas. A gente olha um pouco de tevê, mas nessa hora não tem nada. Faz almoço, come, coloca a louça na máquina de lavar. São duas horas e a gente ali, sem nada pra fazer, a não

ser algum dever, estudar um pouco. Dá pra olhar um livro, mas depois de um tempo é um tédio, porque não tem com quem conversar sobre a história. Dá pra sair um pouco de tarde, ir a um museu, caminhar um pouco, ir ao supermercado, fazer a tarde passar pra chegar logo a noite. Em outras horas eu podia ligar pra Carla, mas nesses dias ela ia estar com o Cara mesmo, namorando em algum lugar, e ia ser pior, porque ela ia sentir pena de mim, total coitadinha.
De noite parece que melhora um pouco. Eu faço as mesmas coisas que faria se o meu pai estivesse aqui. Tipo fazer jantar, olhar o Jornal Nacional, a gente vê os dois, sentados no sofá, e até jornal na tevê pode ser divertido, se a gente tiver alguma pessoa com a gente. Sorte que o meu pai ia ficar só uns dias fora, porque eu estava ficando bem deprimidinha dessa vez. E sorte que eu tinha pelo menos a minha turma da internet.

Ida: E aí, garota. Como foi o fim de semana em Florianópolis?
Mima: D+, Ida. Foi duca mesmo. Droga estar aqui de volta e sozinha ainda por cima.
Zé: Então me deixe ir aí com você e eu dou um novo sentido pra sua vida, minha deusa.
Mima: Zé, cresça.
Zé: Ela vive dizendo isso, pessoal. Acho que ela me ama.
Luli: Quem anda dos mais quietos é um admirador seu, Mima.
Mima: Quem?
Luli: O Homero. Anda dos mais quietos, sempre por aí.
Zé: Ele não é quieto. Vocês não entendem que o cara não tem o que dizer?
Mima: Homero? Ele está aí?
Luli: Está sim. Mas sempre que você não está por aqui ele simplesmente não diz nada, só fica por aí. A gente nem se importa, só gostaria de saber um pouco mais sobre quem está na nossa sala.
Homero: O que vocês gostariam de saber?
Ida: Gente, ele falou.
Luli: É só a Mima aparecer, já falei.
Zé: Esse cara pode ser um serial killer. Se eu fosse vocês, não dava muita conversa pra estranhos.

Ida: Zé, eu já falei que você pode ser muito agressivo?
Luli: Zé, você não pode deixar que o ciúme tome conta, rapaz. Se a coisa ficar difícil procê, venha aqui pra Fortaleza que eu arranjo uma cearense gatona pra acabar com sua dor-de-cotovelo.
Zé: Eu não tenho nenhuma dor-de-cotovelo. Tá assim de garota a fim de dar pra mim. Nem tou pra vocês. Vou embora. Até.
Luli: Garotos!
Ida: Viu só, Mima? Destruindo corações.
Luli: É culpa do Homero.
Homero: Não é minha culpa. Só estou aqui, bem quieto. Só ouvindo vocês. Alô, Mima. Como está tudo?
Mima: Tudo vai mais ou menos. Meu pai está viajando e eu fiquei meio solitária.

Nessa hora entrou mais gente na sala. Bam e Pelé, que logo começaram a falar de futebol, o Bam querendo saber como ia o Flamengo. A conversa ficou meio uma bagunça, e então eu lembrei da mensagem discreta que o Homero tinha enviado quando eu estava em Florianópolis. Eu ainda não tinha olhado o que era, e me deu a maior curiosidade. Olhei a relação de nomes e vi que ele não estava mais na sala. Continuei conversando um pouco com o pessoal e, assim que foi possível, saí também e fui olhar o que era. Precisei abrir num programa de imagens e texto que é super lento, a gente precisa esperar um tempo enquanto a imagem aparece. Eu decidi aproveitar a espera e ir buscar uma Coca. Eu lembro que fiquei nervosa, nem sei por quê. Mas a coisa toda começava a me parecer estranha. Quem era este cara, por que ele estava enviando essas coisas pra mim? Eu acho que andava nervosa por outros motivos. Eu tinha conhecido a Andrea, e havia acontecido tudo aquilo. Eu agora estava de volta e sem ninguém, porque o meu pai estava viajando, eu não sabia o que fazer com a Andrea. A Carla apaixonada era o mesmo que nada, porque ela não queria saber de outra coisa, a não ser ficar dando pro Cara. Um inferno isso tudo. E agora esse Homero. A vida pode ser total complicada, é o que eu acho.
Quando eu voltei com a Coca, a imagem já tinha se formado e era uma fotografia de uma garota. A garota na fotografia era eu. Na fotografia eu estava caminhando pela rua, total sem nada de especial, só cami-

nhando. Eu estava com uma calça jeans meio mané e uma camiseta branca. Só que eu nunca tinha tirado uma foto assim. E ninguém tinha me fotografado daquele jeito, que eu soubesse. Eu estava segurando uns livros e a sacola que eu uso para ir ao colégio. Eu consegui ver um prédio no fundo que parecia com o Correio aqui perto de casa.
Quem tinha feito aquela foto e por que este garoto tinha enviado pra mim eram as coisas que eu queria muito saber. Muito mesmo.
Voltei correndo pra sala da internet, pra ver se ainda havia alguém lá. A turma não estava mais lá. Só havia um nome na lista dos presentes. Eu fiquei esperando que ele dissesse alguma coisa.

Homero: Achei que você não vinha mais.
Mima: Como você sabia que eu vinha?
Homero: Eu não sabia. Eu só fiquei aqui esperando e torcendo pra você vir.
Mima: Por que isso?
Homero: Por que qual isso?
Mima: Isso tudo. Você querer falar comigo. A foto que você me mandou. Quem fez a foto?
Homero: Eu fiz aquela foto.
Mima: Então você mora aqui, quero dizer, na mesma cidade que eu.
Homero: Mesma cidade. Bairro diferente. Mas, quando você não conhece uma pessoa e quer falar com ela, é como se fosse outro planeta, não é mesmo?
Mima: Por que você queria falar comigo?
Homero: Porque um dia eu vi você na rua e vi alguma coisa de muito especial. E então eu quis muito conhecer você. É só isso.
Mima: Só isso?
Homero: Só isso. Eu sou muito tímido, e não tive coragem de falar com você. Sempre acho super difícil tentar conversar com uma pessoa nova, ainda mais se for uma garota. Sabe como uma garota olha pra gente, quando se tenta conversar? Mesmo que seja só pra conversar, mais nada?
Mima: Nem sempre os garotos só querem conversar e mais nada.
Homero: Mas como eu faço pra convencer a garota que eu só quero conversar, conhecer? Ela não acredita, e eu fico super nervoso.
Por isso eu fiz a foto, porque achei você muito diferente, mas não tive coragem de ir lá e conversar com uma estranha. Você não vai nos mesmos lugares que eu vou. Nunca tive a chance de conhecer você em um bar, perguntar se você estuda, o que gosta de fazer, essas coisas.
Mima: Eu odeio esse tipo de conversa. Acho total mané.
Homero: Gostou da foto?
Mima: Eu nunca tinha visto eu mesma assim. Quero dizer, a gente sempre se produz um pouco pra fotografias. Onde você estava?
Homero: Do outro lado da rua, atrás de uma cabine de telefone.
Mima: Acho que você é meio doido.
Homero: Acho que sim.
Mima: O que você faz?
Homero: Umas coisas. Eu faço faculdade. Tenho uma moto e ando bastante por aí, pra olhar a cidade, as pessoas. Fotografo, faço letras pra minha banda.
Mima: Banda de quê?
Homero: Rock, meio hardcore. Eu sou vocal.
Mima: Total dez.
Homero: Eu não sou muito bom, eu acho. Mas a banda é bem boa.
Mima: Como é o nome da banda?
Homero: Insônia.
Mima: Insônia? Por que isso?
Homero: Acho que a gente é assim. Meio sem querer parar, sem poder parar, sem querer perder tempo dormindo. Acho que é um pouco de angústia. Ou muito de angústia.
Mima: Eu entendo total de angústia.
Homero: Por quê? O que deixa você angustiada? Eu não consigo imaginar você assim.

Não sei o que me deu. Esqueci que eu estava falando com um total desconhecido, um garoto que escrevia coisas e tinha me fotografado sem eu saber, que parecia ser um cara estranho. Ele estava ali e querendo me escutar. Eu tinha coisa demais pra dizer, de todo esse tempo, de como eu tinha conhecido essa garota total o máximo, de como ela e o meu pai tinham se conhecido, de como eu tinha meio que detonado a

minha amizade com ela e agora eu estava me sentindo total solitária, e a Carla estava com esse cara e falei, falei, falei. Sei lá como eu falei tanto, porque não é muito o meu estilo. Acho que tem a ver com a web, quero dizer, a gente não vê quem está do outro lado, se sente protegida, coisa assim.

O Homero, ou sei lá qual era o nome dele, me escutou sem dizer quase nada. Ele colocava uma pergunta de vez em quando, e dava pra ver que ele estava total entendendo o que eu falava. Eu me sentia muito segura com ele, sei lá por quê. Esqueci a história da fotografia, esqueci tudo mais, e falei direto. Nem lembro tudo o que a gente conversou, só sei que no final eu tinha dado o meu e-mail pra ele, o meu mail pessoal, que só o meu pai tinha, pra mensagens total diretas. Eu também tinha o e-mail dele e, de algum jeito, eu tinha prometido a ele que eu ia ligar para a Andrea. Como é que ele tinha me convencido a fazer isso, eu não sei.

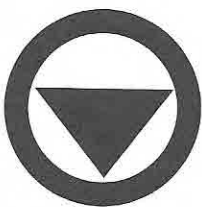
Homero: Acho que é a coisa mais certa a fazer.
Mima: Acho que ela vai estar total fera comigo.
Homero: Aposto que não vai estar, não. Ela vai entender. Se ela é tão legal quanto você me diz, ela vai entender.
Mima: Não sei.
Homero: Eu super acredito nessa coisa que eu vi num filme do Woody Allen e acho que funciona. Ele está super em dúvida se deve ou não ligar para uma garota, porque tem medo que ela não entenda o que ele quer dizer. E aí uma amiga diz pra ele que ele precisa aprender a confiar nas pessoas.
Mima: Confiar nas pessoas? Sei não. O mundo é muito difícil, e tem todo tipo de gente.
Homero: Você tem que aprender a descobrir em quem pode confiar e, então, confiar. É assim.
Mima: Você faz assim?
Homero: Nem sempre. Mas eu tento.
Mima: Obrigada pela sinceridade.
Homero: Eu tento.
Mima: E, Homero.
Homero: Sim?

Mima: Você acha que a gente vai se encontrar, quero dizer, de verdade, um dia desses? Quero dizer, porque eu gostei de conversar, e a gente podia se falar, não podia?

Ele não respondeu. Só indicou que havia deixado uma poesia pra mim e saiu da sala. Não sei por que ele fez assim, mas eu acho que eu estava começando a entender um pouco como ele funcionava. E ele precisava dizer coisas do jeito dele, e o jeito dele era deixar poesias pra gente ler e entender o que ele queria dizer. As pessoas se falam dos jeitos mais diferentes, é o que eu acho. O meu pai é assim. Ele não é muito de dizer direto o que está pensando. Quando ele está triste eu sei, porque ele deixa todo o café da manhã no prato. Ou fica olhando pela janela sem dizer nada, só sentado perto da lareira, olhando para fora. Se eu pergunto alguma coisa ele faz que está me ouvindo e responde qualquer coisa. Eu não insisto, eu sei que logo passa.

Depois daquela conversa toda com o Homero eu me senti meio heroica e resolvi ligar logo pra Andrea. O pior que podia acontecer era ela não querer mais falar comigo, e isso já estava acontecendo, quero dizer, eu não estava falando com ela, de qualquer maneira. E eu queria muito falar com ela. Havia tanta coisa que eu queria perguntar pra ela, tanta coisa que eu tinha imaginado que a gente podia fazer, quero dizer, nós duas juntas. Eu agora sabia que desde lá, em Florianópolis, eu tinha pensado nessas coisas. Logo que a gente se conheceu, e eu vi que ela me dava atenção, não me tratava feito criança, me deu essa super vontade de ter mais tempo com ela, de ficar amiga.

Quando a gente está querendo fazer alguma coisa e tem medo, quando a gente não sabe se faz, nem como faz, a melhor coisa é fazer de uma vez, logo, sem pensar muito, sem deixar o medo tomar conta. Funciona. Peguei a minha caderneta de telefones e disquei. O telefone começou a chamar, e eu, com o maior frio na barriga, quase torcendo pra ela não estar em casa. Estava. Ela atendeu, e eu fui logo dizendo: "Andrea, aqui é a Cláudia, e eu gostaria muito de falar com você".

É assim que a gente deve fazer as coisas, eu acho, e fui em frente.

A cho que a gente pode morrer de felicidade. Se morre de tanta coisa. Uma vez perguntaram a um poeta, muito tempo atrás, se a gente morria de amor. Era o tempo do romantismo e, claro, ele respondeu que sim, que se morria de amor. E como!

De amor, não sei, mas de felicidade se morre. Eu peguei a minha moto e saí pra procurar algum lugar sem gente, pra poder pensar em tudo que tinha acontecido.

Eu tinha conversado com você! Nada de conversinha boba, nada disso. A gente tinha conversado de verdade, quase uma hora, depois que eu olhei no log de conexão fiquei sabendo. Eu ainda podia lembrar cada palavra que você tinha falado. Imprimi toda a nossa conversa e cobri as paredes do meu quarto. Saí com a moto, andei por todo lado, passei no ensaio da banda e falei pro pessoal que ia mostrar umas letras novas pra eles. Eu nem tinha letra nova, ainda. Mas sabia que ia ter, logo. Era só sentar e escrever. Ia escrever sobre a garota da internet. Garota internet. Já estava tudo na minha cabeça, era só escrever. Só.

Uma coisa me deixou triste, um pouco. Deixei um poema com você, pra você ler e me dizer o que achava. Você perguntou se era da Sylvia Plath, de quem você está gostando. Faltou coragem e eu falei que sim, que era da Sylvia Plath, e você disse: "Que bom!" — bem feliz. Não era da Sylvia Plath. Era meu. Me faltou coragem pra dizer que eu mesmo tinha escrito, numa noite de insônia, pensando em você. Faltou coragem pra dizer, com medo que você não gostasse, achasse tolo. Fiquei feliz em saber que você gostou. Nem precisa saber que é meu. O mais importante de um poema, de uma letra de música, não é quem escreveu, quem pensou. Importante é o que você sente quando lê, quando escuta. Isso é importante. Mais nada.

— Cláudia! Que bom, que bom, que bom que você ligou, garota!

— Calma. Eu não sou tão boa assim.

— Não, eu fico muito feliz por você ter ligado. Sério! Eu passei a semana pensando em falar com você, só que eu tive uns dias de inferno no trabalho e acabei demorando, mas ia ligar logo. Que ótimo que você se adiantou. Me fez economizar uns dez centavos da ligação.

— Eu estava com medo que você não estivesse muito a fim de falar comigo. Mas eu passei a semana toda sozinha porque o meu pai está viajando e não aguentava mais de vontade de falar com você. Só que não sabia se era uma boa ideia. Você podia estar ainda muito de mal comigo.

— Nada disso. Eu estava muito a fim de falar com você. Eu adorei o seu bilhete e só não respondi logo porque eu estava me sentindo muito envergonhada, pelo jeito que eu me comportei com o seu pai.

— Quem tem que sentir vergonha sou eu. Eu devia ter falado, nem sei o que me deu.

— Não, quem tinha que sentir vergonha era eu.

— Eu.

— Eu! Eu! Eu!

Pronto. A gente já estava rindo e tudo parecia total de bem de novo. A Dea parecia estar muito bem mesmo, e eu descobri que gostava demais de ouvir a voz dela. Ela é total alegre, super pra cima, e isso me faz muito bem.

— Cláudia, o que você ia fazer hoje?

— Como assim, ia?

— Porque não vai mais. Você simplesmente tem que sair comigo. Cancele todos os seus outros programas, explique aos seus milhares de admiradores que você hoje está ocupada. Passo aí às nove. Que tal?

— Hã, eu, quero dizer, como assim?

— Cláudia, eu passo aí às nove horas e a gente vai se divertir horrores. Que tal?

O que eu podia dizer? Eu estava achando ótimo. Disse que estava tudo certo e perguntei o que devia vestir.

— Hoje nós vamos estar muito modernas. Vista preto. Tchau.

Eu até tinha umas coisas pretas. Eu não sabia que isso era tão moderno, mas achei melhor confiar na Dea. Nove em ponto ela parou na frente da minha casa. Ela parecia muito feliz. A gente se abraçou e disse que era ótimo estar se encontrando de novo, e ela perguntou o que eu tinha feito na semana toda, eu perguntei como estavam as coisas pra ela, e a gente começou a conversar e não parou mais. Ela me falou do trabalho, eu falei da escola, ela me falou de um curso que estava fazendo, eu contei que tinha baixado uns mp3, e a gente falou, falou e falou de tudo. Menos do meu pai.

Ela me convidou pra ir ao cinema, pra ver esse filme que devia ser simplesmente um arraso, com um dos Baldwin no papel de um assassino ou algo assim, e eu disse que pra ver Baldwin eu fazia qualquer negócio. A gente viu o filme e eu nem lembro como era a história, mas lembro muito bem do Baldwin.

"Quero esse homem pra assassino lá em casa", a Dea falou. "Eu deixo ele me matar todinha."

— Primeiro ele tem que me matar. Depois ele é todo seu.

— Cláudia, depois de ver um negócio desses eu preciso de um drinque. Vamos até o café aqui na frente, que tal?

Eu bebi suco de fruta e ela mandou ver. Café, licor e uma torta de morango de lamber beiço. Não sei como aquela mulher pode ter um corpo desse jeito. Se eu comesse uma torta daquelas ia explodir.
Depois de um tempo, a Dea me falou que havia este bar fantástico, com dance, e que a gente podia ir, que tal? Eu achei ótimo, claro, só que sempre tem um problema.
— Será que me deixam entrar?
— Claro. Você vai como minha convidada, e eu tenho o maior poder naquele lugar. A fins?
O bar era total demais. Um lugar com mesas na parte de baixo, pras pessoas conversarem e tal. Na parte de cima era só dance, mas não dance music. Tocava rock direto, e o pessoal dançava super bem. Pessoal total animado, e era gente bem mais velha, todo mundo sei lá, com mais de vinte. A Dea era super conhecida de todo mundo, e o porteiro me deixou entrar por isso mesmo. Ele me olhou meio feio, mas ela falou que eu era uma prima e ele disse que tudo ok, desde que eu não bebesse nada com álcool. Ela disse que eu era evangélica e que não precisava se preocupar.
Ela pediu uma tônica com um limão dentro. Achei uma delícia, e lá dentro fazia calor mesmo. A rapaziada era mais velha mas muito interessante. Era gato pra tudo quanto era lado. E eu ali, ficando tonta.
— Dea, quanto homem!
— Cláudia, é verdade. Eles são muitos, e interessantes. Mas acho que são um pouco velhos pra você.
— Eles nem me olham.
— Errada. Olham sim, mas eles olham você e enxergam o delegado logo atrás. Sedução de menores dá cadeia, sabia?
— Sedução de menores? Isso é ridículo. Eu sei muito bem o que eu faço.
— Explique isso ao delegado.
— Dea, a gente ter a minha idade é uma merda.
— Cláudia, vou lhe dizer uma coisa muito sábia: a juventude é uma doença que o tempo cura depressa. Aproveite enquanto dura. E a coisa boa mesmo é só olhar ao redor. A maior parte desse pessoal é melhor assim, de longe. Você chega mais perto e se decepciona.
— Com a turma da minha idade é a mesma coisa.

A gente começou a falar de como eram as pessoas da minha turma, e ela parecia total interessada, mas de repente ela ficou super diferente, parecia meio sem ar.
— Dea, o que foi?
Ela não respondeu, mas eu vi que esse sujeito tinha recém entrado no bar e olhava pra ela. Ele pareceu pensar se chegava mais perto, mas depois olhou pra ela e foi pro outro lado do bar.
— Dea, quem era ele?
— Lembra que eu falei que havia esse cara, que ia comigo pra Florianópolis e ia ser o homem da minha vida?
— Claro. Esse aí?
— Sim.
Ele era bonito, mas não me parecia o tipo dela. Eu disse isso.
— Pode ser. Bom, chega deste assunto. Que tal a gente dançar um pouco?
A gente subiu pra dançar e era muito bom. O DJ sabia animar a rapaziada, apesar de o som não ser bem como eu estou acostumada. Eu adoro dançar, e a gente se divertiu demais. Às vezes uns garotos vinham dançar com a gente, e tudo bem. Se eles começavam a querer conversar a Dea mandava parar e eles paravam. A gente dançou até umas três da manhã e eu não aguentava mais.
— Dea, tenho que parar. Preciso de oxigênio.
— Cláudia, a sua geração não é de nada.
— A minha geração eu não sei, mas eu não aguento mais. Que tal um pit stop? Eu acho que quero ir ao banheiro. Quer vir?
— Não. Eu vou pagar e você pode me encontrar na saída.

Fui até o banheiro e levei um susto. Na hora em que eu estava saindo um homem entrou na mesma sala. Não havia uma divisão assim, homens e mulheres. A gente entrava no que estivesse livre. Aquilo era estranho, mas o pessoal parecia achar tudo natural, então eu tentei me comportar como se estivesse total acostumada a estar num banheiro com homens ao redor. Muito estranho, mas mais estranho era o que estava acontecendo num canto. Eu olhei para um lado e havia esse casal se beijando. Nada de novo, afinal casais se beijam o tempo todo. Só que

eu olhei de novo e vi que eram dois homens. Isso eu nunca tinha visto, e achei muito estranho. Quero dizer, claro que eu sei que um monte de gente é gay e tal, mas eu nunca tinha visto nada assim, tão direto. Eu quis olhar mais, mas não dava, porque ia parecer que eu estava espionando os dois, e ninguém mais dava a menor atenção pra eles naquele bar. Eu saí e fui procurar a Dea.
— Dea, sabe o que eu vi ali atrás?
Contei, e ela riu.
— Nas suas festas não é assim?
— Não. Claro que não.
— Bom, em festa de gente grande é assim. As pessoas fazem o que elas querem e ninguém tem nada a ver com isso. É um direito deles, você não acha?
— Acho, só que eu nunca tinha visto assim, tão direto. Você se sente normal nessas horas?
— Claro. Eu gosto de homem. Eles gostam de homem. Sinal de bom gosto.
— E as garotas que gostam de garotas?
— Péssimo gosto. Mas têm direito de gostarem do que bem entenderem. Democracia é isso aí.

A gente foi embora, e eu continuei pensando naquilo tudo. Acho que tem muita coisa que eu preciso pensar mais. Eu podia falar sobre isso com a minha turma da internet, e ver o que eles iam dizer. Podia falar com o Homero também.
— Você está com sono?
— Não, eu estou total animada. Só os meus pés que estão doendo.
— Então vamos passar num lugar que eu gosto muito, ok?
— Claro.

Era uma loja de conveniência, dentro de um posto de gasolina. Era só uma loja de conveniência, nada de mais. Mas a Dea me disse que não era um lugar comum. Que ali perto havia uma delegacia, e um motel, e o prédio de um jornal. Que entrava todo tipo de gente e que ela gostava de ficar olhando às vezes.
Nós ficamos paradas dentro do carro tomando sorvete e olhando para aquela gente toda, e foi muito legal. Eu nunca tinha prestado muita atenção em como as pessoas são diferentes. Claro que sempre a gente nota, que existe gente com grana, gente que trabalha nos prédios e não tem grana. Mas ali era diferente. Era gente total exótica.
— Sabe, Cláudia, eu às vezes acho que podia ser psicóloga, ou jornalista, sei lá. Eu gosto demais de olhar pras pessoas e olhar mesmo, sabe? Não só deixar eles passarem e não dar a mínima. No meu trabalho eu preciso fazer coisas acontecerem. Eu tenho um orçamento, e objetivos, e preciso fazer que eles aconteçam dentro do orçamento. Se eu consigo, eles me dão um bônus e uma promoção. Se eu não consigo, perco o emprego, e é só isso. Trabalhar com pessoas é tão diferente.
— A minha mãe era psicóloga, quero dizer, tinha recém se formado quando, quando — bom, você sabe.
— Eu não sabia.
— Foi a primeira da classe. Todo mundo diz que ela ia ser ótima.
— Eu sinto muito. Conhecendo você, eu acho que ela devia ser uma ótima pessoa.
— É, acho que era.

Não falamos mais. Só ficamos ali paradas mais um tempo, olhando aquela gente toda. Até uns marinheiros entraram na loja pra comprar cerveja. A Dea me convidou pra tomar um café nesse lugar que ficava aberto a noite inteira, e acho que era pra gente sair dali e sair do clima que ficou depois que falei da minha mãe.
O café estava cheio de gente, e isso era umas cinco horas da manhã. Um pessoal super diferente.
— Artistas — disse a Dea. — Gente de teatro que vem pra cá depois dos espetáculos. Gente de dança, pintura. Eu conheci esse lugar no tempo em que eu morava com um pintor.
— Você morou com um pintor?
— Um cara maravilhoso. Acho que não era grande coisa como pintor, mas no resto! A gente morava num apartamento mínimo, e era super pobre, e muito feliz.
— Me fale mais dessas coisas, eu nunca imaginei você assim.
Ela começou a me falar, e era incrível como ela tinha feito tantas coisas. Por isso a Dea era como era, quero dizer, uma pessoa tão fora do comum. Ela já tinha feito um pouco de tudo, e eu comecei a sentir que a minha vidinha andava vidinha demais, tudo muito normal. Comecei

a pensar que talvez eu precisasse mudar um pouco, fazer mais coisas. A gente continuou ali mais um tempo, e eu cheguei em casa com o sol nascendo. Antes de eu entrar, a gente ainda ficou ali no carro por um tempo.

— Dea, isso foi demais.

— Você gostou?

— Muito, muito mesmo.

— Bom, então a que horas a gente se vê?

— Como assim, tipo hoje?

— Claro. A não ser que você não queira.

— Não, eu quero, claro. Mas você não tem outras coisas no fim de semana?

— Nadinha. Por mim, esse fim de semana vai ser totalmente dedicado à minha amiga Cláudia. Que você acha?

— Eu acho o máximo. Eu precisava ir ao shopping à tarde, comprar umas coisas. Você se importa de ir junto?

— Shopping à tarde. Você que manda. Durma bem, eu ligo depois do almoço.

— Certo. E, Dea.

— Sim?

— Obrigada por tudo. Foi muito bom, mesmo.

— Foi ótimo pra mim. Durma bem.

— Você também.

Ela foi embora, depois de me ver entrar em casa, e eu fiquei pensando em como era bom a gente ter uma amiga assim como a Dea. E como tudo fica diferente, quero dizer, porque a gente tem uma amiga. Eu antes estava total down, achando que o meu fim de semana ia ser dos mais Chico, e agora estava tudo ótimo.

Eu fui dormir, e estava tão cansada que nem tirei a roupa toda. Desabei na cama direto e acordei no meio da manhã, vestida e com cheiro de cigarro na roupa. Tomei um banho, li o jornal um pouco e me atirei na cama de novo. Hoje era sábado, e de tarde eu ia sair de novo com a minha amiga Dea.

Nós saímos no sábado à tarde e de novo à noite. Fomos jantar e conversar, depois havia esta festa clubber, e a gente dançou pra caramba.

Domingo tinha esse almoço na casa de uns amigos da Dea e eu fui junto. Ela me apresentou pra todo mundo como uma amiga, e o pessoal não achou nada de mais. De noite a gente ficou na casa dela, a gente fez pipoca, chamou Pizza Hut, viu uns vídeos, e eu falei sobre a minha mãe, sobre o meu pai, e sobre a minha questão com garotos, tipo eu não querendo dar pra eles ainda e eles me tratando como se eu fosse doente.

A Dea não falou muito, ficou escutando a maior parte do tempo. Ela disse que não achava que as coisas tivessem que acontecer simplesmente porque as outras pessoas quisessem, disse que achava que quem devia decidir era eu mesma e mais ninguém. Eu achei que ela tinha toda a razão. Ela disse que nem sempre ia concordar comigo em tudo. A gente riu. Eu perguntei como tinha sido pra ela, e ela me contou todas as histórias do tempo de garota, com os garotos e tudo isso. A gente ficou conversando até tarde, e eu nem senti o tempo passar. Uma hora ela falou que precisava me levar pra casa, porque no dia seguinte precisava trabalhar. Eu disse que tudo bem, que eu tinha escola no outro dia. Ela me levou e, quando a gente se despediu, ela falou que a gente precisava se ver de novo, logo, e eu disse que era o que eu mais queria.

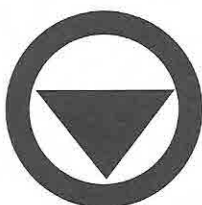
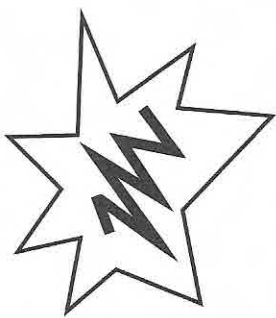
Eu entrei em casa e tinha um recado da Carla, dizendo pra eu ligar. A minha turma da internet também devia estar reunida a esta hora, e eu podia dar um oi pra eles. Resolvi que não queria fazer nada disso. A Carla era amigona, mas eu acho que não estava com vontade de conversa teen, aquelas coisas de garota. E a minha turma da internet era total super, mas eu acho que precisava ficar quieta. Tinha sido muito bom o fim de semana com a Dea, e eu sei que era uma coisa muito especial pra mim, e era melhor curtir a sensação assim, sozinha.

Em cima da minha mesa eu vi o último poema que o Homero tinha deixado pra mim, na conversa que a gente teve logo antes de eu ligar para a Dea. Era da Sylvia Plath, ele tinha falado. Sentei pra ler de novo pra ver o que o poema dizia pra mim.

Eu estava em um trem, olhando pela janela
ou seria um avião, ou um táxi
em Nova York

ou seria Buenos Aires, ou uma paisagem do Quênia,
ou das Bahamas?
Não lembro a paisagem, e, pensando bem,
nem ao menos sei se estava mesmo olhando
através de uma janela.
Porque o que eu via, e agora lembro,
não era uma paisagem da janela,
ou sequer com uma janela, ou outra,
o que eu via, na verdade,
tinha só mesmo a ver comigo,
e mais nada.

Não sei como o Homero descobria esses poemas e como todos eles tinham tanto a ver comigo. Eu precisava ler mais poesia, isso sim.
Eu estava muito contente mesmo, e isso tinha a ver com a Dea, mas também tinha a ver comigo. Porque eu acho a Dea total ótima e é claro que, se ela gosta de estar comigo, isso queria dizer que eu devia ser interessante. Eu nunca tinha me achado total Chico, mas também não tinha certeza de ser uma pessoa legal. A turma da aula não me achava muito dez, isso eu sabia. A Carla gostava de mim, mas era diferente. Isso me fazia bem, e eu fui pra cama muito satisfeita com a vida, o que nem sempre acontece.

Eu precisava conhecer melhor o Homero. Esse garoto também deve ter alguma coisa a mais, deve ter. Ele devia ser muito feioso, pensei, pra ter tanta vergonha de falar dele mesmo. Devia ser um cara muito tímido, pra só dizer coisas a uma garota pela internet. Eu precisava dizer pra ele que isso não era importante, que ele podia aparecer. Talvez amanhã eu fizesse isso mesmo, talvez. Amanhã o meu pai chegava, eu lembrei. Eu deveria falar pra ele que tinha saído com a Dea ou não? Sei lá, depois daquele jantar talvez fosse melhor a gente nunca mais tocar nesse assunto. Sei lá, adultos podem ser muito complicados.
Deixei pra pensar melhor no assunto um outro dia. Agora eu só queria dormir, porque tinha sido um fim de semana e tanto, o melhor, desde sempre.

Vejo sua sombra contra a luz do seu quarto. Você desapareceu durante todo o fim de semana e agora reaparece assim, uma sombra.
A sua sombra me acompanhou em todo o meu fim de semana. Levei a letra da Garota internet e a minha banda adorou, querem colocar música logo. Eu acho que devia ser uma música meio lenta, meio blues, e depois ficando rápido, forte, quase hardcore. "Garota internet, queria navegar com você pelo ciberespaço", é o que eu canto nessa música.
Olho a sua sombra, e você deve estar tirando a roupa pra dormir. Eu podia tocar a campainha, dizer alguma coisa. Você ia entender, ia saber que sou eu, e a gente ia poder falar de Sylvia Plath e tantas coisas, ouvir um Sonic Youth. Você deve ter todos os CDs deles. Nurse, quem sabe? Goo, Dirty, qualquer um. Eu podia falar pra você que vi o Sonic tocando em San Diego, no verão passado. Você ia querer saber mais do show, e eu ia contar tudo, menos sobre a garota canadense que eu conheci lá e que era tão querida, tão leve. Será que você ia sentir ciúmes? Isso seria bom?
Dou um boa-noite que você não escuta e vou embora. Uma cerveja no bar da garotada, onde a banda se encontra, isso vai me fazer bem. Acalmar o coração, que anda agitado, tão agitado. Um dia desses eu vou tocar a sua campainha, e vai ser o que tiver que ser. Um dia desses, não hoje.

O meu pai estava estranho, andando pela casa como se estivesse procurando alguma coisa sem saber o que era. Pegava um livro, sentava e logo depois largava o livro e ficava olhando para algum lugar, como se estivesse pensando em outra coisa. Colocava uma música pra ouvir, trocava para outra de novo. Uma hora eu olhei e ele estava ouvindo uma seleção minha, e ele não é muito ligado em rock, sinal de que não estava nem escutando mesmo.
Depois ele disse que ia sair pra comprar umas coisas na delicatessen e já voltava. Ele perguntou se eu já tinha planos para o jantar, disse que queria fazer um jantar legal, ele mesmo, e eu fiquei total sem saber o que dizer. Ele, o meu pai, ia fazer compras e preparar o jantar? Algo de estranho no ar, com certeza, mas o quê?
Ele voltou meia hora depois. Eu olhei o que ele tinha comprado e caí pra trás. Ele parecia total Olivier, o grande cozinheiro em pessoa. Truta defumada, queijo Camembert, peras argentinas, vinho branco chileno, carpaccio de salmão, sorvete Häge-Daaz de avelãs, café do cerrado de Minas.
Eu olhei para ele ali, cortando alcaparras e colocando o azeite, e preparando um prato muito lindo pra colocar aquela truta toda defumada, coitadinha, e não conseguia entender o que ele estava afinal planejando. Mas é claro que era só eu ter pensado um pouco pra ver o que ele queria. Acho que eu andava meio Galisteu pra não conseguir pensar logo no que ele estava aprontando. Burrice. Burrice.

— Cláudia, eu estava pensando.
— Você pensando, Papi? Acho que eu vou ligar uma câmera pra registrar este momento tão raro. Atenção, minha gente, o meu Papi pensando! Desde 1970 que isto não acontecia. É um momento histórico, minha gente. Fale aqui para o Casseta & Planeta, meu bom Papi.
— Cláudia, você é insuportável, sabia?
— Siiim. Agora conte aqui pra sua filha preferida o que você pensou, sozinho, sem ajuda nem nada.
— Bom, apesar de toda essa ironia, que eu não sei de onde veio, eu estava pensando. A gente sempre sai com os meus amigos, janta com eles e eu sei que isto é difícil pra você. Aí eu pensei, que tal se a gente fizesse um jantar e convidasse os amigos da Cláudia? Seria uma nova experiência pra nós. E eu, como seu pai, me preocupo muito com o seu bem-estar e achei que então eu faria este jantar e nós convidaríamos os seus amigos.

Oh! Eu aqui pensando as piores coisas e ele só querendo o meu bem. Total panda o meu Papi.
— Achei muito legal da sua parte, Papi. Mas eu acabei de falar com a Carla e ela ia sair com o namorado. Está total love story, sabe como é a Carla.
— Bom, mas a Carla não é a sua única amiga.
— Papi, você detesta os meus outros amigos. E, pensando bem, nem eu gosto muito deles. E eles nem iam entender a maravilha que é o seu jantar.

Ele ficou em silêncio, e eu comecei a entender.
— Papi, não é a Carla, não são os outros que você queria convidar, pra começo de conversa.
— Bom, eu notei que você está conversando bastante com aquela moça que você conheceu em Florianópolis.
— A gente se telefona todos os dias. E você sabe muito bem que o nome dela é Andrea. Dea para os íntimos.
— É isso, Dea. Ela me pareceu ser uma pessoa inteligente, interessan-

te. E é sua amiga, mas não é da sua idade. Não é da minha, claro, ela é muito moça, mas acho que seria interessante se talvez ela pudesse jantar conosco, quero dizer, eu não quero forçar nada, você não precisa querer, mas eu pensei que você gostaria, e talvez isso fosse bom pra você.
— Pensando no meu bem-estar, não é mesmo?
Ele agora parecia um camarão no vapor, de tão vermelho. O meu pai, coitadinho, não consegue esconder nada. Meu pai, quem diria?
— Tudo bem, acho uma ótima ideia, mas não sei se ela pode hoje. Vou ligar.

Ele não disse nada, falou que precisava cuidar do forno, mas eu acho que ele estava super nervoso.
— Dea, Cláudia.
— Oi!
— Dea, eu tenho um convite muito especial pra fazer a você e eu gostaria muito que você aceitasse. Você tem alguma coisa especial pra fazer hoje?
— Eu ia trabalhar um pouco, mas nada de especial. Por quê?
— Porque o meu pai está preparando um jantar maravilhoso, e ele disse que gostaria muito que eu convidasse você.
Silêncio.
— Dea, você está aí?
— O seu pai o quê?
— Ele saiu misteriosamente, comprou milhares de coisas ótimas, disse que ia cozinhar — coisa que ele nunca, nunca faz — , e depois pediu pra eu convidar você. Disse que gostaria muito que você viesse.
— Acho que não posso. Lembrei que tenho dentista. Vou ficar doente às oito da noite em ponto.
— Dea, eu quero dizer uma coisa pra você. Eu sei que o que aconteceu em Florianópolis foi difícil pra você. Foi ruim pra mim também. Mas hoje você é a minha amiga mais especial e eu gostaria muito de poder ver você aqui, jantando com a gente. O meu pai pode ser meio confuso, mas ele é um cara interessante, ele sabe um monte de coisa. E ele nunca tinha me falado assim antes, quero dizer, pra eu convidar alguém. Ele deve achar você muito legal pra fazer um convite assim, e eu adoraria que você aceitasse porque você é minha amiga e eu adoro estar com você. Talvez nem seja nada, talvez ele só queira me fazer mais feliz, convidando você porque sabe que eu gosto. Mas isso não é o mais importante. Pra mim, o importante é que eu posso jantar com duas pessoas especiais, e isso ia ser muito, muito bom. Você faria isso por mim?
— Cláudia, você está me fazendo chorar e isso vai arruinar a minha maquiagem.
— Você nunca usa maquiagem.
— Modo de falar.
— Você vem?
Silêncio. Eu cruzei os dedos e esperei, o que mais eu podia fazer?
— Vocês já têm vinho?
— Dea! Obrigada. Adoro você!!
— Que horas?
— Oito e meia?
— Tudo bem. Mas eu não sei se é uma boa ideia.
— Vai ser ótimo. E a gente tem um monte de vinho. Só falta você.
— Cláudia.
— Sim?
— Obrigada pelo convite. E agradeça ao seu pai por mim.
— Eu faço isso. Até às oito e meia.
Eu só fui até a cozinha e falei pro meu pai: "Ela disse que vem".

Eu até fui dar um tempo no quarto, arrumando umas coisas, antes de ir ajudar com a salada. Vocês tinham que ter visto o que eu vi, quando falei que a Dea tinha falado que vinha jantar com a gente. Precisavam ter visto a cara que o meu pai fez, a felicidade toda dele, só faltou dar um pulo e virar o prato com a truta. Eu nunca tinha visto o meu pai assim, nunca.
Aquilo me deixou pensativa, e eu fiquei por ali, quieta. Arrumei um pouco a sala e o meu quarto, pra ela não pensar que a gente era tão bagunçado quanto a gente era na verdade. Não faz mal mentir um pouco pras visitas, é o que parece. Eu me sentia um pouco estranha, porque alguma coisa estava acontecendo e eu até conseguia saber o que era, mas não conseguia saber direito o que eu pensava a respeito. Lembrei

do poema que o Homero tinha me enviado, sobre olhar pra janela e lá fora ser o Rio, ou Buenos Aires, ou a África, e não fazer a menor diferença, porque é pra dentro que eu olhava.

Eu não podia ficar olhando pra dentro pra sempre porque tinha que fazer a salada. Resolvi caprichar no molho, pra não pensar tanto. Misturei azeite extra-virgem com mostarda, um pouco de vinagre de vinho e sal. Fiz como os franceses, que preparam o molho primeiro e depois colocam a alface dentro e sacodem de leve. A televisão tem que servir pra alguma coisa, nem que seja pra gente aprender como se faz salada à francesa. Tevê é cultura.
A Dea chegou na hora. O meu pai e eu estávamos lá, no hall, esperando por ela. Eu tinha colocado um vestido, ele estava todo nervoso, mas arrumado. Essa era a tradição da minha família, como eu já falei pra vocês. Receber os convidados com tudo em cima. Eu olhei pro meu pai, ajeitei um pouco a gola da camisa, dei um beijinho de leve e disse que tudo ia dar certo.
Eu abri a porta e lá estava a Dea. Os meus amigos homens dizem que não conseguem achar outros homens bonitos. Eles dizem que só entendem de mulher e que nem querem olhar pra homem. Garotas são diferentes. A gente sabe dizer quando um garoto é um gato, é óbvio, mesmo que nem todas as garotas concordem sobre quem é gato e quem não é. Mas a gente sabe olhar pra outra mulher e achar ela bonita, mesmo que dê uma invejazinha. A Dea não estava bonita. Ela estava um arraso e, se o negócio dela era o meu Papi, o coitadinho não ia ter a menor chance.
Não que ele fosse tentar resistir muito, nada disso. Ele estava com uma camisa nova, modernérrima. Acho que eu tinha visto numa loja um dia desses, quando eu estava no shopping junto com ele. Eu tinha comentado que achava a camisa D+, total Cruise, e ele tinha perguntado se não era jovem demais pra ele. Eu tinha rido e falado que sim. E agora ali estava o meu Papi, todo moderno, o que queria dizer que ele tinha feito uma visita secreta ao shopping, e isso era incrível. Até agora, que eu soubesse, o meu pai detestava comprar roupa. Quantas coisas acontecendo!

A Dea estava num vestido simples. Mas curto. Bem curto. Pernas de fora. Achei que o meu pai ia precisar de uma ambulância, pelo jeito que ele ficou quando olhou pra aquilo tudo. Como ela é finíssima, ela trouxe um buquê de flores, porque era a primeira vez que era convidada à nossa casa. Eu fui buscar um vaso com água e quando eu voltei os dois já estavam numa super conversa. Falavam de tudo, dos museus que conheciam em Paris, de uns cafés em São Paulo que os dois amavam, de filmes que tinham visto, de tanta coisa que eu não sei como tudo coube no tempo do jantar.

A Dea elogiou o jantar, disse que parecia feito por um chef, e o meu pai só faltou se jogar pela janela, de tão feliz. Sorte que a gente estava no térreo.
Nós fomos beber café na sala de leitura, e a conversa deles não parava. Eu até dizia alguma coisa de tempos em tempos, e eles escutavam com toda a atenção, mas na verdade eu não sentia vontade de falar muito, ficava só olhando os dois. Eu nunca tinha visto gente mais velha em ação, o jeito deles de começar uma conversa, de se olhar, total diferente do jeito dos garotos. Os garotos conversam pra passar o tempo, assim que acham que já conversaram o bastante, eles colocam a mão no seu ombro e dizem que querem conhecer você melhor, ou pegam o seu cabelo e dizem que acham ele lindo, e que precisam conhecer você melhor. Conhecer você melhor quer dizer colocar a mão no seu peito, ou beijar o seu pescoço, bem entendido.

Fiquei olhando o meu pai e a Andrea ali, total conversando. Ele falava e ela prestava total atenção e fazia um comentário. Ela falava e ele escutava com tanta concentração que parecia que podia quebrar no meio, de tão concentrado, e buscava uma resposta lá do fundo, e eles se falavam de verdade, não de mentirinha.
Eu nem sabia se eles ainda iam ficar, nem sabia se eles queriam ficar, mas a vontade que eu senti foi de sair dali, deixar os dois sozinhos. Eu sabia que esta era a coisa certa pra eu fazer, que eles precisavam ficar sozinhos, e eu também queria isso, quero dizer, ficar sozinha e pensar um pouco. Falei que queria navegar um pouco, que tinha encontro

marcado com a minha turma, que eles ficassem total à vontade. Dei um beijo em cada um deles e fui para o quarto. Não tinha vontade de falar com a Carla, nem com a minha turma da internet. Eu precisava falar com alguém sim, e eu sabia muito bem quem era.

Mima: Aqui Mima. Homero, você está aí?
Nada na tela.
Mima: Homero, aqui é Mima, e eu precisava muito falar com você. Entre em contato comigo, por favor.

A tela continuava em branco, e eu sentia uma angústia enorme. Eu queria ligar pra ele, mas não tinha telefone. Ninguém dá o telefone na internet. Isso é pessoal demais. Eu não sabia o nome dele, não sabia onde morava. Sabia que ele era daqui da cidade, por causa das fotos, mas não sabia mais nada. Isso ia me dando um desespero, porque eu queria muito falar com ele. Pensei em me jogar na cama e ficar chorando um pouco, porque eu me sentia tão sozinha. Pensei em ligar pro teleamigos, pro CVV, dizer que eu era uma bêbada que vivia drogada, que alguém me ajudasse, qualquer coisa, pra chamar atenção. Eu acho que eu estava total desesperada mesmo, porque nem percebi que uma coisa tinha acontecido e que a tela não estava mais vazia. Uma mensagem estava piscando, e ela dizia assim:

Homero: Mima, aqui é Homero.
Eu fiquei tão feliz que nem reagi logo. Fiquei olhando pra tela, sem fazer nada, até que consegui sair do espanto e ir até lá.
Homero: Mima, aqui é Homero. Você está aí?
Mima: Homero, é Mima. Que bom que você respondeu.
Homero: Eu estava ocupado, cheguei agora e vi sua mensagem.
Eu fiquei tão feliz que nem consegui fazer nada.
Homero: Mima, você está aí?
Mima: Homero, aqui é Mima. Que bom que você está aí.
Homero: Você parece nervosa. O que aconteceu?
Mima: Você lembra do último poema que me mandou?
Homero: Sobre as janelas lá fora, e as janelas aqui dentro. Claro que lembro.
Mima: A gente pode conversar sobre isso?
Homero: Claro. Por onde você gostaria de começar?

Por todos os lugares ao mesmo tempo. Isto é possível? Não sei, mas a gente começou, e eu disse que olhar pra fora era muito melhor, e olhar pra dentro doía muito. Ele disse que também achava, mas que a gente precisava olhar, porque senão a gente ficava sem interesse em nós mesmos, em ninguém. Eu achei que ele estava super certo, e a gente começou a falar sobre várias coisas, e me senti mais aliviada, mas, na verdade, o que estava lá no fundo o tempo todo, o que me fazia sentir um aperto no peito, uma sensação tão estranha, era uma coisa que eu não podia falar pro Homero, nem pra ele, e era o que eu agora sabia, e que eu antes tinha achado muito legal, e agora não sabia o que achar, e era o que eu tinha visto lá embaixo, no jantar, e o que eu dizia baixinho pra mim mesma, enquanto conversava com o Homero sobre poemas, sobre as pessoas e como elas não gostavam de pensar em si mesmas, preferiam pensar em shopping e besteiras, enquanto a gente conversava de um monte de coisas, eu pensava pra mim mesma, sem parar, que o meu pai estava se apaixonando, que o meu pai, que morava comigo, que sempre tinha cuidado de mim, agora estava se apaixonando, e ia querer ficar com essa pessoa. O que eu ia fazer agora? Homero, o que eu devia fazer agora?

As pessoas se apaixonam e ficam super engraçadas, isso é o que eu acho. Vocês precisavam ver o jeito tolinho do meu pai depois daquele jantar. Precisavam ver o jeito da Dea, o jeito dela falar, de se olhar no espelho e ficar olhando, olhando, perdida no tempo.

O meu pai, coitado, não conseguia nem achar o rosto pra fazer a barba pela manhã. Vivia cortado, ou com pedaços de barba sobrando. Acho que ele nem via o que estava fazendo, sempre com um sorriso idiota no rosto e me olhando como se eu nem estivesse lá. Eu já tinha visto o meu pai de tudo quanto era jeito, mas nunca assim, com essa cara de quatorze anos.

Uns dois dias depois do jantar, uma florista me ligou. O meu pai tinha esquecido de assinar um cheque que tinha dado a eles. Perguntei quanto era e passei lá pra pagar. Era um monte de dinheiro.

— O melhor buquê da casa, foi o que ele pediu. Setenta e duas rosas vermelhas. O Grand Royal. Muito lindo.

O meu pai mandando buquê de rosas Grand Royal. Isso era algo. Paguei e fui pra casa, pensando o tempo todo. As pessoas se apaixonam e mandam flores, isso é normal. Eu já tinha recebido flores de alguns garotos apaixonados por mim. Nenhum deles era o meu tipo, e a coisa não tinha ido além, mas agora eu achava que a coisa com o meu pai e a Dea era séria. E o mais estranho era que nenhum dos dois conversava comigo a respeito. No dia depois do jantar nós tínhamos ido juntas a um shopping, porque ela queria comprar umas coisas pra casa dela. Lençóis novos, dois castiçais e mais umas coisas. Claro que era por causa do meu pai, mas ela não disse nada. A gente tomou um sorvete, mas ela não quis comer mais nada, disse que tinha um compromisso mais tarde, e eu imaginei bem qual era, mas ela não falou nada e eu não perguntei.

Aquilo era muito estranho.

Todas as noites a Dea me ligava, ou eu ligava pra ela, e a gente tinha grandes conversas. Nos últimos dias ela conversava comigo e depois perguntava se o Rafael estava. Rafael é o meu pai. Ele nunca tinha sido Rafael antes, era sempre "o seu pai está?" e, de repente, uma garota ligava pra falar com o Rafael. E o Rafael ia para o quarto, todo envergonhado, pra pegar a ligação, e depois sentava comigo e não dizia nada, mas sempre com aquele sorriso no rosto. E com umas roupas novas também. Bem jeitoso até, eu diria.

Tentem aguentar duas semanas disso pra ver o que vocês acham. Eu não sabia mais o que fazer, mas eles estavam tão felizes que eu achei melhor não perguntar, e eu também não sabia se queria saber muita coisa. Ele era o meu pai, e a gente sempre se sente esquisita quando o assunto é o pai da gente.

Nos fins de semana eu andava até saindo com a turma de aula, pra dar um tempo pros dois se conhecerem melhor, se é que eles podiam se conhecer ainda melhor do que já se conheciam. Vocês não entendem. Precisavam ver o jeito deles. Parecia que se conheciam desde sempre, os olhares, as brincadeiras, tudo.

Saí com a turma pra zoar um pouco umas vezes, e seria até legal se eles não fossem tão total mickey. Eu agora estava me acostumando com um outro tipo de conversa. Sair com eles era até divertido, mas aguentar o assunto não era nada fácil. A minha sorte era ter o Homero pra conversar. Aquele garoto era mesmo diferente. Ele devia ser muito esquisito, coitado, pra ser um cara tão legal. Porque todos os garotos bonitos que eu conhecia eram total mané, acho que porque tinha tanta mulher a fim de dar pra eles, sei lá. O Homero era diferente, e a gente conversava um

monte, pela internet, mas conversava. Um alívio a gente ter amigos, é o que eu acho.

Um dia, a Dea me ligou e perguntou se a gente podia conversar, disse que era importante. Eu disse que claro que a gente podia conversar. Ela perguntou onde eu queria ir, e eu disse que achava legal ir no mesmo café onde nós tínhamos ido na primeira saída juntas. Na hora de sair o meu pai estava na sala. Eu disse que ia sair, e ele falou que tudo bem. Eu perguntei se ele não queria saber com quem, e ele me falou que sabia, que a Dea tinha falado que queria sair só comigo hoje. Ele me deu um beijo mais apertado do que o comum, e eu não sei o que isso queria dizer, só peguei um casaco e fui esperar lá fora, porque eu me sentia um pouco sufocada, meio sem ar.
Ela chegou e a gente foi até o café e sentou, e era a primeira vez que eu via a Dea sem jeito, total sem saber o que fazer. Eu também não sabia o que fazer, então achei melhor a gente ficar quieta ali por um tempo. Eu bebi um suco, e ela pediu café e licor. Aquele silêncio todo estava me deixando meio maluca, e era pior do que falar.
— Dea, acho que um dia a gente precisa começar a dizer alguma coisa.
— Eu sei. Só não sei por onde.
— Vamos começar pelo começo. É o melhor lugar, pelo menos é o que o Homero diz.
— Homero?
— O garoto da internet, lembra?
— Lembro. Começo. Nunca é muito simples a gente saber onde é o começo, sabia? Começo, vamos ver. Bom, eu conheci uma garota incrível e adorei ficar amiga dela. Depois conheci o pai dela e, sei lá, aconteceu essa coisa tão boa. Mas ele é o pai dela, e eu não sei o que fazer. Eu sempre sou a super Dea, a gerente que sabe tudo, que sempre tem solução. Só que agora eu não tenho solução. Eu não sei qual é a solução. Só sei que eu quero muito que tudo isso funcione, porque é a melhor coisa que já me aconteceu.
— Como assim, tudo isso?
— Tudo isso. Conhecer você, conhecer o Rafael. A minha vida estava sob controle. Eu fazia o que queria, quando queria. Eu tinha um ótimo emprego, com dinheiro, viagens, pessoas etc. etc. etc. Tudo muito certo demais, e eu agora sei como eu estava sozinha, sem sentir. Agora tudo é tão diferente. Sabe como eu me sinto?
— Não, como?
— Eu chego em casa, à noite, e olho pra mim e nem acredito que eu sou a mesma pessoa de umas poucas semanas atrás. Acho que eu não sou a mesma pessoa, deve ser isso. E eu começo o dia pensando no que eu vou fazer no trabalho e no depois do trabalho, quando eu vou encontrar essas pessoas que eu adoro, que eu estou aprendendo a conhecer. Pra quem eu tenho tanta coisa pra dar, e que estão dando tanto pra mim.
— É tudo isso mesmo, pra você, quero dizer?
— É mais do que isso, Cláudia. Isto é o que eu consigo dizer. Sempre tem mais.
— E o meu pai?
— Ele é o homem mais sensível, inteligente e carinhoso que eu já conheci.
— Você gosta dele?
— Gosto, gosto muito.
— Gosta mesmo, quero dizer, você ama ele?
Ela ficou quieta um tempo, pensando.
— Acho que sim. Eu acho que amo, sim. É isso, Cláudia. Eu acho que eu amo ele, muito.

A gente ficou em silêncio por um tempo. Eu não sei o que eu sentia. Uma parte era boa, porque eu sabia que eles estavam felizes. Mas, por outro lado, eu estava gostando de ter uma amiga como a Dea. Ela era tão segura, e experiente, e adulta. Era quase como se ela fosse, como se fosse, sei lá.
— Sabe, Cláudia, não é isso o que é mais importante, quero dizer, o mais importante não é que eu ame o Rafael, ou que ele sinta o mesmo por mim. Não é isso.
— É o que, então? Quero dizer, eu sempre achei que amor fosse o mais importante, é o que todo mundo diz.
— Claro que é muito importante, faz a diferença, mas não é o mais importante.
— O que é então? Sexo? O meu pai não parece ser o maior amante do mundo, com aquele jeito panda dele.

Ela me deu um olhar como se estivesse se divertindo.
— Cláudia, de onde você tirou essa ideia?
— Olhando os pais das minhas amigas. Uns são total mané e outros são total Connery, coroa bom, sabe?
— Sei, claro que eu sei.
— Pois é, mas o meu pai não faz o estilo, na minha opinião. Ele é muito intelectual, muito cientista, sempre com aqueles óculos de leitura.
— Cláudia, não é nada disso. O seu pai é um homem muito sensual, é mesmo.
Achei estranho escutar aquilo. O meu pai, sensual?
— Também não é isso que eu acho mais importante na gente, Cláudia, e eu queria que você soubesse o que eu sinto, queria que a gente se entendesse. Que você soubesse por que esta relação com ele é tão boa pra mim.
— Mas se não é por causa do amor, não é por causa do sexo, então é por quê?
— Porque a gente se entende, Cláudia. Porque a gente se olha e sabe o que o outro está pensando. Porque eu sei o que ele vai achar de um filme antes de a gente começar a ver. Porque ele sabe quando deve vir conversar comigo e quando é melhor me deixar sozinha, e eu nunca preciso explicar. Porque a gente sabe quando ficar junto, quando dar espaço. Porque a gente sabe o que quer e sente vontade de fazer o que o outro quer, e porque a gente sabe que nem sempre vai concordar, mas isso não faz mal, porque a gente se entende. É por isso.
Ela ficou quieta, olhando para o cálice de licor, e eu olhei pra ela e vi que ela estava com uma lágrima correndo pelo rosto.
— Eu era tão triste e não sabia, Cláudia. Eu me divertia e achava que era feliz. Era só isso.

Senti a maior peninha dela, porque me pareceu que ela estava toda emocional, e eu gosto muito dela.
— E agora, Dea?
— Não sei. Aproveitar tanta coisa boa. O que você acha disso tudo?
— O que eu acho? Bom, acho que isso tudo é mais uma coisa de vocês, não é mesmo?
— Claro que não. Você faz parte. Eu quero aproveitar essa coisa que surgiu com o Rafael. E quero ser sua amiga, como antes, e mais amiga ainda, se você quiser.
— Dea, isso não vai ser muito simples. Quero dizer, claro que eu fico feliz com vocês dois. Mas é complicado pra mim. Você é minha amiga e eu acho que amigas têm que ser sinceras o tempo todo, mas eu não sei se a gente vai conseguir ser sincera se você namora o meu pai, quero dizer, é complicado.
— É, acho que é.
— Mas, sabe, tem uma coisa que eu venho pensando. Eu acho que a gente não pode desanimar só porque as coisas são complicadas. É como democracia, que se discutiu outro dia no colégio. É mais complicado do que ditadura, onde um cara manda e todo mundo obedece ou vai preso. Quero dizer, ditadura é mais simples, mas isso não quer dizer que a gente vai desistir da democracia e colocar a ditadura de volta.
— E o que isso quer dizer?
— Que eu acho que a gente precisa tentar, quero dizer, que eu acho que você e eu devemos tentar ser amigas, e você deve tentar namorar o meu pai, e todo mundo vê o que consegue fazer. O que você acha?
— O que eu acho? É o que eu mais quero e eu sei que é o que o Rafael mais quer também.
— Mas, olha. Eu não garanto que eu consiga fazer tudo direito, Dea. Eu sinto coisas muito estranhas, e isso tudo é difícil. Dá pra gente experimentar um tempo e ver como fica?
— Por mim, tudo bem.
— Então, que tal um brinde?
— Um brinde.

A gente brindou com champanhe que ela pediu e deixou eu beber um pouco. E foi como nos velhos tempos. Tipo total falando de tudo, e ela me disse que o Rafael é super divertido, que ele sempre tem uma coisa legal pra falar, e eu pensei, como assim, que Rafael é esse, e me dei conta que era o meu pai e a gente riu direto. Só uma coisa foi engraçada. Quando eu fiz uma brincadeira dos velhos tempos, de olhar ao redor e olhar os homens bons e falar sobre eles, ela ficou meio quieta e não me acompanhou na olhada, como antes.

— Dea, que negócio é esse? Virou freira agora? Parece eu.
— Não é isso Cláudia, é só que eu, sei lá.
— Como assim, é só que eu o quê?
— Eu estou apaixonada pelo Rafael e não sinto vontade de olhar pra outros homens.
— Você não está se fazendo só porque eu estou junto?
— Cláudia, claro que não. É só que eu estou muito feliz, e essa coisa toda é tão nova que eu não consigo pensar em mais nada.
— Acho esquisito.
— Cláudia, amor é esquisito.
— Tudo bem, Mami.
— Tudo bem o quê?
— Bom, agora vai ser a minha Mami, não é mesmo?
— Nem pensar. Você vai ser a minha amiguíssima Cláudia, e eu vou ser Dea, nada de Mami. Eu sou muito novinha pra essas coisas.
— Novinha uma ova. Tá namorando um quarentão. Agora você também é coroa.
— Você acha mesmo?
— Claro, você está até com uns cabelos grisalhos, dá pra ver daqui.
— Ai, meu Deus, onde?
Era só brincadeira minha, e deu pra rir direto. No começo ela não achou muita graça, mas depois começou a rir e não parou mais. A gente não parou mais de rir, e o resto da noite foi muito bom. Eu não sabia ainda no que esse negócio ia dar, mas por enquanto parecia tudo ok. A gente foi embora, e ela me levou em casa e não quis entrar, disse que já era tarde e que hoje preferia ficar pensando no que a gente tinha conversado, que preferia não ver o meu pai. Eu entrei e ela mandou um beijo pra mim pela janela do carro e foi embora. Eu sei que ela ligou pro meu pai mais tarde, porque ele foi para o quarto com o telefone e ficou um tempão conversando. Quando ele saiu ele parecia estranho, meio quieto, na frente da tevê, sem olhar nenhum programa, não de verdade. Eu fiquei em dúvida se a gente devia se falar ou não. Na verdade eu acho que não queria falar com ele, não muito a sério. Só sentei no braço da poltrona em que ele estava e disse que eu gostava muito da Dea.
— Gosta?
— Sim, ela é super. E fiquei contente que vocês gostem um do outro.
Eu não aguentava mais cuidar de você. Tava na hora mesmo de você arranjar uma mulher. Não sei como uma garota legal como a Dea foi se encantar com um coroa derrubado como você.
— Acha mesmo?
Incrível, mas ele ficou preocupado. E eu estava só brincando. Pais são muito tolos mesmo.
— Papi, brincadeirinha. Você é um gatão e milhares de molés adorariam se jogar aos seus pés.
— Cláudia, você gosta mesmo da Dea?
— Não. Eu ando com ela porque ela tem grana. Papi! Claro que eu gosto dela. Não sei ainda o que eu acho de vocês porque é tudo muito novo pra mim. Mas não é a minha vida, acho. Virem-se. Beijo de boa noite.
— Boa noite.
— Sonhe com Deas, Papi.
— Durma bem, Cláudia.
— Vai ficar aí mais tempo?
— Acho que eu gostaria de ficar aqui mais um pouco.
— Tudo bem. Beijos.

Fui deitar e ele ficou lá, quieto. Liguei o meu computador e mandei uma mensagem pro Homero, dizendo pra ele que a vida era mesmo uma coisa muito estranha e que a gente precisava conversar sobre isto um dia desses, mas não hoje, porque eu estava com sono. Se ele quisesse, podia me mandar um mail combinando uma hora outro dia. Hoje eu ia dormir e talvez sonhar com o que a Dea tinha falado. A vida pode ser mesmo uma coisa complicada. Em menos de um mês eu tinha conhecido uma pessoa muito legal e ela virou minha amiga, e logo depois ela e meu pai se apaixonaram e estavam querendo a minha permissão pra namorar. Porque é isso que eles queriam, ou por que vocês acham que a Dea saiu comigo? Eu penso no que teria acontecido se eu tivesse dito que não, que não queria.

Naquela noite eu sonhei com a minha mãe. Há muito tempo que isso não acontecia. Ela não parecia se incomodar com o que andava acontecendo com o meu pai. Ela parecia muito mais preocupada comigo e eu não entedia por quê.

Aqui Mima. Homero, você está aí?
Homero: Mima, estou aqui. Como está você?
Mima: Sei lá. Meu pai andou aprontando a maior confusão.
Homero: Seu pai? Como assim?
Mima: Quer mesmo saber?

Meu pai, o maior panda do planeta, saiu do sério. Quero dizer, o meu pai é o tipo de cara que sempre parece estar pensando no bem-estar de todo mundo. Eu nunca antes tinha visto ele desse jeito, total do mal. Começou numa manhã. Eu dei um "Oi Papi", ele soltou um grunhido de volta. Não entendi nada.

— Alô, que tal falar como gente? Eu dei oi.
Ele grunhiu de volta, de novo. Parecia um urso. Achei melhor deixar pra lá e fui pra escola depois que vi que ele tinha ido pro laboratório. Ele chutou a lata do lixo, chutou a porta do carro, e só não chutou o nosso cachorro porque a gente não tem um cachorro. Pensei no assunto e cheguei à conclusão que só podia ser coisa da Dea. O que ela podia ter feito eu não sabia. Mas era alguma coisa. Não deu pra falar com ela, devia estar no trabalho e eu precisei esperar até a noite. Quando ela atendeu eu pude ouvir que estava chorando.
— Dea, o que aconteceu?
— Cláudia, eu não sei o que dizer.
— Dea, o meu pai estava péssimo hoje. Alguma coisa aconteceu, você pode me falar o que foi?
— Cláudia, não sei. A gente estava super bem. Ontem ele me ligou e disse que precisava conversar. Quando a gente se encontrou, disse que estava tudo errado, que precisava parar de me ver. Eu perguntei por que, ele disse que era só isso, que precisava parar de me ver, e foi isso. Eu não sei bem o que aconteceu, só sei que ele estava muito mal e eu não pude fazer nada. Como ele está?
— Nada bem. E eu nem sei onde ele foi, e ele não voltou pra casa na hora normal.
— Cláudia, eu estou muito preocupada.
— Dea, eu acho que sei onde ele está.
— Sabe?
— Sei. Dea, não se preocupe. Eu vou tomar providências e tudo vai ficar bem.
— Me ligue assim que souber de alguma coisa, promete?
— Dea, não se preocupe.

Eu acho que ela devia se preocupar, porque eu imaginei qual devia ser o problema, mas não achei que fosse o momento de falar com ela sobre isso. O meu primeiro problema era encontrar o meu pai e depois ver o que acontecia. Eu não sabia onde ele ia estar, mas tinha um bom palpite. O meu pai adora água, e sempre que tem um problema maior, que não consegue resolver, ele vai até esse lugar na frente de um lago, em um parque aqui perto. Eu não tinha certeza, mas fui até o parque e lá estava ele, num banco perto do lago, parecendo o cara mais infeliz do mundo. Ele estava com um pacote de pipocas e jogava pipoca para os peixes.
— Não alimente os animais.
— Cláudia, como você me encontrou?
— Você sempre vem aqui pra pensar na vida, não sabia? Eu já vi você aqui um milhão de vezes.

— É mesmo?
— Pai, o que você pensa que eu sou? Eu sei o que você faz o tempo todo. Filhas sempre sabem o que os pais estão pensando, não sabia? Fale. O que você está aprontando agora?
— Cláudia, eu não sei o que eu ando fazendo comigo, com a gente.
— Quem sabe a gente conversa sobre isso.
— Não sei como começar.
— Você também não?
— Que você quer dizer?
— Esquece. Me fale, vai.

Ele levou um tempo pensando e depois começou a falar bem devagar, como se estivesse falando pra ele mesmo, como se nem ele soubesse por que falava aquilo.
— Quando eu conheci a sua mãe, eu tinha uns vinte anos, acho. Ela tinha outro namorado, e eu sofri uns dois anos, até ela me dar uma chance de chegar perto. Quando ela falou que me amava, que queria viver comigo, eu me senti, não sei como explicar. Eu me senti vivo, como eu nunca tinha sentido. E quando você nasceu, eu achei que eu era um eleito, o cara mais feliz do mundo, e prometi pra mim mesmo que eu nunca ia querer outra coisa na minha vida, que ia viver pra vocês, e que ia ser um marido perfeito pra sua mãe, e um pai perfeito pra você. Não deu certo. As coisas não acontecem como a gente quer, como desejaria.
Ele secou uma lágrima, e eu comecei a sentir uma coisa na garganta. Ele continuou falando, parecia que precisava tirar uma coisa do peito. Eu nunca tinha visto o meu pai assim.
— Sabe, os gregos diziam que os deuses não gostam que os humanos vivam muito felizes. Que eles sentem ciúmes e destroem essa felicidade. Não sei se os deuses são assim, mas aconteceu o que aconteceu comigo, conosco. Quando a sua mãe morreu, uma parte de mim morreu junto, e eu decidi que ia ser um bom pai, e isso ia ser tudo. Nenhuma mulher ia ocupar o lugar da sua mãe, e eu ia me dedicar a você. Não sei se consegui.
— Pai, você foi o melhor pai do mundo, sempre. Claro que sim.
— Não sei, Cláudia. Eu nem sempre estive tão próximo de você quanto devia. Eu assisti você crescendo, vi você se tornar uma garota independente, diferente dos seus amigos. Muitas vezes eu pensei se devia fazer alguma coisa, mas nunca conseguia saber o que fazer.
— Pai, eu nunca percebi que você soubesse de tudo isso.
— Claro que eu sabia. Mas não consegui fazer o que devia, ficar mais perto de você. Mas acho que as coisas são assim, a gente não controla tudo, nem perto disso. Bom, você sabe. Agora acontece a Dea. E eu não sei mais o que fazer. No começo, eu simplesmente me deixei levar. Era tão bom que eu esqueci por uns tempos de tudo que eu tinha decidido, esqueci do que eu prometi à sua mãe, esqueci que a minha obrigação era com você em primeiro lugar. Agora eu voltei a mim mesmo. É isso.
— Pai, você está errado.
— Não, nada disso.
— Está errado. Total errado, sinto muito. Você está entendendo tudo ao contrário. A melhor coisa que você pode fazer pra mim não é ficar comigo.
— Não é?
— Claro que não. Pai, uma hora dessas eu vou encontrar alguém e seguir em frente e deixar você. Eu sei que é horrível dizer isso, mas é verdade. E se não for uma pessoa, então vai ser o meu mestrado fora do Brasil, passar um, dois anos fora, e eu vou sem pensar duas vezes. Você tem que entender isso, sabe? Eu vou morrer de saudades de você, eu vou tudo, mas eu vou embora e vou tocar a minha vida um dia desses. Tem que ser assim. Eu venho pensando nisso há muito tempo, e agora eu acho que consegui entender essa coisa toda. Eu me preocupo há muito tempo com isso, sabia? Eu me sentia super culpada porque um dia eu ia deixar você. E agora você sente culpa porque está gostando de alguém, e eu sinto culpa porque um dia a gente não vai mais estar junto, a Dea sente culpa porque é minha amiga e se apaixonou por você, e todo mundo sente culpa por alguma coisa. Acho que a gente precisa fazer alguma coisa, sabia?
— Fazer o quê?
— Papi, a gente vai ter que crescer, só isso. Você vai ter que crescer, eu vou ter que crescer, todo mundo vai ter que crescer. Agora pare de bobagem e vá ligar para a Dea. Ela está super preocupada.

— Não sei.
— Pai, eu não conheci direito a minha mãe e tudo mais. Ok. Mas se ela amava você, como você diz, eu sei muito bem o que ela ia querer pra você. Você ia querer que ela ficasse infeliz de alguma forma?
— Claro que não, Cláudia, nunca.
— Eu posso não ter a idade de vocês, mas alguma coisa eu entendo. A Dea é a melhor coisa pra você. Eu sei disso, ela sabe, você sabe, e se a minha mãe pudesse dar uma opinião, eu sei muito bem o que ela ia dizer. Ela não pode dizer nada agora, então eu digo. Deixe essas coisas pra lá e vá em frente, pai. Você merece. E você nunca vai achar outra pessoa como a Dea, que esteja disposta a aguentar você e as suas esquisitices.

Eu falei isso de brincadeira, porque ele precisava de alguém que dissesse umas verdades pra ele, mas com leveza. O meu pai é um cara legal, só um pouco confuso, é só isso. A gente conversou, e riu, e ele disse que ia fazer a coisa certa, e ia ligar pra Dea e tudo ia ficar ok. Eu disse que achava aquilo ótimo, e então aconteceu esta coisa que na hora eu nem percebi direito. Só depois fui me dar conta do que queria dizer, e por que o meu pai tinha falado aquilo. Às vezes a gente dá bobeira e paga a vida toda, mas é assim mesmo, a gente não pode fazer nada.
O meu pai ficou um tempão olhando pra mim, bem sério, e perguntou se era isso mesmo que eu queria. Eu disse, claro Papi, é isso mesmo, você e a Dea foram feitos um pro outro. Ele me olhou bem sério de novo e falou essa coisa. "Tudo bem, Cláudia, talvez você esteja certa ao final das contas. Mas você entende que se eu for namorar a Dea vai ser pra valer, entende?"
— Claro que entendo, Papi.
— Pra valer, entende?
— Claro.
Eu falei, claro, mas não entendia nada, não mesmo, e eles logo mostraram pra mim o que eu não entendia. Foi logo na manhã seguinte, Homero, eu bem contente que estava, porque o meu pai tinha telefonado pra Dea e ido até a casa dela pra eles conversarem, e eu fui deitar me sentindo total do bem, das mais boazinhas, promovendo o amor e o bem-estar de todo mundo. No outro dia eu acordei e fui pra cozinha tomar café, como sempre, e o meu pai sempre desce e faz café, torradas com geleia e ovos. Eu estava lá embaixo e ele desceu logo depois. Deu bom dia, me deu um beijo estalado no rosto, disse que ia fazer pancakes, que eu adoro, e ovos com bacon, tudo. Eu estava achando ótimo ver o meu pai todo animado, e então aconteceu. Lá de cima da escada eu vi que alguma coisa estava acontecendo, olhei e era a Dea, ela mesma, vestida com um pijama do meu pai, descendo a escada com o maior sorriso do mundo. Ela deu oi pra mim, super feliz, e sentou junto com a gente. Ela fez suco e conversou comigo, total animada. Os dois se olhavam e tocavam as mãos o tempo todo. Uma hora, e eu quase caí da cadeira, Homero, ela sentou no colo dele e eles riam sem parar, porque o meu pai colocou sal em vez de açúcar nas panquecas e elas estavam horríveis. E eles só riam. Achei que o amor realmente é uma coisa muito idiota, mas ninguém ali queria a minha opinião.

Homero: E o que você acha disso tudo?
Mima: O que eu acho? Homero, eu não acho muita coisa. Acho que eu quis ser toda forte, toda cheia de apoio pra dar pra eles, e agora não sei o que fazer. Eu fico total sem graça quando ela e ele se tratam desse jeito, mesmo sabendo que é normal, que é legal. Não sei mais o que fazer. Sabe, dar força é fácil quando é só na teoria. Na hora da verdade a coisa é bem mais complicada. Sei lá. Você não tem aí um poema ou outro que eu possa usar agora?
Homero: Deixe eu pensar um pouco. Sempre existe um poema que a gente pode aproveitar.
Mima: Homero.
Homero: Sim?
Mima: Não é fácil a gente fazer a coisa certa, sabia? Tipo ser politicamente correta. Tem horas que eu queria fazer um escândalo, dizer pra eles que eu quero que eles parem com esse negócio todo.
Homero: E você quer mesmo que eles parem?
Mima: Não. É só pra fazer escândalo mesmo. Sei lá.
Homero: Cláudia, não é fácil, mas eu acho que você está fazendo a coisa mais certa e sabe disso.
Mima: Homero, acho que às vezes eu queria ser mais errada, sabe?

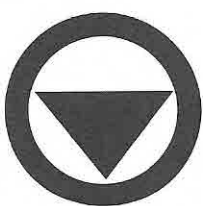
Homero: Pode ser, mas acho que você sabe que está fazendo o melhor.
Mima: Homero!
Homero: Sim?
Mima: Obrigada.
Homero: Por quê?
Mima: Pelo apoio. Por me escutar.
Homero: Cláudia, isso não é um sacrifício. Pode acreditar.
Mima: Ok, mas obrigada igual.
Mima: Homero?
Homero: Sim?
Mima: Você tem pais?
Homero: Claro.
Mima: Me fala sobre eles?
Homero: Claro.
Mima: Agora?
Homero: Sim, claro.

E a gente conversou. Um monte de tempo. Eu estava em casa e podia ouvir o meu pai e a Dea conversando na sala. Eles conversam o tempo todo, isso é verdade. A Dea não parou de conversar comigo, nada disso, a gente se fala direto. É só que ela e o meu pai têm tanta coisa pra se dizer. Mas a gente se fala e é ótimo. Dia desses o meu pai tinha saído uma noite pra uma conferência, e ficamos só nós duas olhando tevê. A Dea estava bem feliz, e a gente conversou de um monte de coisas, até chegar ao assunto homens. Isso porque eu tinha sido dura ao telefone com um garoto que queria sair comigo de qualquer jeito. Ela ouviu e veio perguntar o que tinha acontecido.
— Por que você tratou ele tão mal?
— Eu não tratei ele tão mal.
— Mais um pouco e o garoto se suicida. Já vi você falando com outros garotos e é sempre assim. Você destrói os coitados. Qual é o problema?
— Eles são o problema. Quer saber por quê?
Ela queria, e então eu falei tudo o que eu acho de mais complicado nos garotos. Ela concordou com um monte de coisas que eu coloquei, e acho que a gente se entende. Eu disse que o problema é que nem todos os caras são legais, como o meu pai. Ela disse que claro que concordava comigo. Eu falei que ela tinha mais é que concordar mesmo. E perguntei o que ela fazia pro meu pai estar tão feliz ultimamente. Ela perguntou se eu queria saber mesmo. Eu disse que sim, claro, queria saber. Ela falou que, com homens, o negócio era simples. Era só descobrir as fantasias deles e então fazer tudo o que eles achassem bom.
— Tudo?
— Sim, tudo.
— Você quer dizer tudo, tudo?
— Sim, quero dizer tudo, tudo.
— Você está falando de sexo, não está?
— Não só de sexo, mas estou falando de sexo também, claro. Isso é importante, sabia? A gente precisa saber como funciona.
— Mas o que você quer dizer com tudo?
— Bom, sabe, é super fácil fazer um cara feliz na cama. Os homens são muito óbvios. É só a gente entender isso e pronto. Claro que eles também precisam entender o que a gente gosta. Os dois lados precisam ter essa atitude, é o que eu acho.
— E você sabe do que os homens gostam?
— Claro.
Morri de vergonha, mas isto eu precisava perguntar, nem que fosse a última coisa que eu perguntasse na vida. Morri de vergonha, e depois perguntei.
— Do que eles gostam?
Ela me olhou e riu, bem assim mesmo, riu e eu quase desisti, de tanta vergonha.
— Quer saber mesmo?
Me enchi de coragem.
— Quero.
A Dea mandou ver, e com detalhes que eu nunca imaginei que existissem.
— Isso eu não faço. Nem pensar.
— Bom, você é livre, faz o que achar melhor.
— Mas você faz?
— Claro, e acho ótimo.

— Mas, mas, não é, quero dizer, não consigo imaginar. Isso é bom?
— Se o cara é competente pode ser muito bom. Mas você não precisa fazer tudo que vem na cabeça. Aliás, não precisa fazer nada.
— Mas Dea, você mesma disse que a gente tem que ser bom no que faz, que precisa ser competente. Eu quero ser boa no que eu faço, em tudo.
— Então precisamos pensar mais nisso tudo, não precisamos?

Eu achava que sim, e na teoria tudo fazia sentido. Mas na prática? Era tudo muito estranho. Pra mim, sexo era o que eu via nos filmes. Eu já tinha visto uns filmes eróticos, e o pessoal fazia umas coisas estranhas, mas eu sempre pensei que aquilo era só filme, que na vida real era tudo diferente. Agora a Dea vinha me falar que ela fazia aquelas coisas todas. E pior, devia fazer com o meu pai.

Sei lá, mas fiquei olhando pra eles de um jeito estranho, por uns tempos. E vocês precisavam ver a felicidade dos dois. Era amorzinho pra cá, amorzinho pra lá. Agora que o meu pai tinha superado os traumas, ele estava dos mais entusiasmados, e eles se beijavam direto, na minha frente inclusive.

Eu estava feliz com aquilo tudo, estava mesmo. Os dois estavam ótimos, e passavam um monte de tempo lá em casa, então eu sempre tinha a Dea por perto e a gente podia conversar um monte. Mas eu também sentia uma coisa estranha, porque eu olhava os dois assim, tão contentes, e sentia que eu estava só. Eu tinha a Carla, e tinha a minha turma de internet, mas isso era diferente. Não era a mesma coisa que ter uma pessoa pra abraçar e ficar quietinho olhando o fogo, ou uma pessoa pra poder conversar e beijar e tudo mais, e isso eu não tinha. Eu detesto ficar pra vítima, mas às vezes era como eu sentia. Eu me sentia feliz por eles. Triste por mim mesma. Pra onde tudo estava indo, como eu podia saber? O meu pai diz que o destino é uma coisa grega, que a gente nunca sabe pra onde as coisas se encaminham. Eu não sabia mesmo, e, podem acreditar, a sensação é péssima.

Cansei de ser Homero. Cansei de olhar pra você de tão longe que mal vejo você. Cansei de ver você falar de tantas coisas que acontecem ao seu redor. Queria ser parte disso, mais do que tudo.

Aqui em casa eles têm notado que eu ando diferente, a minha banda tem notado, mas acham que tudo é porque eu anunciei lá em casa que vou trocar de curso na universidade. Era de arquitetura, vou passar para o jornalismo, que é a coisa mais próxima que eles têm para quem quer escrever. Perguntei a todo mundo, e eles falaram que eu podia estudar literatura e estudar quem escreve, ou ia pro jornalismo escrever. Escrever qualquer coisa, crônica policial, coluna social, crítica de teatro, fazer o horóscopo ou a parte da numerologia. Qualquer coisa, mas escrever, porque é isso que eu quero.

A minha mãe falou "Meu filho", preocupada com as minhas ideias. O meu pai pareceu um pouco orgulhoso, mesmo que ele não queira dizer nada pra não parecer que quer me influenciar. A minha banda achou ok, desde que eu comece a fazer letras mais decentes e que ajudem a banda a ficar famosa e ganhar muito dinheiro e a gente ter muitas namoradas. Isso é o que eles pensam, ou o que eles falam, e eu não sei bem se são a mesma coisa.

Fiquei contente porque tinha decidido uma coisa na vida, e acho que então a coisa me contaminou. Decidi uma coisa, agora quero decidir todas de uma vez. Olhei pra sua casa de longe e decidi que ia ser a

última, e agora morro de medo pelo que eu decidi fazer, mas morro de medo diante da sua porta, o que é muito diferente de morrer de medo lá de longe. Olho para a porta, e olho a campainha, e um medo maior do que tudo enche a minha boca com um gosto estranho e eu sinto as pernas tremendo, e penso que posso sair correndo, e quero sair correndo, mas não vou, e sei que não vou. Então eu faço o que tenho que fazer, seguro a respiração e aperto a campainha, e seja o que for. Alea jacta est. Em latim, quer dizer: A sorte está lançada.

Alea jacta est, e apertei a campainha, esperando que você viesse abrir.

A porta abriu, e achei que alguma coisa séria ia acontecer com o meu coração. Alguma coisa séria mesmo.

A porta foi se abrindo e uma camisa xadrez foi aparecendo de leve. Uma camisa xadrez de azul com branco, uma calça preta e um cabelo curto e preto. O seu cabelo não é curto nem preto, você jamais usa xadrez, então quem era aquela garota ali na minha frente?

— Sim?

Ela falava, e eu não conseguia responder.

— Posso ajudar em alguma coisa?

Fiz que não com a cabeça, me sentindo o cara mais infeliz do mundo. Depois de todo o esforço, toda a coragem que eu precisei reunir pra tocar a sua campainha e aparecer na sua frente, pra dizer, Oi, você me conhece como Homero, mas o meu nome é Daniel e eu queria muito falar com você e dar esse livro da Sylvia Plath, Poemas, *e a gente podia ler o Ariel juntos e depois dar um volta de moto, se você não tem medo, e a gente podia sei lá, conversar, coisas assim. Eu tinha preparado tudo isso, e agora você não abria a porta e eu não sabia o que fazer.*

— Você não é o Homero, por acaso?

Não entendi direito como ela podia saber. Fiz que sim.

— A Cláudia me falou muito de você. Reconheci pelo livro. Ela não está. Foi à casa de uma amiga e deve demorar.

Demorar? Era azar demais, e eu sentia vontade de sumir, desaparecer e nunca mais aparecer. Eu tinha conseguido uma vez, não ia conseguir duas.

— Você está bem? Você parece meio pálido.

Eu fiz que estava bem, mas não consegui dizer mais nada. Eu me sentia o cara mais infeliz do mundo, e só queria ir embora dali. Ela não deixou.

— Sabe de uma coisa? Eu gostaria muito de conhecer você. A Cláudia me contou coisas ótimas a seu respeito. Eu fiz um chá e tenho um bolo e a gente podia sentar um pouco.

Não falei nada, nem estava entendendo direito o que ela falava, mas a voz era muito agradável, e eu não conseguia me mover dali.

— Sabe, eu sempre gostei de poesia, mas não sabia que garotos como você ainda gostavam. Este livro é da Sylvia Plath? Eu nunca li nada dela.

Eu queria dizer alguma coisa, porque ela parecia ser muito querida, mas não conseguia. Não conseguia.

— Homero, ou seja qual for o seu nome. Você definitivamente precisa de um chá. E precisa me contar um pouco o que está acontecendo com você. Agora entre.

Ela me pegou pelo braço e eu nem queria entrar, mas havia esse jeito dela de dizer as coisas, parecendo um pouco com o meu pai, que nunca levanta a voz, nunca dá uma ordem, e todo mundo obedece.

— Agora sente aqui, e me conte afinal o que está acontecendo. Algo me diz que você precisa muito falar, não precisa? Bom, eu quero ouvir, então é melhor aproveitar e ir em frente.

Ela me serviu chá, e sentou, e eu falei sem parar por um tempo enorme. Eu contei tudo, falei de como eu me sentia em relação à Cláudia, de como eu sabia que ela nunca ia dar atenção pra mim, que ela era tão, tão, não sei o que dizer, mas tão linda, e atraente, e com tantos caras a fim dela, que ela nunca ia olhar pra mim, mas que eu queria falar com ela igual, e que se eu não fizesse isto pelo menos uma vez, então eu era um cara muito fraco e sem nada, e que então eu tinha vindo, e que agora eu não sabia o que estava fazendo ali, e que ela me desculpasse, que eu nem sabia o que estava falando, que eu achava que estava na hora de ir, que ela me desculpasse.

— Deixe disso. Pode ficar, você é um cara muito legal, e eu achei

ótimo escutar você. É muito bom saber que ainda existe gente assim como você por aí. Agora ouça. Você está enganado sobre a Cláudia. Ela não é uma miniestrela rodeada de gente e se achando o máximo. Ela é uma garota muito legal, que não tem nada, nada de tola e que eu acho que gostaria muito de conhecer um cara como você. Eu gostaria muito que você encontrasse com ela, que mostrasse que tipo de pessoa você é, se bem que eu acho que ela já sabe. Acho que seria ótimo se você conseguisse estar mais calmo, mais tranquilo. Por isso eu gostaria que você voltasse amanhã e conhecesse a Cláudia. Eu vou estar aqui, tirei uns dias de folga, e vou estar aqui. Assim você sabe que não vai ser recebido por uma estranha. Venha amanhã. Cinco horas, pode ser?

— Cinco horas?

— Cinco horas. Negócio fechado?

Eu fiquei meio sem saber o que fazer, e ela estendeu a mão.

— Afinal, o que você tem a perder? Negócio fechado?

Eu não tinha nada a perder. Negócio fechado.

Dava pra ver que a Dea estava com a cabeça em outro lugar. Quero dizer, ela tem estado com a cabeça em outro lugar, porque desde que ela e o meu pai começaram a namorar firme, tudo o que eles fazem é estar com a cabeça em outro lugar. No quarto, por exemplo. Sorte que a minha casa tem umas paredes bem grossas, senão eu ia ter que ficar escutando a animação deles.

E eles andavam total animados. Qualquer coisa já era motivo pra Dea sussurrar no ouvido dele e ele fazer cara de escândalo e eles disfarçarem e dali a pouco, quando achavam que eu não estava prestando atenção, sumirem discretamente. Discretamente uma ova. E depois ainda reaparecem com a maior cara de quem se divertiu um monte.

Queria só ver se eu fizesse a mesma coisa.

Eu até perguntei umas vezes pra Dea, assim, sem perguntar muito diretamente, meio me fazendo, olhando pro lado, como se eu não estivesse morrendo de curiosidade, que tal era, quero dizer, com o meu pai.

— O que você quer saber?

A Dea é assim. Ela me avisou uma vez que a coisa ia ser total sinceridade. Eu estava um dia na sala, olhando tevê e me sentindo total confusa com a coisa toda, quero dizer, os dois namorando e na maior

felicidade e o que eu ia fazer. Mas era verdade, quero dizer, em parte, porque a Dea era minha amiga, e eu tinha muita coisa pra falar com ela, pra perguntar. Acho que eu agora sentia o que as outras garotas, que têm mãe pra conversar, sentem, tipo uma mulher mais velha, que sabe o que acontece, pra ajudar a gente a entender melhor as coisas, os homens, coisas assim. E agora, com ela namorando o meu pai, claro que tudo ficava mais complicado.

A Carla não ajudava.
— Cláudia, você conhece a tal mulher, a coroa. Vocês duas ficam total inseparáveis e então ela agarra o seu pai. Claro que você tem mais é que se sentir péssima.
— Não é nada disso. Ela não é coroa, e eu acho o máximo eles estarem juntos. Assim ela toma conta do meu pai e eu tenho tempo pras minhas coisas.
— As suas coisas. Estudar pro vestibular de convento.
— Carla, você pode ser uma vaca, sabia?
— E você não pode admitir que está se sentindo péssima com isso tudo.
— Carla, acho que você precisa crescer mais. A gente precisa aprender a se comportar como adultas um dia desses, sabia?
— E ser adulta quer dizer que a coroa está comendo o seu pai e você tem que gostar?
— Carla, isso foi horrível.
— Cláudia, tenho que desligar agora, hora do dentista.

Isso queria dizer que a conversa tinha acabado, porque as pessoas não costumam ter dentista às dez da noite. A Carla tinha ciúmes da Dea porque a gente, eu e a Dea, tinha ficado tão amigas. Eu até entendo, mas ela não precisava ficar dizendo essas coisas, e acho que foi por isso que a gente até se afastou um pouco, tipo não se ver tanto. Resolvi deixar ela crescer um pouco mais, antes que a gente brigasse feio.
Então, como eu estava falando antes, nesse dia eu estava vendo tevê, total de mal com o mundo, e a Dea estava por perto e veio conversar comigo.
— Cláudia, que tal um chá?
— Não sei se estou no clima pra chá.
— Então que tal um uísque?
— Não gosto de uísque.
— Então, que tal uma conversa?
Isso parecia melhor.

— Notei que você está precisando conversar um pouco com a sua amiga Dea. Por mim, sou toda ouvidos.
Ela disse aquilo e colocou as mãos nas orelhas, pra abrir bem e mostrar que era toda ouvidos. Eu queria ficar bem séria, bem do mal, mas não consegui, ela era muito engraçada.
— Ora, um sorriso nesse rostinho tão triste. Então vamos lá. Mande bala.
— É que essa coisa toda é complicada pra mim.
— É complicada pra todos nós. Pro Rafael, pra mim, pra você. Mas lembra o que a gente decidiu?
— O que a gente decidiu?
— Tocar em frente. Complicado não quer dizer necessariamente ruim. Qualquer imbecil, qualquer débil mental consegue trocar um chuveiro e lidar com situações simples.
— O meu pai não consegue trocar um chuveiro.
— Certo, então ninguém é perfeito. Mas asseguro a você que o seu pai faz bem quase tudo, e eu não me importo de trocar chuveiro, lâmpada queimada, consertar a torradeira e aguentar a filha chata dele, desde que a gente possa continuar juntos e com tanta coisa boa acontecendo.
— Dea!
— Sabe, é isso que eu quero dizer pra você. Aconteceu uma coisa maravilhosa, e eu, o Rafael, e espero que você também, que a gente consiga vencer as dificuldades que sempre surgem pra poder aproveitar ao máximo esse momento. É isso.
— É que às vezes parece que eu perdi o meu pai, e perdi você, e até a Carla, porque a gente parece que não tem mais tanto em comum.
— Em primeiro lugar, você nunca vai perder o seu pai. Ele gosta muito de mim, acho que me ama. Mas se tivesse que escolher entre mim e você, você acha que ele sente alguma dúvida do que faria?

— Eu nunca ia fazer uma coisa dessas.
— É por isso que eu adoro você. Porque você quer o bem do seu pai, e quer o meu bem, e essa é situação complicada. E é por isso que eu acho que admiro você, e fico vendo você aí quieta, e eu sei que você está sofrendo por dentro, mas aguenta firme. O Rafael quer muito duas coisas. Ele quer aproveitar essa coisa que surgiu comigo e quer poder compartilhar isso com você, e ele não tolera a ideia de se afastar de você. Só que ele não consegue dizer tudo isso, porque adora você demais e se confunde todo quando tenta falar.
— Quando é que ele tenta?
— Lembra quando ele convidou você pra ir buscar pizza no domingo?
— Eu estava com o pessoal da internet. E desde quando são necessárias duas pessoas pra buscar uma pizza grande e uma Coca dois litros?
— Quando uma delas quer muito conversar com a outra, sua tola.
Me senti uma total mané. Como é que eu não percebi?
— Ele podia ter falado, não podia?
— Mas é o jeito dele de falar, e talvez, se você conseguir dar uma atençãozinha, ajudar um pouco, talvez ele consiga soltar tudo que tem pra dizer. Por enquanto nós duas podíamos ir conversando, não acha? Afinal, nós mulheres somos muito melhores nessas coisas.

Adoro quando ela fala "Nós mulheres", acho o máximo mesmo.
— É esse o problema, pra mim.
— Qual o problema?
— Acho que eu gostaria muito de falar com você de mulher pra mulher. Você sabe tudo, e eu tenho muita coisa pra perguntar. Como era antes, quero dizer, de você e o meu pai começarem a namorar. Só que agora eu não sei se dá pra conversar como antes, porque muita coisa que eu quero falar eu só queria contar pra uma amiga, e não pra mulher do meu pai. Entende? Eu me sinto envergonhada agora, e antes eu não me sentia.

Ela fez uma coisa que eu não esperava. Ela ficou me olhando, olhando e eu vi que ela começou a ficar com os olhos cheios de lágrimas.
— Dea, o que foi?
— Cláudia, eu não sabia que era isso que você estava sentindo. Achei que era outra coisa. Mas é claro que você pode sempre falar comigo. Eu sou sua amiga em primeiro lugar e eu nunca vou trair sua confiança. O que a gente falar fica entre nós. Prometo.
— Promete?
Ela fez uma cruz com os dedos e beijou, e a gente fez um pacto de sangue. Ela disse que odiava ver sangue, mas tinha essa garrafa de vinho aberta na cozinha, e a gente fez de conta que era sangue e ela acendeu uma vela, e a gente fez um juramento com muito sangue de vinho lambuzando tudo, e a gente prometeu bem sérias que nunca uma poderia trair os segredos da outra, e se uma falasse qualquer segredo ela ia ficar cheia de celulite até na testa e virar uma bruxa que nenhum homem ia querer pegar, nunca mais.

A gente estava se divertindo pra caramba quando o meu pai chegou, e ficou ali na sala, com cara de quem não estava entendendo nada, e a gente riu, e a Dea foi até lá dar um beijo nele, e dizer, "Boa noite, amo e senhor, esta casa se ilumina com a sua presença", e eu achei muito engraçado e fui lá dar um beijo nele e eu vi que ele tinha comprado duas calças, uma pra mim e outra pra Dea, e a gente achou aquilo o máximo, porque o meu pai tinha ido a uma loja comprar presentes para nós, e a Dea trouxe mais vinho, e disse que a gente ia fazer ali mesmo um juramento de sangue, que a gente ia ser sempre assim, uma turma total feliz e unida, e eu olhei pro meu pai e pra ela, e senti que a gente era isso mesmo, uma turma feliz e unida, e eu vi o meu pai também encher os olhos de lágrimas e a gente ficou por ali na sala se abraçando e eu senti que estava muito feliz com aquilo.
Claro que eu também sentia que faltava uma coisa. Sentia cada vez mais, e só não falava no assunto porque não adiantava mesmo. Mas sentia.

Foi depois do nosso pacto de sangue que, sempre que eu pergunto alguma coisa, ou a Dea acha que eu estou querendo perguntar alguma coisa, ela me olha bem nos olhos e diz, "afinal, o que você quer saber?".
Isto quer dizer duas coisas: uma, é que é melhor eu pensar bem se eu

quero ou não saber o que eu vou perguntar, porque ela vai ser total sincera, e eu posso não estar preparada pra isso. Como da vez que eu perguntei como era pra ela, quero dizer, como era pra ela transar com o meu pai. Eu perguntei meio brincando, mas ela respondeu total séria, e eu quase engoli a Coca que estava tomando com garrafa e tudo.

— Bom, você queria saber, ou não queria?

Acho que eu queria, mas não muito.

— Cláudia. Pense bem antes de perguntar qualquer coisa. Porque eu sempre vou ser sincera com você. Sempre.

Agora a gente volta lá pra antes nessa história, quando eu estava na sala, e a Dea parecia estar com a cabeça em outro lugar, e eu comecei a perguntar alguma coisa pra ela, e ela me olhou e disse: O que você quer saber? Bom, ela estava andando pela sala com a cabeça nas nuvens e eu queria saber o que era. Logo que ela disse aquilo, quero dizer, perguntou o que eu queria saber, me deu um gelo na espinha. Mas eu só queria saber mesmo por que ela estava daquele jeito.

— Que jeito?

— Assim, Dea. Você sorri pra si mesma, olha pra mim, sorri de novo. Arruma uma almofada que já está arrumada, pega um livro, larga um livro etc.

A Dea não respondeu. Olhou o relógio, disse pra ela mesma, baixinho, "Cinco horas. Bom".

— O que tem com cinco horas?

— Você já vai saber. Cláudia, você tem um minuto pra mim?

— Claro. Eu não tenho que fazer nada hoje. Só olhar uns sites que o pai pediu.

— Bom, os sites podem esperar. Sente aqui comigo, como duas amigas queridas, que eu tenho essa coisa pra contar pra você.

— Meu Deus, você está grávida!

— Não! Que ideia maluca. Agora que eu estou me divertindo tanto! Nem pensar. Eu quero conversar com você de outra coisa.

— Acho que aí vem bomba.

— Cláudia, eu sou sua amiga, não sou?

— Essa pergunta foi fácil.

— Bom, eu posso estar apaixonada, e dando um monte de atenção e outras coisas pro Rafael, mas eu não deixo de prestar atenção em você, e existem coisas que uma amiga precisa dizer pra outra.

— Sim, Senhora Presidente. Parece a Hora do Brasil falando, de tão formal.

— Eu acho você um amor, e uma pessoa fantástica. Mas nós temos um problema.

— Que problema?

— A nossa relação com homens.

— Ah, Dea, nada a ver.

— Cláudia, quer parar com a conversa?

Não. Eu não queria. Eu sabia o que ela queria dizer. Só não sabia como falar.

— Faça que sim ou não com a cabeça, e a gente continua, ou para por aqui. Quer que a gente pare a conversa?

Fiz que não com a cabeça.

— Você é uma garota linda. Por fora, todos sabemos, e todos os seus apaixonados sabem. Por dentro, eu sei, o seu pai sabe, e não sei o quanto você sabe, mas você é muito bonita também. Bom, acontece que não é bom uma garota ficar assim recusando todo e qualquer contato com garotos, só porque não quer enfrentar alguns medos.

— Dea, de onde você tirou essa ideia?

— Sei lá. Ora, Cláudia. De onde você acha que eu tirei essa ideia? Eu vejo uma multidão de garotos desesperados ligando pra cá e você tendo que estudar o tempo todo. Até em manhã de domingo. Tudo pra não sair com eles.

— É que eu tenho outras coisas pra pensar.

— Cláudia, na sua idade, ninguém tem outra coisa pra pensar.

— É que eu tinha que tomar conta do meu pai, da casa.

— Bom, já arranjou uma babá pra ele. E agora?

— É que eles são todos total mané. Você não imagina o tipo de conversa que eu tenho que ouvir.

— É exatamente sobre isso que eu queria falar.

A campainha tocou. Ela olhou o relógio e deu um sorriso. Disse pra eu esperar um pouco, que ela já voltava. Ela foi até a porta, e eu não vi quem era, mas ela disse pra pessoa entrar na sala de tevê, que fica logo ao lado da entrada. Eu estiquei o pescoço, mas não consegui ver quem era. A Dea voltou e sentou na minha frente. Ela me olhou, bem séria, deu um suspiro, e disse pra mim:

— Cláudia, está aí uma pessoa que eu gostaria muito que você conhecesse. Ele também quer muito conhecer você, e eu acho que ele fez por merecer uma atenção especial. Por isso, você não precisa gostar dele, não precisa fazer nada de especial. Mas se você tratar ele como trata os outros garotos, a sua amiga Dea vai dar uma surra em você. Agora vá até lá conversar com ele.

Ela me deu um beijo, subiu para o quarto, e eu fiquei ali parada, sem entender nada. Depois de um tempo, lembrei que havia alguém na sala, que a Dea achava que eu tinha que ir lá e ser toda boazinha com ele e tudo mais. Aquilo era tão estranho, que nem parecia estar acontecendo. Pra me convencer que estava mesmo acontecendo, levantei e fui até lá, olhar pela porta e ver que pessoa era esta afinal.

Era um garoto, ele estava de costas olhando uns livros do meu pai. Ele olhava os livros, pegava um, olhava umas folhas, e ele dizia alguma coisa baixinho, como se conhecesse aquele livro, e acho que ele conhecia mesmo, porque ele pegou um livro com capa de couro, e falou o nome do livro, e abriu, todo entusiasmado, e ficou folheando as páginas, e parecia que tinha esquecido de tudo, porque eu disse oi, e ele nem falou nada. Eu disse oi de novo, mais alto, e ele fez uma volta tão rápida que deixou o livro cair, e se abaixou todo envergonhado pra pegar e se levantou de novo, me pedindo desculpas por estar tão distraído.

— Não precisa se desculpar, está tudo bem. Livro não quebra.

— É, não quebra. É mesmo.

— A Dea disse que você queria falar comigo.

— Eu, eu conversei com ela no outro dia, e ela pediu que eu voltasse aqui hoje. É que eu, bom, sei lá, é difícil pra mim. Desculpe.

Ele parecia total panda, e total sem jeito, e eu nem entendia por quê.

Quero dizer, eu não mordo, acho. Eu nem sabia quem ele era, mas dava pra ver que era um cara legal. Acho que são os olhos das pessoas. A gente olha pros olhos das pessoas e descobre que tipo de gente elas são. Funciona, podem tentar. Ele tinha uns olhos muito legais de olhar, calmos, apesar de dar pra ver que os olhos eram a única parte calma dele. As mãos não paravam de mexer. Eu fui olhar as mãos e vi que ele tinha trazido um livro.

— Eu pensei em deixar esse livro pra você.

Olhei o livro, e era da Sylvia Plath. Olhei pra ele. Olhei pro livro. Olhei pra ele de novo. Esse era ele? Eu não conseguia acreditar, que o garoto que vinha conversando comigo pela internet todo esse tempo, que era ele mesmo ali na minha frente, e tão diferente do jeito como eu tinha imaginado.

— Homero?

— Daniel. O meu nome. De verdade. É Daniel.

Então este era ele? O garoto com quem eu vinha conversando todo esse tempo pela internet. O Homero, cheio de ideias, poesias e tudo mais. Eu não acreditava que estivesse acontecendo de verdade. Eu tinha imaginado ele tão diferente.

— Daniel?

— Sim. Você acha estranho?

— Estranho?

— O meu nome.

— O seu nome? Não, não achei estranho. É só que, quero dizer, eu tinha me acostumado a pensar em você como Homero. Agora você aparece aqui, eu vejo você ao vivo, e o seu nome é Daniel, e tudo mais. É muita coisa ao mesmo tempo.

— Desculpe eu aparecer assim. É só que eu achei que não dava mais pra ficar só conversando com você daquele jeito. Eu não estava mais querendo aquilo, sabe?

Ele parecia tão nervoso, tadinho. Lembrei o que Dea tinha falado.

— A Dea disse que se eu tratasse você mal ela me dava uma surra.

— Ela falou isso?

— Falou isso mesmo. Ela diz que eu trato mal os garotos.

— Você trata mesmo?

— Não sei. Talvez sim. Ou talvez eu tenha medo deles, sabe?

— Acho que sim. Eu tinha medo de falar com você. Deve ser algo assim.
— Você? Medo de falar comigo? Mas por quê?
Ele ficou quieto um pouco. Ficou só olhando a sala, a minha casa, sem dizer nada. Eu lembrei que ele era um convidado na minha casa, e que eu era a anfitriã, e não tinha oferecido nada a ele.
— Você gostaria de tomar alguma coisa, um chá, um suco?
— Acho que um suco seria bom. A minha garganta está super seca.
Eu servi um suco pra ele e uma xícara de chá pra mim. Vi que tinha um prato com um pedaço de bolo já cortadinho em cima da mesa da cozinha — coisa da Dea, dava pra ver —, e achei que a gente podia comer um pedaço. Quando eu fico nervosa, comer sempre ajuda.
A gente ficou ali um tempo, bebendo e comendo bolo. Eu não sabia direito o que dizer, e acho que nem ele, e eu senti que eu preferia assim, quero dizer, sem falar nada. Depois pedi pra ele ler um pedaço de um poema do livro que ele gostasse.
— Você quer mesmo?
— Sim. Eu acho que a gente está assim sem jeito porque não está fazendo as coisas que a gente está acostumado a fazer. Quero dizer, se a gente estivesse na web você ia estar lendo algum poema e a gente ia conversar sobre ele e então ia ser fácil. Me leia um poema do livro que você trouxe. Da Sylvia Plath.
— Eu gosto muito de um poema dela, se chama Ariel. Quer que eu leia esse pra você?
— Parece bom.
— Vou ler um trecho bem curto, que eu acho muito bonito, e que eu nunca entendi direito, ok?
— Hum, hum.
— É assim:

E agora, espumo com o trigo, reflexo de mares.
O grito da criança escorre pelo muro e eu,
sou a flecha,
Orvalho que avança, suicida,
e de uma vez se lança contra o olho vermelho,
fornalha da manhã.

Ele ficou em silêncio e eu fiquei ali, pensando um pouco.
— Achei lindo, Daniel. Por que você não entende?
— Talvez por isso mesmo. Por ser tão lindo. Acho que existem coisas que a gente não precisa entender. Acho que o mundo está muito assim, concreto demais. A gente entende tudo. Tendo dinheiro a gente compra tudo. Não pode ser assim, e não pode ser só isso.

A Dea estava certa. Aquele garoto não era como os outros.
— Eu estou entediando você.
— Não, Daniel, eu estava pensando no que você tinha falado, só isso.
— Eu já estou acostumado. Quero dizer, eu gosto tanto de coisas como poesia, cinema, música. E quando eu tento conversar sobre isso, o pessoal sempre fica com cara de que não está gostando muito.
— Até as garotas?
— Até as garotas.
— Eu sempre achei que isso fosse mais coisa de homem, quero dizer, não gostar de nada que não fosse futebol, ou carro ou amasso.
— Não, garotas também não se interessam muito por essas coisas de que eu gosto. E então eu quase nunca posso conversar de verdade com garotas sobre isso. E eu achei que você era diferente, mas não quero que você me ache muito chato.
— Homero, eu nunca achei você chato. Não é nada disso. Eu só fiquei surpresa. Eu nunca imaginei que a gente fosse se encontrar.
— Acha que era melhor a gente não ter se conhecido?
Ele perguntou e eu vi que era coisa séria. Eu olhei bem pra ele e claro que não era nada disso. Até porque ele não era só um cara interessante. Olhando bem, ele até que não era mal, quero dizer, eu achava que ele ia ser todo feioso, e não era nada disso.
Fiquei ali pensando um pouco, e a gente ficou meio que em silêncio.

— Escute. A gente não se conhece, mas tem essa coisa que eu gostaria muito de mostrar pra você. Você pode vir comigo?
— Vir onde?
— Eu preferia mostrar. Uma surpresa, tipo.
Fiquei em dúvida.
— Eu não sou um assassino psicopata nem nada. O único risco comigo

é que eu tenho moto. Você tem medo de andar?
Andei só umas duas vezes, nem sei se tenho medo. Acho que o meu pai não ia gostar nem um pouco. Mas o meu pai me devia umas.
— Certo. A gente pode ir, desde que eu não volte tarde, porque tenho umas coisas pra fazer.
— Você não vai se arrepender.

Eu já estava meio arrependida, mas agora era tarde e eu não sou mulher de voltar atrás. Falei pra Dea que a gente ia dar uma volta, não disse que ia ser de moto, e a gente saiu. Como a gente sempre pode ter azar, em qualquer lugar, a qualquer momento, no instante exato que eu estava saindo com o Homero, quero dizer, com o Daniel, adivinhem quem apareceu na minha casa, de surpresa, com mais duas garotas da aula. Carla, a devoradora de homens. Precisavam ver o olho que ela esticou para o Daniel.
— Cláudia, a gente ia até o shopping fazer umas coisas e queria ver se você vinha junto.
— Não vai dar, pessoal, eu já estava saindo.
— Oi, nem apresenta pra gente o rapaz aí?
— Claro, este é o Daniel.
Ele estava total sem jeito, eu idem, e as garotas só faltava tirarem a roupa dele com os olhos. Que mulherio, meu Deus. Eu disse que ligava mais tarde e a gente saiu dali, mas deu pra sentir o olhar delas, e eu fiquei imaginando o que ia escutar depois.
A gente andou pela cidade um tempo, e deu pra ver que ele dirigia com cuidado, e eu me senti super segura. A gente sempre sabe quando está com alguém que entende o que faz. Foi isso que eu senti. Ele andou uns vinte minutos, e eu vi que a gente estava indo na direção do porto. Aquilo me deixou curiosa, e ainda mais curiosa porque ele entrou mesmo no porto. Deu oi para o guarda e entrou direto, andando pelo cais. Eu não entendi direito, mas ele era conhecido por ali. Ele foi até o final do cais, e eu vi que havia um bar pequeno, acho que pro pessoal do porto. A gente parou ao lado do bar, ele pediu duas latas de Coca, e a gente sentou em um degrau do cais, onde dava pra se encostar nos degraus e ficar sentado de um jeito mais ou menos confortável. A vista era muito, muito linda mesmo. Não sei se vocês já viram navios de perto, como eles são grandes. O Daniel e eu, nós ficamos ali um tempo sem fazer nada, só lendo os nomes dos navios, de tudo quanto era canto do mundo. A água estava muito calma, sem vento, e aquilo era mesmo especial.

— Eu venho aqui seguido, e o pessoal do porto me conhece.
— O que você faz aqui? Traz mulheres pra vender aos marinheiros?
Ele riu.
— Não tinha pensado nisso. Não, e nunca trouxe mulheres aqui antes. Este lugar eu uso pra pensar e ler e escrever letras pra banda. E hoje eu achei que ia ser um lugar bom pra conversar com você. Na sua sala eu estava pouco à vontade.
— Afinal, o que é isso tudo?
— Você quer dizer eu procurar você na internet, e depois aparecer na sua casa?
— Hum, hum. É um pouco estranho isso tudo, não é?
— Acho que sim. Sabe, eu não sou muito bom falando, mas eu acho que a gente sabe quando encontra uma pessoa que é especial pra gente. Eu vi você e achei que seria assim, que você era especial, e que podia ser uma garota que eu andava procurando.
— Como assim?
— Uma garota especial, sabe? Que gostasse das mesmas coisas que eu gosto, pra gente poder ver filmes juntos, e depois falar sobre eles. Pra gente ler poesias e depois conversar sobre elas. Tudo que eu acho tão especial e não consigo compartilhar.
— Você se sente assim? Quero dizer, você sente que tem coisas que são super importantes pra você e que você não consegue dividir com as pessoas?
— Você sente isso também?
— O tempo todo.
— Cláudia, você não sabe como eu me sinto, escutando você dizer isso.
— É como se a gente fosse um pouco alma gêmea, não é?
— Acho que sim.
— E como você achou que eu era assim, a sua alma gêmea?
— Eu não sei direito. Eu acho que parte da coisa é o que eu vi. Tipo,

quando eu vi você carregando as sacolas de supermercado.
— Que romântico.
— Eu achei o máximo ver você com aquelas sacolas. Sabe, as suas amigas comprando roupas e coisas e você indo no super. Achei muito especial. Depois eu olhava o seu jeito de fazer tudo, sabe? E alguma coisa me disse que você era assim como você é. E depois eu consegui conversar com você, pela internet, e fui vendo que você era tudo que eu imaginava que você fosse. E foi assim mesmo, sério. E eu fui conhecendo você, e achando você muito legal, e então eu fiz essa música, Garota internet, pensando em você, e virou o sucesso da banda. Você gostaria de ver como é a letra?
— Você tem essa cópia aqui com você?
— Tenho. Quer ler?

Se eu queria ler? Claro que sim. Eu sou curiosa, e estava morrendo de vontade de ler. A música contava como ele um dia viu uma garota na rua e se encantou e então começou e pensar jeitos e jeitos de falar com ela, e conhecer melhor, e que ele é super tímido, e que isso era muito difícil, mas que a internet tornou possível ele conversar com ela, navegar com ela. Eu achei a letra linda, mas claro que eu era suspeita pra falar, porque era eu mesma a Garota internet.
— Todo mundo na banda quer conhecer você.
Fiquei quieta um instante, pensando naquilo tudo.
— Você não gostou?
— Não é isso, Daniel. É que é tudo meio estranho, e eu não sei o que dizer.
— Eu queria que você entendesse uma coisa. É importante pra mim.
— O quê?
— Que o que eu queria mesmo, mais do que você dizer isso, ou aquilo; o que eu queria mesmo era fazer o que eu já estou fazendo. Falar com você, mostrar tudo. Eu não aguentava mais ficar sem dizer tudo isso, colocar pra fora, entende?
— Acho que sim.
— Não é que pra mim seja indiferente o que você sentir daqui pra frente. Mas eu já me sinto muito aliviado, porque consegui falar essas coisas pra você. Já me sinto meio herói.

— E como foi que você fez tudo isso? Como você descobriu o meu grupo na internet?
— Ah, isso foi o Hack.
— Hack?
Ele me explicou sobre o Hack, e disse que um dia me apresentava, se eu quisesse. Depois me falou da banda, que eles estavam fazendo um monte de shows, e que um dia desses eu podia ir ver um, e a gente ficou ali conversando, e eu só escutando a voz dele, e a minha, e parecia tudo tão longe, como se não fosse com a gente, como se aquilo não estivesse acontecendo.
— Cláudia?
— Desculpe, o que aconteceu?
— Eu estava vendo que você parecia meio desligada, quis saber se estava tudo bem.
— Tudo bem.
— Olha, eu acho que o nosso tempo está se esgotando. Vamos passear um pouco pelo cais antes de ir embora?
Aquele garoto era estranho. Nós caminhamos pela beira do cais, e pra cada navio ele inventava uma história. Um era da Libéria, e ele disse que aquele navio tinha chegado ao Brasil cheio de refugiados que agora eram escravos em fábricas de sapatos; um outro navio era de Cingapura, e ele disse que lá as pessoas vão presas por comer chicletes, e que este navio tinha vindo ao Brasil buscar um carregamento ilegal de Babaloo, e eles iam inundar o país deles de chiclete e ninguém ia poder caminhar pela rua sem se grudar todo, e assim foi até o fim do cais, e eu fiquei meio triste quando não havia mais cais nem navios e era hora de a gente voltar.

No caminho de volta a gente não se falou. Na hora em que ele me deixou em casa, ele disse que havia esse filme hoje à noite, que tal a gente ir ver, que ele achava que eu iria gostar, e eu disse que ele me ligasse, que eu ia ver como estavam as coisas em casa, e eu falei que tinha me divertido muito, e que achava que ele era um cara muito legal. Ele não falou nada de volta, simplesmente me olhou e foi embora. Antes de entrar em casa eu dei uma última olhada na bundinha dele, que não era nada má, só pra não parecer que eu era total santa. Aliás, no

caminho deu pra notar que ele tinha umas coxas muito legais, com a calça apertando porque a gente estava na moto eu podia tocar de leve, assim, porque tinha que me segurar em alguma coisa, não é mesmo, e dava pra sentir umas pernas de homem bom. Claro que a nossa relação era total intelectual e de amigos, mas nunca faz mal a gente ter amigos interessantes, era o que eu achava.

Em casa a Dea me olhou e não disse nada. Eu falei que tinha sido muito legal, que a gente tinha ido ao porto olhar navio. Ela riu. Depois falei que talvez, talvez, a gente fosse ao cinema hoje, mas era só talvez. Talvez uma ova, eu sabia que ia. Não tinha nada de especial pra fazer, e o Daniel tinha parecido ser um garoto bem legal. Ele ia entender que eu não queria nenhuma relação mais séria, que eu tinha outras coisas pra pensar. Acho que ele ia entender.

Logo que eu cheguei a Carla ligou.

— Mulher! Um cara desses, e logo você é que encontra! Como, onde, quando, por que, de que jeito, o que você vai fazer?

— Carla, calma. Não é nada disso. Ele é só um garoto que eu conheci pela internet. A gente gosta das mesmas poesias, é só isso.

— Desde quando você gosta de poesia?

— Não vem ao caso.

— Cláudia, poesia é aquele garoto. Eu, por mim, ia declamar ele todinho. E que tal, o cara é bom?

— Carla, a nossa relação é total de amizade. Por que você é tão pervertida?

— Ótimo. Você vai ser amiga dele, e eu só quero ser a amante. Mande bala: qual é o telefone do rapaz?

— Carla, eu não sei o telefone dele, e não daria se tivesse. Ele não é esse tipo de homem.

— É homem bom. Isso é o que interessa. Bom, pelo visto você já está bastante interessada. Deus é injusto. Dá um Santoro desses pra quem não tem dente. Bom, vou com as meninas até a casa da Lara hoje. Quer vir junto?

— Não posso. Tenho que ir ao cinema.

— Argh! Com ele?

— Hum, hum.

— Eu mato você. Um dia eu mato.

— Galinha.

— Freirona.

— Vadia.

— Reclusa.

A gente deu tchau e logo depois ele ligou. Eu falei pra ele passar aqui às oito e meia e me pegar. Falei pra Dea que ia me arrumar, e fui pro quarto. Pensei que o mais seguro era colocar umas calças total não me peguem, porque a gente nunca deve procurar problemas onde eles ainda não existem. Só que então eu vi essa sainha que eu ainda nem tinha usado, e me deu total dúvida, e eu já estava vestida e tudo, mas deu vontade de colocar. Então eu desci pra falar com a Dea, e vi que já estava em cima da hora, e o meu pai chegou e eu dei um beijão nele e disse que ia sair, e ele olhou a minha saia e disse que dava pra ver a bunda e onde eu ia desse jeito, e eu falei que ia ao cinema com um amigo, e quando eu falei um amigo parecia que ele ia ter um troço, e perguntou se eu ia a algum lugar com um amigo e essa saia, e eu disse que não, que tinha decidido colocar uma calça, porque afinal, de moto fica complicado usar saia, e o meu pai disse, "Moto!" e bem nessa hora o Daniel chegou. A Dea estava ocupada na cozinha, e o meu pai ali, fazendo nada, e eu precisava trocar de roupa com urgência, então apresentei o meu pai pro Daniel, e pedi pra o meu pai fazer sala pra ele um pouco, enquanto eu me vestia.

Subi correndo, e cada coisa que eu colocava em me achava total jeca, e decidi pedir socorro e liguei pra cozinha pelo interfone, pra pedir ajuda pra Dea. Ela disse que a massa ia passar do ponto, mas se era uma emergência tudo bem, que ela subia.

— Você quer que ele agarre você ou prefere começar uma bela amizade?

— Acho que eu quero mais é amizade.

— Bom, a vida é sua. Esta calça, essa blusa, essa jaqueta, nada daquele perfume porque ele é um perigo, uma coisa pra prender o cabelo.

Coloquei tudo que ela mandou.

— Hum, ficou ótima. A que horas chega o Daniel?

— Já chegou. Pedi pro pai tomar conta dele.

— Você o quê?

— Pedi ao pai para tomar conta dele. Nada de mais.
— Você é maluca? Coitadinho, seu pai deve estar torturando o garoto. Acabe com isso rápido. Vou lá pra ver se ainda dá pra fazer alguma coisa.

Quando eu desci, o meu pai estava sentado, com o rosto vermelho, explicando pro Daniel que moto era uma maluquice, que ele achava que ninguém com um pingo de bom senso podia andar por aí de moto, que era um perigo, e o Daniel, coitado, nem conseguia dizer nada. Na hora que eu entrei, a Dea estava tirando uma foto de uma gaveta. Ela mostrou a foto discretamente pro meu pai, e ele parou de falar e disse que precisava ligar pra um cara. A Dea não parava de rir, e eu olhei a foto. Era o meu pai, super moço. De moto, claro. A gente riu juntas, e o pobre Daniel não estava entendendo nada. A Dea disse que estava na hora, que era melhor a gente ir logo, e me disse no ouvido que ia dar um jeito no meu pai, que eu não me preocupasse. Eu não estava preocupada, porque aquilo tudo me parecia meio total maluquice do meu pai, quero dizer, que tem de mais eu ir a um cinema com um garoto, total inocência e tal. Bom, o meu pai pode ser um cara estranho e não era hora de pensar nisso. Eu tinha olhado pro Daniel e ele estava com outras calças, mas felizmente justinhas de novo, e uma jaqueta total fashion, e bem interessante, pra um amigo, quero dizer.

O filme era muito legal. Uns caras assaltavam um banco, tudo dava errado e eles tentavam descobrir o que tinha acontecido. Só a gente ficava sabendo o que tinha acontecido com eles, que um dos caras do bando era um policial disfarçado. O legal do filme era que a gente conhecia a história de cada um daqueles caras, e uns eram total do mal, outros eram só uns idiotas que tinham dado errado e nunca entendiam o que estava acontecendo. Um filme muito bom, foi o que eu falei pro Daniel. Ele disse que era um alívio saber disso.
— Por quê?
— A minha última namorada só queria saber de filme água com açúcar. Não deu certo.
Como seria a última namorada dele? Bonita? Resolvi falar de outras coisas. A Dea me falou que ex nunca pode ser assunto. Deixe o cara esquecer, que é melhor pra todos.

A gente foi até o mesmo café em que eu tinha ido com a Dea. Estava bem cheio, e nossa mesa era na porta e dava pra ver todo mundo que entrava. Se desse pra cobrar ingresso a gente ia ganhar uma grana, foi o que eu falei e ele riu. Disse que havia um monte de jornalista naquele bar, e que ele um dia ia ser um também.
— Como foi na sua família, quero dizer, você mudou de faculdade, não foi?
— Ainda não. Tenho que fazer vestibular. Mas vou ser jornalista, e denunciar todo mundo e acabar levando um tiro.
A gente riu.
— Já é um projeto de vida, Daniel.
— O meu outro projeto é a banda. Eu acho que toda essa coisa que eu tenho com poesia eu posso resolver escrevendo letras. Acho que não sinto vontade de publicar nada, só de fazer letras. E depois, quando eu for jornalista, então eu vou precisar escrever um monte.
— Engraçado você querer isso.
— O meu pai é um escritor frustrado. Ele virou juiz e nunca teve tempo. Ou coragem.
— Mas você precisa coragem pra ser escritor?
— Eu até acho que nem tanta. Pra ser juiz precisa mais. Mas o meu pai não sabe disso. E você? O que você quer fazer?

Eu comecei a falar sobre os meus planos de ser cientista que nem o meu pai, e não parei mais. Eu acho que o Daniel tem essa coisa, ele faz a gente se sentir à vontade. Ele não é um garoto como os outros. Então eu falei mesmo, direto, e depois me lembrei que tinha uma coisa que a gente precisava falar, mesmo que fosse meio complicado.
— Daniel, tem uma coisa.
— Eu sei.
— Eu acho você muito legal. E gosto de estar aqui com você. Mas tudo isso sempre acaba em confusão porque o pessoal não entende que eu não quero me envolver agora, que eu tenho outras coisas pra pensar, entende?
— Acho que sim.
— Eu gostaria de continuar conversando com você, vendo você, mas

eu tenho que ser sincera e lhe dizer que eu não sei se vai rolar o clima que você talvez esteja esperando e isso pode ser um problema depois, então eu quero falar sobre isso agora, antes que a gente provoque alguma tragédia.

Ele ficou quieto um tempo. Depois me disse que entendia.
— Eu acho que as coisas não são assim, prontas. A gente se conhece e descobre coisas. Você foi sincera e eu agradeço a você, porque eu sei que não é muito fácil. E eu vou ser sincero. Não sei se isso vai funcionar, porque eu sei que sinto outras vontades com relação a você. Mas acho que dá pra gente continuar se vendo. Se a coisa deixar de ser boa pra um de nós, é só falar e a gente para. Se eu achar que não está sendo bom pra mim eu falo pra você.
— Sim. Acho que é isso que eu queria.
— Bom, então a gente concorda.

Depois daquilo ele ficou quieto, e eu fiquei pensando que podia ter feito uma bobagem, mas esse é o meu jeito, e eu não posso fazer nada, é e pronto. Ele ficou meio quieto o resto do tempo, até a gente chegar em casa. Eu fiquei meio pensando se ele ia me dar um beijinho, e até não tenho nada contra, desde que não fosse assim muito demais e tal. Mas ele só olhou pra mim, e disse que tinha sido um dia fantástico, que ele achava que não ia dormir, talvez fosse escrever alguma coisa, e que achava muito bom mesmo ter tido essa chance de a gente se conhecer. Eu disse que tinha sido muito bom pra mim também.
Ele ficou um tempo pensando, e disse que na sexta a banda dele ia fazer uma apresentação, que ele gostaria muito que eu fosse.
Eu fiquei com um pouco de medo. E se a banda fosse muito ruim, como um monte de banda dos meus colegas? Depois a gente fica sempre sem jeito de dizer alguma coisa. Mas amigo é pra essas horas, e eu tinha mais é que ir mesmo. Disse que claro, que adoraria, e ele pareceu ficar bem feliz.

Entrei em casa cuidando pra não fazer barulho, mas deu pra ver que o meu pai estava sentado na poltrona, lendo, na posição que ele sempre fica, com as pernas no sofá da frente. Eu dei um oi pai pra ele, e ele sorriu de volta. Um sorriso meio triste na minha opinião, e fez sinal pra eu não fazer barulho, e eu vi que a Dea estava dormindo no sofá, abraçada na perna dele, e eles eram o casal mais fofo que vocês podem imaginar. Eu fiz sinal pra ele que ia dormir, e ele deu um tchau. Acho que aquilo estava sendo difícil pra ele, quero dizer, eu saindo com um garoto e tal. Eu não entendi direito por que, afinal eu saía com outros garotos, não sei o que havia com o Daniel que deixava ele assim. Homens são um mistério, como diz sempre a Dea.
Antes de dormir eu lembrei de uma coisa engraçada. No bar, quando eu estava com o Daniel, eu olhei em volta e deu pra perceber que o mulherio estava olhando direto pra ele, inclusive umas mulheres bem mais velhas, total coroa. Estranho aquilo, porque ele até não era mau, mas também não me parecia tão Pitt assim. Mas as mulheres são um mistério, como diz sempre o meu pai.

Até o dia do show o Daniel me escreveu um mail por dia, todos os dias, às vezes mais de um mail, a coisa mais querida. A gente não se viu ao vivo, porque ele estava ensaiando direto, e eu tinha coisas pra resolver, porque eu queria comprar um computador novo pra Dea, e a gente passou um super tempo examinando um monte de máquinas diferentes, e então eu nem tinha muito tempo pra pensar, mas era legal porque todos os dias eu abria o meu mail e encontrava alguma coisa que ele tinha mandado. Ele era atencioso, isso era.

— Gostoso, isso é o que ele é.
— Carla, não dá pra você entender uma relação espiritual?
— Quer que eu mostre pra você onde está o espírito dele? E onde devia estar o seu, se tivesse um pingo de bom senso?
— Carla, a vida não é só sexo, sabia?
— Cláudia, me dê o telefone dele. Me diga qual é o signo do garoto e eu mostro pra ele que Sagitário é exatamente o que ele precisa. Não uma virgem que nem você. Inclusive no signo. Que desastre.
— Eu adoraria dar o telefone dele pra você, mas eu acabo de lembrar que esqueci. Uma pena, não é mesmo? Mas se você quiser, pode vir ao show comigo.
— Que show?
— A banda dele, vai dar um show sexta-feira. Que tal?

— Com você junto, nada a ver. Eu prefiro agarrar garotos longe das minhas amigas.
— Que garoto?
— O Mike. Um garoto americano em férias por aqui. Não falei dele pra você?
Pronto. Já havia assunto de sobra e a gente falou uma hora, pelo menos. O meu pai enlouquece com a conta, mas o telefone é meu. Comprei com a herança que a minha mãe deixou. A Carla pode ser uma total tarada, mas a gente se diverte demais, e eu fui dormir com dor no ouvido, de tanto grito.
Na sexta eu fiz todas essas coisas e passei o dia pensando em como ia ser o show. Eu estava mesmo com medo de a banda ser uma merda e eu ter que dizer pra ele, direto. Não sei se vocês já experimentaram esse negócio de ser sincero, mas eu posso garantir que é dureza.
O meu pai fez questão de me levar até o lugar do show. Isso era engraçado, porque eu sempre fui de táxi, com amigas, ou com o pai delas. O meu pai sempre disse que a gente tinha que ser autônomo. Ele me levou, olhou o lugar, perguntou se eu tinha dinheiro, e disse que qualquer coisa era só ligar. Ele não disse mais muita coisa, só me deu um beijo e foi embora. A Dea tinha perguntado se eu queria que ela fosse junto, mas eu disse que não, que estava tudo bem. Sob controle, capitão. Eles estavam era me deixando nervosa, isso sim, com todos aqueles cuidados.

O bar era muito legal, muito melhor do que eu esperava. O porteiro tinha o meu nome numa lista, como o Daniel tinha avisado. Nada de fundo de quintal, nada de garagem, como as bandas dos garotos da aula. Aqui o negócio era outro. Eu entrei e já tinha muita gente por lá, garotos e garotas mais velhos do que eu, e eu me senti total trouxa, sem conhecer ninguém, só um pessoal que eu conhecia de vista do colégio. Mas eu resolvi assistir ao show e mais nada. Pedi um refrigerante qualquer, eu até queria cerveja, mas ali eles iam pedir identidade e ia ser total vexame. Nem precisei esperar muito, porque um sujeito subiu ao palco e disse ao pessoal que agora, com eles, Insônia.

A banda entrou arrasando. Engraçado, mas eu esperava uma bandinha, total fora de tom, e o pessoal era bom pra caramba. Eu vi que eles tinham uma garota no baixo, e ela era muito boa, fera mesmo. E quando o Daniel começou a cantar, a galera veio abaixo. Pelo menos foi o que eu achei. O pessoal conhecia as letras, e isso é meio raro. O som deles era pesado, mais pro hardcore, mas era dançante e o pessoal pegou direto. Eu comecei a me divertir. Eu não conhecia ninguém, dava até pra chutar um pouco os garotos mais chatos que chegavam por perto. Eu estava total animada quando o Daniel disse que a próxima música ele tinha feito pra uma garota muito especial, e que ele agora ia cantar a Garota internet, e o pessoal veio abaixo. Só que ele disse que a garota deveria estar por ali, em algum lugar, e que ele gostaria muito de me ver, antes de começar. Ele pediu que se eu tivesse vindo, que eu aparecesse, mostrasse onde estava.

Imaginem a cena. Um monte de gente olhando ao redor, tentando me achar, e eu ali, querendo sumir. Mas não tinha jeito, então eu cheguei mais perto do palco e ergui a mão, mostrei pro Daniel que eu estava ali, bem na frente, e o pessoal zoou direto comigo, mas o Daniel abriu o maior sorriso e começou a cantar, "Naveguei o ciberespaço pra chegar até você, Garota internet" e eu achei aquilo tão o máximo, quero dizer, era muito legal, muito bonito mesmo, que eu nem liguei mais se o pessoal estava me olhando e achando o que quisessem. Danem-se, é o que eu pensei. This is the internet Girl, navigating in cyberspace. Danem-se os que não gostarem. Foi assim mesmo que me senti, sem dar a mínima pra todo mundo, e o Daniel foi cantando, e mais umas músicas e uns bis depois eles saíram do palco, e todo mundo aplaudiu direto, e o pessoal do bar começou com som pra dance, e eu fui até atrás do palco pra dizer ao Daniel e ao pessoal que tinha achado D+ o show deles, pra dizer isso antes de pedir um táxi e ir embora.
— Daniel, achei duca. Pessoal, duca.
— Ei, Garota internet, é ela, pessoal.
A banda fez a maior festa. Eles estavam total animados, é óbvio. Eu estaria também, se fosse eles, com o sucesso e tudo.
— Cláudia, gostou?
— Claro. Nossa, achei total demais, muito bom. Morri de vergonha, mas achei duca, sério. Eu queria dizer isso antes de ir embora.

— Ir embora? Não, você não pode fazer isso. A banda quer pagar uma coisa pra você. Você nos trouxe muita sorte.
— Não sei.
— Eu sei. Fique mais um pouco, depois eu levo você. Por favor?
Eles estavam tão animados que eu nem quis dizer que não. A gente ficou por ali, atrás do palco mesmo, enquanto eles desmontavam as coisas e se arrumavam pra sair. Eu tomei uma cerveja com o Daniel, e a gente brindou ao sucesso deles, e eu disse que eles iam ganhar muito dinheiro e pegar muitas mulheres.
— Você acha?
— Daniel, se você tivesse visto o que eu vi. O mulherio quer você todinho.
— Isso não tem nada a ver.
Ele parecia incomodado com aquilo, e eu não entendi.
— Daniel, todo mundo gosta de ser símbolo sexual. Qual é o problema?
— Eu não quero ser nada disso. Eu não tenho nada a ver com essas garotas. Pelo menos quando eu tinha namorada ela ajudava a tirar essas garotas do meu pé.
— Ela fazia isso?
— Ajudava ter uma garota por perto, pra impor respeito.
— E agora?
— Agora você está vendo. Acho que porque eu sou vocalista, porque apareço ali na frente, tem muita gente que resolve chegar mais perto do que devia.

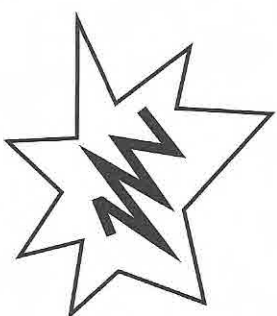
Porque você é vocalista coisa nenhuma, fofo. Você diz isso porque ainda não viu a sua bundinha. Quero dizer, claro que eu já tinha percebido que ele era uma gracinha também. Eu só não dava muita importância pra isso porque a gente tinha outras coisas pra pensar, quero dizer, a relação do Daniel comigo era muito mais cabeça, a gente não ligava tanto assim pra corpo, entendem?
— Daniel, quer que eu mostre a você como eu sou sua amiga? Eu posso fazer um favorzão pra você?
— Qual?
— Ajudo você a tirar esse mulherio do seu pé. Apenas porque eu sou sua amiga, que tal?
— Acho ótimo. Mas o que você está pensando?

Eu tinha tido essa ideia meio maluca. Acho que porque eu tinha me divertido muito, e acho que eu estava um pouquinho fora do mundo, então eu disse pra ele chegar mais perto, que eu ia mostrar. Ele chegou mesmo, sem entender nada, total panda, coitadinho. E eu mandei ver o maior beijo nele, ali mesmo na frente de todo mundo.

No começo ele levou um susto. Deu pra ver que não esperava por aquela. Mas ele logo se recuperou e me beijou de volta.
Nossa! Rapaziada, aquele homem beijava demais. Ele, com aquele jeitinho de urso panda deixava no chinelo toda a homarada que eu já tinha beijado na minha vida. Mais de quinze, pelas minhas contas.
— Daniel!
— O que foi?
— Nada. Eu só não, eu não esperava, bom, esqueça. Tá tudo bem?
— Bem? Você chama isso de bem? Isso é o máximo. Essa foi uma grande ideia sua. E eu tenho certeza de que vai dar certo.
— O que vai dar certo?
— Esse truque. De a gente se beijar pra afastar as outras garotas. Grande ideia a sua.
— Que bom que você gostou.
Será que era só por isso que ele tinha me beijado? Eu tinha começado por brincadeira, mas agora não sabia, não. Tinha sido bom demais.
— Cláudia.
— Sim?
— Se não fosse abusar da sua boa vontade, eu acho que tem um monte de garota lá no fundo que não conseguiu ver a gente se beijando.
— Você acha?
— Tenho certeza.
— Você acha que a gente precisa repetir?
— Só pro pessoal do fundo não ter dúvidas. Sabe como é dúvida.
— É, dúvida é uma droga.

A gente se beijou até ter certeza que o pessoal do fundo tinha visto mesmo, e vocês sabem que certeza, certeza é coisa demorada. Depois

a gente achou que o pessoal do mezanino não tinha visto nada, e precisou se beijar pra eles. Aí nós lembramos de todo o pessoal que devia ter estado no banheiro enquanto a gente se beijava, e então nós decidimos que eles também precisavam ser atendidos, e eu já estava com cãibra de tanto beijo, e nunca tinha gostado tanto.
— Cláudia, tem uma coisa que eu gostaria de dizer pra você, mas não agora.
— Eu sei o que é. Não precisa dizer.

Não precisava. A gente só se beijou mais um pouco, e eu sabia muito bem que eu não queria mais nada. Estava tão bom assim, por que complicar? A gente ajudou a banda a carregar tudo na Kombi de um deles e fomos pra casa. Era tarde, e dessa vez o meu pai não estava na sala, tinha deixado um bilhete falando que eles tinham deixado umas coisas pra mim na geladeira, se estivesse com fome.

Eu estou na sala da minha casa. A Dea está jogada no sofá, lendo. O meu pai quer que ela venha morar com a gente, e eu acho que seria muito legal. Eu falo sobre tudo com a Dea, e é tão bom poder conversar com uma pessoa que entende, que ajuda. Ela ajuda com ideias, com conselhos, tipo quando eu andei fazendo umas ceninhas de ciúmes, coisas idiotas, só porque sempre tem alguma garota dando em cima do Dani, e eu fico descontrolada. Ela me diz que a gente tem que confiar em quem gosta da gente, que o que interessa é a qualidade da relação, que em vez de ter medo dos outros, a gente tem é que ser bom, tão bom que a pessoa que está com a gente não queira mais nada. Acho que ela está certa, mas é que todo mundo é assim, quero dizer, faz cenas de ciúmes, parece que se a gente não faz isso é porque não gosta. Porque eu gosto dele, gosto mesmo. Como gosto.

O Dani e o meu pai estão voltando da garagem agora, e a Dea diz pra eles não sujarem a sala toda, mas eles querem assistir a um jogo de futebol que está passando na tevê e dizem que não vão sair dali, que a casa também é dos homens.

O Dani está ensinando o meu pai como a gente faz pra pintar paredes. O meu pai inventou que quer reformar umas coisas da casa, ele mesmo, e o Dani tem uma super experiência nessas coisas.
No começo não foi fácil. O meu pai tratava o Dani total mal, e o Dani, coitadinho, não fazia nada, e ainda achava o meu pai o máximo. Um dia o meu pai chegou em casa e viu o Dani e eu no sofá, e ele estava lendo uns poemas do Borges em voz alta pra mim, mexendo no meu cabelo, e o meu pai entrou e ficou ali olhando um pouco, e eu achei que ele ia de novo dizer alguma coisa rude pro Dani, mas não foi nada disso. Ele só perguntou se o Dani gostava de Drummond. É como perguntar pra criança se gosta de chocolate. Os dois começaram a conversar sobre Drummond, e Borges, e Manuel Bandeira, e acho que o meu pai nunca tinha conhecido um garoto culto antes, porque se tomou de amores pelo Daniel e eu tive que ir lá e buscar o meu namorado de volta à força.

Meu namorado. É engraçado falar assim. Quero dizer, eu nunca tinha namorado, namorado ninguém de verdade. É uma coisa tão incrível. Claro que namorar o Dani é uma coisa bem diferente. Quero dizer, ele não tem nada a ver com os outros garotos que as minhas amigas namoram, e por isso eu saio mais com os amigos dele. E fico muito em casa, com a Dea, com o meu pai, e ele. Eu saio com a Carla de vez em quando, pra zoar um pouco, pra lembrar que eu sou uma garota normal e tenho que fazer umas coisas meio trouxas de vez em quando. Mas isso eu só sinto vontade de fazer de vez em quando, quase nunca.

Com o Dani eu passo um tempão. Um dia em entrei na sala da minha turma da internet e levei ele junto. O Zé ficou muito chateado, coitado, mas o resto da turma achou ótimo, e a gente se reúne quase todos os dias.
O Dani e eu, a gente conversa um monte, e a gente lê um monte e fala das coisas que lê. E a gente vai ao cinema, e sai pra dançar. De vez em quando a gente escolhe um lugar menos garotada pra dançar e a Dea e o meu pai vão junto. É muito divertido. O meu pai, coitado, parece um dinossauro dançando, mas a Dea dança pra caramba.
As coisas ficaram muito legais assim.

Hoje a gente está nessa calma, mas tem coisa no ar. Mais tarde, no fim do dia, a Dea e o meu pai vão pra serra, passar o fim de semana. A coisa foi assim. Eles tinham ido ao cinema, e o Dani e eu ficamos em casa, e ele estava lendo pra mim quando me deu vontade de chegar mais perto dele. Eu cheguei mais perto, e claro que me deu vontade de dar uns beijos no melhor beijador do planeta. Uma coisa leva a outra, como diz a Dea, e então eu achei que ia ser perfeito se eu abrisse a blusa e pedisse a mão do Dani emprestada, só pra deixar ela no meu peito, assim, num carinho bem gostoso. E claro que foi bem nessa hora que a Dea e o meu pai chegaram, porque não tinham conseguido lugar no cinema. O Dani quis tirar a mão, mas eu não deixei, só fiz que não e segurei ali mesmo. Meu pai olhou pra mim, eu olhei pra Dea, Dea sorriu pro meu pai e puxou ele pra cozinha, porque ela estava morrendo de fome e ela falou que tinha que ser o meu pai a fazer um sanduíche pra ela, porque só ele consegue cortar o pastrami daquele jeito tão fininho. Eu adoro a Dea, sério.

O Dani ficou meio chateado, eu disse a ele que não havia nada pra se preocupar, que a minha família é ótima e aqui tudo é diferente, e as pessoas se gostam de verdade e tentam entender as outras, entende?

Parece uma coisa total disney, eu falando assim, mas é mesmo. Eu resolvi ir até a cozinha, para ver como estavam as coisas, e o meu pai perguntou se eu e o Dani queríamos um sanduíche também. Eu dei um beijo nele e disse que não.

Isso foi ontem, e hoje a Dea veio me anunciar que eles dois iam pra serra passar o fim de semana, e que esperavam que eu cuidasse bem da casa.
Eu sei o que eles querem dizer com isso. Querem dizer que entendem que a casa é de todos, que talvez eu e o Dani, que a gente também precise de um espaço e um tempo só pra gente, e que eles querem deixar bem claro que respeitam a gente e que não querem interferir em nada, bem como eu fiz com eles.

Eu ainda nem sei, mas pedi pro Dani buscar uns filmes bem bons. Pra ele, filme bom é aquele tipo de filme que estraga o dia da gente, mas eu não me importo, e também gosto. Eu gosto de uns love stories de vez em quando, e pedi pra ele trazer uns também. Depois eu fui na locadora e tirei uns filmes que eu mesma escolhi. Daí em diante é só deixar as coisas seguirem normalmente, sem planos, porque eu não gosto de planejar demais a vida, acho que a gente precisa de umas surpresas de vez em quando.

Fico olhando pra eles, pra minha família querida, e penso em como eu acho eles especiais. E acho que são mesmo, do jeito deles. Eu disse que ia fazer o jantar hoje, e estou aqui, tentando sozinha, fazendo penne ao suco. Penne é um tipo de massa, pra quem não sabe.

Agora pensei numa coisa engraçada. Um dia desses, eu vou descer aquela escada pro café da manhã, bem como o meu pai e a Dea fazem todo dia, ela toda embrulhada num dos pijamas dele, que ficam enormes pra ela. Um dia desses vai ser a minha vez de descer a escada, e talvez o Dani desça comigo. O que eu pensei e achei engraçado foi imaginar a gracinha que o Dani ia ficar, daquele tamanho todo dele, metido num dos meus pijamas. Uns pijamas horrorosos cheios de Garfield que a minha avó trouxe de Miami.

Fico ali rindo um tempo, e depois me lembro que a massa pode passar do ponto, e que eu não sei qual é o ponto. Peço ajuda pra Dea e ela vem ajudar. É pra isso que serve a família, eu penso. Pra ajudar a gente a fazer massa no ponto, e pra ajudar a gente a ser feliz.

Este livro, composto em LettrGoth12BT e em Times New Roman,
foi impresso em *offset* 90g, pela Gráfica Pallotti.

Marcelo Carneiro da Cunha
é jornalista, trabalha com
textos, internet, roteiros,
e escreve livros.
Mora em São Paulo.